



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

COMISSÃO DE MINAS E ENERGIA		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0571/13	DATA: 22/05/2013
INÍCIO: 10h22min	TÉRMINO: 15h34min	DURAÇÃO: 05h12min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 05h12min	PÁGINAS: 112	QUARTOS: 63

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER - Presidente da Petróleo Brasileiro S.A. – PETROBRAS.

SUMÁRIO: Debate sobre o desempenho da Petrobras S.A. e esclarecimentos sobre a aquisição da Refinaria de Pasadena, no Texas, EUA.

OBSERVAÇÕES

Houve exibição de imagens.  
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis e ininteligíveis.  
Há oradores não identificados.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Declaro aberta a audiência pública conjunta das Comissões de Minas e Energia, de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, de Trabalho, de Administração e Serviço Público e de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio sobre o desempenho da PETROBRAS S.A., esclarecendo sobre a aquisição da Refinaria de Pasadena, no Texas, Estados Unidos da América, e em atendimento ao Requerimento de nº 167, de 2013, da Comissão de Minas e Energia, dos Deputados Carlos Zarattini, Arnaldo Jardim, Adrian, Fernando Francischini, Antonio Imbassahy, Sandro Mabel, Dr. Ubiali, Ronaldo Zulke, Renato Molling, Afonso Florence, com a participação da Sra. Maria das Graças Silva Foster, Presidente da Petróleo Brasileiro S.A. — PETROBRAS, que já tomou assento à Mesa.

Inicialmente gostaria de cumprimentar todos os presentes, em especial a Sra. Maria das Graças, Presidente da PETROBRAS.

Informo que a lista de inscrição para os debates está aberta e o Deputado que desejar interpelar a convidada deverá dirigir-se primeiramente à Mesa e registrar seu nome.

Informo ainda que a convidada não deverá ser aparteada no decorrer de sua exposição. Somente após encerrada a exposição, os Deputados poderão fazer seus questionamentos, tendo cada um o prazo de 3 minutos e a interpelada igual tempo para responder, facultadas a réplica e a tréplica pelo mesmo prazo.

Com a palavra a Sra. Maria das Graças Silva Foster, Presidente da PETROBRAS.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Bom dia a todos os Srs. ilustres Deputados e a todos os presentes.

Minhas saudações especiais ao Presidente da Comissão de Minas e Energia, Exmo. Deputado Eduardo da Fonte. Ao Sr. Deputado Ângelo Agnolin, minhas especiais saudações e meus agradecimentos pela oportunidade de estar aqui apresentando informações sobre a PETROBRAS, de forma bastante objetiva, direta e pronta para atender as indagações de V.Exas., no momento em que o Presidente da Mesa julgar devido.



Vou falar do desempenho da PETROBRAS no primeiro trimestre; das perspectivas para o ano de 2013, o ano em curso; do Plano de Negócios e Gestão da PETROBRAS, nesse período 2013-2017, e alguns tópicos desse plano.

Vou falar também da PETROBRAS e seus pares. Quando falo em pares, refiro-me aos parceiros, às grandes companhias operadoras, para que a gente possa fazer uma avaliação da PETROBRAS e daqueles que muitas vezes trabalham em parceria conosco.

Primeiramente nós vamos mostrar o desempenho de nossa companhia no primeiro trimestre deste ano.

Estamos sem imagem. *(Pausa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Peço agilidade para que seja restabelecida a imagem o mais rápido possível. *(Pausa.)*

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Vamos falar sobre o desempenho da companhia.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Começamos do primeiro trimestre do ano de 2013, dados esses informados ao mercado recentemente.

Região Norte. Nós temos uma produção de líquidos de petróleo em mil barris por dia, praticamente em nível.

Ano de 2012 com o primeiro trimestre de 2013. Se compararmos o ano de 2012 ao ano de 2013, nós temos um crescimento de 11% do valor do investimento da PETROBRAS, considerando o ano passado para o ano em curso.

Temos atividades exploratórias importantes na Região Norte do País, de tal forma que a atividade de desempenho da produção possa continuar acontecendo à luz dos bons resultados da atividade exploratória.

Região Nordeste. Apresentamos ao mercado, como resultado do primeiro trimestre em linha, no ano de 2012 com o ano de 2013, os investimentos programados para o ano de 2013 de 6 bilhões de reais para a Região Nordeste. Ou seja, não há redução de investimento nem na Região Norte nem na Região Nordeste. Muito mais importantes são as atividades exploratórias que nós temos em curso, aprovadas, e no nosso Plano de Negócios para a Região Nordeste. Nós



temos descobertas relevantes, já obtidas, que estão sendo trabalhadas no período de janeiro de 2012 a março de 2013.

Poços exploratórios. Foram perfurados 13 poços no primeiro trimestre e 43 poços serão perfurados em 2013, sendo que 34 desses poços em terra. Então, a atividade exploratória é muito importante para dar continuidade à atividade de petróleo e gás na região.

Primeiro trimestre do ano de 2013, na Região Sudeste. Temos um investimento maior, no ano de 2013 em relação a 2012, um crescimento expressivo. O investimento total no Sudeste do Brasil é de 35 bilhões de reais. Nesse primeiro trimestre, comparado à média do ano de 2012, nós tivemos como planejado uma redução na produção.

Por que se planeja redução na produção? Porque temos que fazer parada programada. São paradas obrigatórias para as quais somos cobrados — e corretamente cobrados — pela Agência Nacional do Petróleo, pelo IBAMA, pela Marinha. Então, nós temos que parar para dar manutenção aos equipamentos, para dar mais segurança à atividade, mais segurança ambiental e, principalmente, mais segurança ao trabalhador.

Temos um declínio natural, que justifica esse declínio da produção. Em qualquer planeta, em qualquer lugar no mundo existe o declínio natural. Nós estamos exatamente dentro das métricas internacionais, esse declínio de 10 a 11% ano a ano. Então, quanto mais se produz mais declínio vamos ter, e para manter a produção temos que fazer um investimento vigoroso e extensivo. E mais, muito mais investimento para fazer crescer a produção.

Importantíssimo nesse primeiro trimestre, nós batemos todos os recordes de produção no pré-sal. Hoje nós batemos a produção de 311 mil barris de petróleo por dia no pré-sal. Essa coisa de falar que o pré-sal é realidade, é muito mais do que isto, porque realidade é a produção do pré-sal.

Em 2017 nós vamos produzir 1 milhão de barris de petróleo do pré-sal; em 2020, mais da metade da nossa produção estará vindo do pré-sal.

Importante ressaltar que, para a mesma produção de 311 mil barris de petróleo por dia, foram necessários não 7 anos, como nós levamos, até então, na Bacia de Santos e na Bacia de Campos, mas 17 anos, quando nós olhamos a



porção americana do Golfo do México. Nós levamos 7 anos, 11 anos para produzir esse mesmo volume na Bacia de Campos. E o Mar do Norte, para fazer 311 mil barris, não levou 7 anos como nós levamos, mas 9 anos.

Todo investimento que a PETROBRAS tem feito em tecnologia têm nos tornado cada vez mais competitivos. Por isso nós conseguimos reduzir 70 dias no tempo necessário para perfuração de um poço no pré-sal do Brasil. Cada dia custa em torno de 1 milhão de dólares, uma sonda perfurando tanto no pós-sal quanto no pré-sal, especialmente no pré-sal. Ou seja, tecnologia a favor da nossa competitividade, da nossa eficiência.

Bem, produzindo estamos e fazendo muito importantes as nossas descobertas. Não só em pré-sal, também em pós-sal, também em terra, no Sudeste, também em terra no Norte e no Nordeste.

Nós últimos 17 meses, nós tivemos 54 descobertas de petróleo e gás natural. A PETROBRAS tem o maior resultado, o maior sucesso exploratório de todas as companhias que operam *offshore*.

Nosso resultado exploratório no pré-sal é de 82% — 82% de sucesso exploratório. De cada 100 poços que fizemos, mantendo-se as médias de hoje, em 82 nós teremos descoberta. Se nós colocarmos mar, pós-sal e pré-sal, terra, no Brasil inteiro, a nossa média, o nosso sucesso exploratório é de 64%.

A última rodada, a rodada da semana passada, foi um sucesso. E mais importante do que se reconhecer como sucesso é que reconhece a própria imprensa que a licitação foi muito bem sucedida. E muito orgulho nos dá ser revelado que nós fomos os grandes campeões dessa rodada, a 11ª Rodada.

Esse é um desenho da revista *ISTOÉ Dinheiro*, que apresenta as campeãs, na leitura, na interpretação deles. É uma informação muito objetiva. A PETROBRAS forneceu o maior bônus e obteve o maior número de blocos dessa licitação, em regiões extremamente importantes do Brasil. Eu destaco aqui a foz do Amazonas. Nós estamos em parcerias importantes nessa região. Há realmente sinais bastante positivos do ponto de vista exploratório.

Nós temos como sócias nessa atividade, de todas as áreas em que a concessão foi entregue a nós, BG, BP... Várias empresas importantes, que operam no mundo inteiro, são nossas parceiras aqui no Brasil.



Ainda sobre o primeiro trimestre, saindo da área de exploração e produção e indo para o refino, o nosso refino tem batido recordes constantemente, com o mesmo número de refinarias, com o mesmo *hardware*. Nas 14 refinarias de que a PETROBRAS dispõe, nós temos conseguido cada vez mais refino.

Na capacidade de produzir *diesel* e gasolina, os refinados de forma geral, os derivados de forma geral, comparando-se o último trimestre de 2012 com o primeiro trimestre de 2013, nós crescemos 6% — nós estamos produzindo mais derivados no Brasil antes mesmo de RNEST estar pronta, antes de o COMPERJ estar pronto, antes de entrarem as duas outras refinarias —, trabalhando muito mais as flexibilidades que temos, investindo em logística e produzindo assim mais derivados domésticos e importando menos derivados.

A área de refino da PETROBRAS, o ano passado e este ano, bateu todos os recordes mundiais de fator de utilidade das nossas refinarias. Nós estamos usando 98% da nossa capacidade de refino para atender ao mercado, importar menos e fazer um resultado econômico melhor.

Nós tivemos, nesse primeiro trimestre de 2013, dois importantes reajustes de *diesel* e gasolina. A atividade de petróleo e gás é dolarizada. Os preços são referências internacionais. Por isso é muito importante que a PETROBRAS mantenha boa convergência com os preços domésticos e os internacionais, sem prejudicar, evidentemente, a capacidade de consumo, o nosso grande trunfo em toda essa história.

O Brasil tem feito um desenvolvimento econômico sustentável, e quem vende produto em grande escala percebe o poder de compra do cidadão brasileiro, em todos os níveis sociais. Nós temos grande consumo de *diesel*, grande consumo de gasolina. O consumo de gasolina no Brasil cresceu 74% nos últimos 10 anos. A média mundial não chega a 35%. Isso demonstra a capacidade de consumo do brasileiro.

Com relação ao lucro operacional, o nosso lucro operacional nesse primeiro trimestre de 2013 foi 72% maior do que o lucro operacional que nós tivemos no último trimestre de 2012. O nosso lucro líquido do quarto trimestre e desse primeiro trimestre ficou em linha, muito próximo um do outro.



Por que nós melhoramos tanto o resultado operacional? Maior margem de derivados. Nós estamos produzindo mais derivados no País e usando mais petróleo produzido no Brasil nas nossas refinarias e tivemos, sem dúvida nenhuma, como eu disse, dois importantes aumentos de preço de combustível.

Nós tivemos uma menor despesa de poços secos. Nós tivemos uma grande baixa de poços secos nos dois primeiros trimestres de 2012. Nesse primeiro trimestre de 2013, nós tivemos uma baixa, menor baixa de poços secos.

É importante dizer aos senhores também que no pré-sal nós não tivemos nenhuma baixa de poços secos nesse primeiro trimestre. Tivemos menor resultado financeiro nesse período. No ano passado, nós tivemos uma venda de títulos, e isso melhora o resultado financeiro.

Nós ficamos também muito melhores no que se refere ao endividamento líquido pelo EBITDA, que é geração de caixa. Como nós geramos mais caixa, tivemos um resultado operacional muito melhor nesse primeiro trimestre, o nosso endividamento pelo EBITDA atingiu indicadores que mostram melhor saúde financeira da PETROBRAS.

Nesse primeiro trimestre de 2013, nós tivemos uma realização do investimento. Nós efetivamente realizamos 19,8 bilhões de reais nesse primeiro trimestre.

Perspectivas que nós temos para o fechamento deste ano.

Com relação à produção, nós, como eu disse, fizemos e estamos fazendo números expressivos de paradas programadas neste primeiro semestre. No segundo semestre, essas paradas continuarão acontecendo para que nós recuperemos o excelente resultado operacional da companhia, do ponto de vista físico, operacional.

O que vai acontecer nesse segundo semestre é que nós teremos gradativamente, passo a passo, colocando este ano, pela primeira vez — nós estamos trabalhando muito forte para isso, é um grande desafio —, sete Unidades Estacionárias de Produção.

Já colocamos duas no primeiro trimestre. Estamos com uma atividade pronta para outra, a terceira, para entrar em operação agora, até o dia 28 de maio, e vamos



colocar mais quatro em operação. Ou seja, é inexorável que a produção vai crescer a partir desse segundo semestre, de forma ascendente.

Com relação às perspectivas de redução nas importações de derivados, é muito importante reduzir as importações de derivados, porque fazemos um resultado financeiro melhor. Nós temos margens muito melhores com o petróleo produzido no Brasil e com o refino que nós fazemos no Brasil. Isso traz um resultado melhor.

Nós vamos ter um aumento da demanda de *diesel* e gasolina este ano, comparado ao ano passado. Comparado com o ano passado, o *diesel* cresce 5% e a gasolina, 3,2%. Mas nós vamos fazer mais derivados no Brasil, mais 3%, como está escrito ali, e importar menos do que importamos ano passado.

Nossas refinarias estão muito melhores do que estiveram anteriormente. Nossa capacidade de produção é muito maior. E este conjunto produção maior no Brasil de derivados, ainda que nós tenhamos uma demanda maior, que é o que nós queremos...

O que a PETROBRAS faz é vender combustíveis, essa é a razão de ser da companhia, que é atender, evidentemente, aos consumidores, atender ao controlador e, certamente, aos acionistas. Então é: produzir mais, atender à demanda crescente e importar menos.

Gás e energia. Todos os mercados de gás este ano crescem: o térmico e o não térmico. A demanda está maior este ano, o que mostra o crescimento também industrial. A geração de energia elétrica no Brasil é crescente, e a PETROBRAS vem atendendo, sistematicamente, à geração de energia elétrica.

A área de exploração e produção da PETROBRAS entrega ao Brasil, aos nossos consumidores este ano mais de 3 milhões de metros cúbicos/dia de gás novo, e nós temos uma capacidade muito maior, a partir deste ano, de importar ainda mais gás natural liquefeito.

Nossos projetos na área social este ano, comparado com o ano passado, cresceram 99%. A grande motivação para isso foi exatamente o trabalho que a PETROBRAS faz quando investe na construção de 20 mil sistemas de captação e armazenamento de água, especialmente no Nordeste do Brasil. É um trabalho recente, que nós fazemos junto com o MDS, o Ministério, e a ASA.



Nós estamos investindo neste ano 200 milhões de reais para a construção de cisternas, sistemas de captação e armazenamento. Então aí tenho no eslaide todos os Estados e Municípios contemplados. Sem dúvida que o maior número de cisternas está na Bahia, 4.758. Ceará, 2.916; Minas Gerais; Paraíba; Rio Grande do Norte, 3.263 cisternas.

É um trabalho muito importante. Quem coordena esse trabalho é a área de exploração e produção da PETROBRAS. Nosso gerente executivo Mauro Mendes é o grande coordenador do projeto. Acompanhamos esses projetos como acompanhamos um projeto de perfuração de poços da PETROBRAS, por exemplo.

Plano de negócios e gestão. Os senhores conhecem bastante bem o nosso investimento: 236,7 bilhões de dólares nesses 5 anos.

No ano passado, tivemos a realização de 43 bilhões de dólares. A realização da PETROBRAS, comprometida já este ano, é de 45 bilhões de dólares. A área prioritária da PETROBRAS, sem dúvida nenhuma, de exploração e produção: 147,5 bilhões de dólares. Segue o abastecimento por conta dos *upgrades* de refinaria da construção das novas Refinarias Premium I e Premium II: 64,8 bilhões de dólares. Assim como gás, energia, distribuição, PETROBRAS biocombustível e área internacional.

Investimentos em alto volume. Desde 2000, 2003 principalmente, temos conseguido manter esses investimentos em alto ritmo, em altos valores. Por isso, temos recuperado a indústria naval *offshore* no Brasil. É inquestionável. Isto não é projeto.

Os senhores que conhecem muito melhor que eu nosso País, que viajam de Pernambuco ao Rio Grande do Sul — Alagoas, Bahia, todos esses Estados, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul—, sabem quão ocupados estão os nossos estaleiros no Brasil. Devido à pujança, ao crescimento, à capacidade, à musculatura desses estaleiros, os grandes estaleiros, fora do Brasil, procuram as empresas nacionais. Nós procuramos essas empresas, esses grandes estaleiros na China, na Coreia, em Singapura, na Noruega, para que façam parcerias tecnológicas com as empresas brasileiras, a fim de manter o ritmo e acelerar a curva de produção.



Então, nós temos diversos estaleiros hoje, no Brasil — aqui estão os principais —, todos eles com encomendas em grande volume da PETROBRAS.

Com relação à produção, eu disse que nós iríamos instalar sete Unidades Estacionárias de Produção em 2003. E a situação delas é que estão quase prontas. A primeira delas, na cidade de São Paulo, já está trabalhando, produzindo petróleo em Sapinhoá. A segunda, Projeto Baúna, cidade de Itajaí, 80 mil barris por dia, também produzindo desde fevereiro. A cidade de Parati encontra-se na alocação, hoje, provavelmente, iniciando ou finalizando a conexão dos equipamentos no fundo do mar com a unidade de produção. Muito provavelmente, a partir de amanhã, começa a fazer teste hidrostático. E, no final de maio, já estarão produzindo petróleo, num importante campo para a PETROBRAS, que é o projeto piloto de Lula Nordeste.

Então, contamos aí com o primeiro óleo no dia 28 de maio. Conteúdo local: em torno de 55% a 65%. Na sequência, P-63, que hoje está no Rio Grande do Sul. Depois a P-55, também no Rio Grande do Sul; a P-58, também no Rio Grande do Sul e a P-61 no Estaleiro BrasFELS, no Rio de Janeiro. Todas elas irão para alocação este ano.

São unidades de produção praticamente prontas, com mais de 80%, 90% de realização física. Por isso, temos muita segurança das nossas projeções de crescimento de petróleo este ano.

Quem produz mais petróleo pode fazer mais refino. Assim nós temos as nossas refinarias. Como eu disse, há 14 refinarias no Brasil, todas elas batendo seus próprios recordes, um investimento de praticamente 65 bilhões de dólares em refino.

Estive anteontem na RNEST. Ela tem 75% da sua realização física feita, sem aumento no investimento. Há um ano e meio o nosso investimento na RNEST está cumprindo os prazos tanto físico quanto financeiros, volumes de realização física e financeira. O primeiro trem da RNEST parte em novembro de 2014 e o segundo trem, em maio de 2015. Temos o COMPERJ, que entra em operação no finalzinho do ano de 2015. Estamos admitindo um atraso de alguns meses, não determinados ainda no COMPERJ.



Existe um trabalho muito forte no que chamamos de atividades extramuros, construção de rodovias e várias outras infraestruturas que tiveram que ser priorizadas para que pudéssemos, de fato, terminar o COMPERJ no ano de 2015.

As duas Refinarias Premium I e Premium II, duas importantíssimas refinarias, estão em projeto. Nós temos expectativas muito positivas que elas passem, ao final deste ano de 2013, para a fase de implementação.

Aqui estão obras importantes. A RNEST, como eu disse, é um projeto — meus colegas e eu acompanhamos a obra há muitos anos —, uma refinaria já com arruamento, com toda iluminação, algo que está muito próximo de acontecer, a grande realização de RNEST.

O Complexo Petroquímico de SUAPE, vizinho da RNEST, já está operando com parte da capacidade — 60% a 70% já produz o PTA. O PET, que é o polietileno tereftalato, entra em operação em setembro de 2013. E um pouco mais adiante a linha têxtil, POI, cujo complexo estará operando completamente.

Temos no Rio de Janeiro, no Terminal de Barra do Riacho e Ilha Comprida, também entrando em operação em julho de 2013, para dar vazão a todo gás processado, produzido no pré-sal e pós-sal, que chega ao mercado passando por esta ilha que nós construímos no Rio de Janeiro para processamento e estoque desse gás.

A melhoria das nossas refinarias, aqui nós apresentamos a REFAP, já entrando em operação em janeiro de 2014, produzindo o S-10. Com mais petróleo e mais gás também produzimos mais fertilizantes. Então, hoje temos a FAFEN-BA, a FAFEN-SE, que têm operado no talo da capacidade dessas fábricas.

Recentemente, com o parecer positivo do CADE, nós compramos a Araucária Nitrogenados, da Vale Fertilizantes. Hoje temos três fábricas de fertilizantes e nitrogenados. Construímos mais uma fábrica no Mato Grosso do Sul, que entra em operação no próximo ano, e temos em avaliação, em projeto, um grande complexo gás químico, que está no plano de negócio da PETROBRAS, no Espírito Santo.

Aí estão algumas fotos. Mato Grosso do Sul, à esquerda, no topo. Mais GNL, na Bahia, mais sulfato de amônia, em Sergipe, também entrando em operação este ano, que é mais fertilizante, e uma térmica extremamente importante de círculo fechado no Rio de Janeiro, a Térmica de Seropédica.



Planejamento financeiro da PETROBRAS.

Nós temos usos e fontes. Temos, então, investimentos comprometidos, já acontecendo nesse período, de 207 bilhões de dólares. Pagamos amortizações, 39.8; e as nossas fontes, fluxos de caixa operacional, captações, 61.3 bilhões de dólares em 5 anos; uso do caixa da companhia, 10 bilhões; e desinvestimentos, 9.9 bilhões no período do plano, nesse período de 5 anos.

Os senhores souberam pela imprensa, pois foi bastante discutido e até presente data também o é, que nós fizemos uma contratação de dívidas, na semana passada, de 11 bilhões de dólares a juros de 3.79% ao ano, juros menores do que fizemos o ano passado, para um volume menor que esse, que foi de 4.1% de juros. Esse volume de 11 bilhões, a metade, 5 bilhões desse investimento, é para pré-pagar dívidas mais caras e trabalhar com dívidas com juros menores. Isto dá um valor presente líquido bastante importante para a PETROBRAS; os outros 6 bilhões, para dar continuidade ao nosso plano de investimentos.

É importante colocar para os senhores que essa operação aconteceu em duas horas e meia. Nós tivemos oferta de dívida de 42,3 bilhões de dólares. Essa foi a oferta feita à PETROBRAS. Em duas horas e meia, nós fechamos o *book*, com juros médios ponderados de 3.79% e com prazo para pagamento de 10.37 anos. Nós temos pagamento em 2043.

O que demonstra isso? Que o mercado de capitais tem confiança na PETROBRAS, que não se empresta dinheiro para quem não gera resultado. Esse endividamento da PETROBRAS é para crescer. E estamos crescendo. Não é endividamento para pagar endividamento. É endividamento a favor do crescimento. E o mercado de capitais empresta, nesses juros, quando ele confia na empresa, confia no País e confia certamente na nossa capacidade de gerenciar e de buscar projetos extremamente competitivos.

Com relação ao desinvestimento de PETROBRAS, existe um programa que se chama PRODESIN — Programa de Desinvestimentos, que começou no ano de 2010. No ano de 2010, no ano de 2011, somando-se 10 com 11, foi feito um desinvestimento de 1.3 bilhão de dólares. Nós não estamos falando de um PRODESIN que tem 3 meses, 4 meses. Estamos falando de um PRODESIN que tem 3 anos.



O primeiro desinvestimento foi de 1.3 bilhão. No ano passado, fizemos um desinvestimento de 3.4 bilhões de dólares, e foi feito de fato uma reestruturação financeira, troca de garantias mais caras, que a PETROBRAS faz, como, por exemplo, a PETROS, por troca de garantias do tipo petróleo que estamos produzindo. Isso traz um resultado econômico, traz um resultado financeiro importante para a PETROBRAS.

No ano de 2013, como divulgado ao mercado, nós fizemos uma redução de 300 milhões de dólares, neste ano de 2013, contra um desinvestimento em 2010, 2011, de 1.3 bilhão de dólares.

Aquisição da Refinaria de Pasadena.

Nós tivemos Pasadena durante um período no Plano de Desinvestimentos da PETROBRAS, no ano de 2011, no ano de 2012. Neste ano de 2013, nós tiramos Pasadena do Plano de Desinvestimentos. Mas por que da aquisição de Pasadena? Por que adquirimos Pasadena? Pasadena foi adquirida no ano de 2006. Começamos a trabalhar a aquisição de refinaria alguns meses antes de 2006, da descoberta do pré-sal. O pré-sal foi descoberto em 2006.

Existe na PETROBRAS alguns divisores de água, mas o ano de 2006 foi um ano muito importante, porque foi a descoberta da maior acumulação de petróleo no planeta, em atividade *off shore*, nesta década.

Até aquela data, a orientação do planejamento estratégico da PETROBRAS... E a gente olha o planejamento estratégico aprovado em 2004. Ao olhar em 2004, também 2005, 2006, 2007, até 2010 — o pré-sal veio em 2011 — a orientação era a de crescer em refino no exterior. Não havia as descobertas de petróleo que temos hoje, o nosso petróleo pesado, vamos procurar refinaria no exterior, que possa num primeiro momento refinar o petróleo pesado, para que possamos, através de *upgrade*... Quer dizer, primeiro, o petróleo leve; depois, com investimento de petróleo pesado.

Nós e as grandes empresas trabalhamos com consultoria, além da inteligência competitiva que nós temos nas nossas companhias. McKinsey e CERA não só confirmaram como também orientaram a aquisição de refinarias no exterior, que estavam aderentes à nossa orientação estratégica, antes do pré-sal, insisto nisso.



A orientação era: façamos aquisição de refinarias de menor CAPEX, para que possamos, mais tarde, investir e fazê-la uma refinaria mais adequada ao perfil de petróleo no Brasil. Foi feito estudo de viabilidade técnica e econômica e, como é obrigatório fazer, nós temos o que chamamos de um parecer financeiro, que é o *fairness opinion*. E o Citigroup reconheceu, e nós temos toda essa documentação, que o valor da refinaria, no seu conjunto, estava adequado aos valores de mercado daquela época. E foi fechada a operação.

Eu tenho mais um eslaide de Pasadena que mostra que a aquisição que nós fizemos naquele ano de 2006, de 7.2 dólares por barril, estava abaixo da média das aquisições feitas naquele mesmo ano de 2006.

Nós fizemos uma aquisição — os senhores também vão receber essa documentação em papel — de 7.200 dólares por barril, quando a média de aquisições, naquele período, foi de 9.734 dólares por barril; ou seja, a aquisição de PETROBRAS estava com valor menor.

Agora, é muito importante que, entre 2000 e 2005, a margem de refino de petróleo pesado nos Estados Unidos era de 9.7 dólares por barril. Um período de grande crescimento da economia mundial, especialmente chinesa e americana, um grande consumo de derivados, e os países emergentes também começando a acelerar o seu consumo.

Acontece que essas margens foram mantidas tanto para petróleo pesado quanto para petróleo leve. No caso de petróleo leve, as margens são menores. No ano de 2005, a margem de refino para petróleo leve era 4,3; no ano de 2006, 3,9. Isso é quanto ganha a refinaria para refinar. Em 2007, 4,1; em 2008/2009, com a crise financeira, essas margens ficaram negativas. No ano de 2008, negativas, menos 0,3 dólar por barril. Quem refinava perdia. De 2008 a 2010, foi menos 0,5 — isso aí no Golfo do México.

O que está acontecendo hoje, 2010/2011/2012/2013? As margens voltaram aos valores pré-crise. Por quê? Por que a economia americana voltou? Por que a economia na Europa voltou? Não. Porque foi descoberto aquilo que os senhores talvez conheçam mais como *shale gas* e *shale oil*, digamos assim. São grandes volumes de petróleo — é importante compreender isso — descobertos no centro dos Estados Unidos, com tecnologias não convencionais. A lógica nos Estados Unidos é:



os Estados Unidos, até hoje, produzem 7,8 milhões de barris de petróleo por dia e consomem 18,8 milhões.

Então, toda a lógica de entrada de petróleo para ser refinado nos Estados Unidos vem da costa evidentemente, e as refinarias estão mais ao centro. Para o escoamento desse petróleo descoberto bem no centro alcançar as refinarias, não há essa logística com a capacidade que poderia ter.

O que está acontecendo? Há um desconto no preço do barril do petróleo. Se o preço está 90, há um desconto, e ele chega à refinaria com um valor menor. E quem captura essa margem é a refinaria.

Hoje, as refinarias que processam óleo leve, como é o caso de Pasadena, têm uma produção, uma margem melhor, uma margem positiva igual ao período em que nós fizemos a aquisição lá atrás.

Além disso, é importante deixar claro que, em algum momento, essa questão logística vai ser resolvida nos Estados Unidos, de tal forma que não se perca esse prêmio que quem captura hoje é o refinador. Enquanto isso não acontece, tiramos a refinaria da carteira do PRODESIN para capturar essas margens que até hoje não capturamos. Se eu tenho uma refinaria que hoje me dá uma margem positiva, os custos operacionais dela são pagos com essa margem melhor. Por isso, retiramos a refinaria da nossa carteira de investimento.

Ao mesmo tempo, é sabido pelos senhores que nós temos o TCU, num trabalho na PETROBRAS, acompanhando todo o movimento que foi feito na aquisição de Pasadena. Nós consideramos, definitivamente, que não seria uma atitude proativa da PETROBRAS fazer uma venda num momento em que nós temos o Tribunal de Contas da União trabalhando dentro da PETROBRAS, procurando entender e mapear muito melhor toda essa operação. Nós temos atendido, no prazo, a todos os pedidos, evidentemente, do Tribunal de Contas da União.

Caminhando para o final, olhando a PETROBRAS e seus pares, do ano de 2002 a 2012, a produção em barris de óleo equivalente da PETROBRAS cresceu 44%. Nós saímos de 1,8 para 2,6 milhões de barris de óleo equivalente da PETROBRAS no mundo. Foi um crescimento de 44%. Com todo o respeito e admiração às empresas que eu vou citar aqui agora, a Exxon perdeu 1% no crescimento — ela produzia 4,2, produz menos 1% —; a BP, menos 5%; a Shell,



menos 18%; e a Chevron, menos 1%. Todas essas *majors* ou produzem praticamente igual neste período de 10 anos ou produzem menos. A PETROBRAS cresceu 44%.

Se nós compararmos a nossa produção do ano de 2011 com 2012, em termos de produção, a PETROBRAS caiu 1%; a Exxon, 6%; a Shell cresceu 1%; e a BP caiu 4%. Quando comparamos o lucro líquido da PETROBRAS neste trimestre com o lucro líquido dessas empresas no trimestre anterior, no quarto trimestre — eu tenho que fazer essa comparação em dólar —, a PETROBRAS cresceu 2% — esse lucro líquido desse trimestre, comparado com o anterior —; a Exxon caiu 5% em lucro líquido; a Chevron, 15% em lucro líquido; a Shell cresceu 23%; e a BP, 942%, porque ela fez venda de ativos, e esse resultado é incorporado ao lucro líquido.

É uma pena que eu não possa mostrar para vocês que, agora, neste próximo eslaide — nos últimos —, do dia 28 de fevereiro de 2012 até o dia 20 de maio, segunda-feira agora, a variação das ações preferenciais da PETROBRAS cresceu 22%. Nesse mesmo período, de 28 de fevereiro de 2012 a 20 de maio de 2013, as ações ordinárias cresceram 33%. A flutuação de ações da PETROBRAS hoje, nesse mesmo período, fez crescer o valor da PETROBRAS em 24%. A Exxon cresceu nesse mesmo período 2%; a Chevron, 7%; a Shell, 3%; a BP, 7%; PETROBRAS, 24%, total 2; a ECOPETROL caiu 24%; e assim vai.

Nós vamos crescer: vamos para 4,2 milhões de barris de petróleo até 2020; vamos para 5,2 milhões de barris de óleo equivalente — BOE, petróleo e gás, em 2020, com as áreas que já estão nas nossas mãos. Eu não estou falando da 11ª Rodada, que passou, nem da Rodada de Partilha, estou falando com o que temos nas mãos, com o que já está contratado e posto nos nossos estaleiros no Brasil. Nós vamos crescer 5,2 milhões; vamos produzir 5,2 milhões de barris de óleo equivalente em 2020.

O reconhecimento a PETROBRAS retoma e é crescente. Na semana passada, no mesmo dia ou um dia antes da captação de 11 bilhões de reais aos menores juros que nós tivemos das captações, das idas ao mercado de capitais, nós tivemos um grande reconhecimento da gestão da PETROBRAS. A Standard & Poor's, uma das agências de *rating* que avalia a PETROBRAS em termos da sua



capacidade de se financiar e de realizar, deu para nós a classificação de uma gestão *strong*, uma gestão forte.

Essa agência de *rating* faz uma avaliação de 3.868 empresas em todo o mundo e classificou, no mesmo momento, apenas 8% delas, e a PETROBRAS é uma. Na América Latina, somente sete receberam esse reconhecimento pela gestão que recebeu a nossa PETROBRAS. Isso, para nós, é extremamente importante, porque nosso trabalho é intenso, é um trabalho de conjunto, é um trabalho em que buscamos atender o consumidor brasileiro, manter os investimentos, atender o controlador e atender, certamente, os minoritários da companhia.

Eu agradeço muito a atenção de todos e estou à disposição para responder às perguntas.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Encerrada a exposição, passemos a palavra aos autores dos requerimentos que deram origem a esta audiência pública, pedindo que não se estendam por mais de 3 minutos, já que temos mais de dez autores.

Passo a palavra, de acordo com a ordem, ao Deputado Carlos Zarattini.

**O SR. DEPUTADO CARLOS ZARATTINI** - Eu queria cumprimentar a Presidenta da PETROBRAS, Maria das Graças Foster, pela sua exposição, agradecer-lhe o comparecimento a esta audiência conjunta e parabenizá-la principalmente pelo trabalho que vem fazendo à frente dessa que é a empresa mais importante do Brasil, que capitaneia nosso desenvolvimento e que, tenho certeza, vai fazê-lo por muitos e muitos anos ainda, para que o Brasil se torne um país cada vez mais autônomo, cada vez mais socialmente justo.

Quero também comentar algumas questões que me parecem importantes. Sua exposição nos esclareceu bastante a situação da PETROBRAS e o desenvolvimento futuro.

Primeiro, nós temos o fato que foi bem ressaltado da captação de 11 bilhões de reais, demonstrando a confiança real do mercado na PETROBRAS. Evidentemente, temos o que dizem os comentaristas em muitos jornais do mercado financeiro, muitas vezes com interesses outros, e o que é o interesse real do mercado, quando se apresentam as oportunidades e o mercado faz sua análise



daquilo que é de fato importante e daquilo que pode de fato trazer novos recursos, novos lucros para esse mercado. Essa captação demonstra claramente isso.

Também me parece muito importante o sucesso obtido pela PETROBRAS no leilão de concessão, no qual foi a campeã, aquela que mais adquiriu blocos, aquela que mais aportou recursos, de forma que continua sendo a empresa mais importante na exploração de petróleo em nosso País.

Eu gostaria de colocar que nós temos um plano de desenvolvimento nacional, cuja ancoragem é exatamente na PETROBRAS, a partir daquilo que ela pode carrear para o desenvolvimento industrial brasileiro. É aí que eu gostaria de colocar algumas questões que têm permanentemente surgido no debate desta Câmara e que dizem respeito, por exemplo, à capacidade — e eu gostaria que a senhora abordasse isso — efetiva de a PETROBRAS ser a única operadora na exploração do pré-sal. Isso vem sendo questionado nesta Casa. Parece-me que não haverá problema, dado o fato de que temos hoje, toda essa geração de caixa, todos esses investimentos, toda essa perspectiva de aumento na produção de petróleo e de refino. Mas eu gostaria que a senhora abordasse essa questão.

Outra questão diz respeito ao conteúdo local. Pergunto se efetivamente nós temos uma avaliação diferente da que foi feita há três anos, quando nós aprovamos aqui a Lei da Partilha. Em relação ao conteúdo local, a indústria nacional, a nossa tecnologia têm capacidade de garantir essas exigências de conteúdo local? Quer dizer, nós temos essa condição? Essa é outra informação que gostaríamos de ter da parte da senhora.

Por fim, nós gostaríamos ainda de saber sobre o refino. Muito se diz na imprensa que a atividade de refino acarreta prejuízos à PETROBRAS, quer dizer, ter essa operação verticalizada, como a PETROBRAS faz no Brasil. Aí se inclui essa questão da Refinaria de Pasadena, quando ela foi adquirida na perspectiva de ter produção verticalizada. Essa é uma atividade lucrativa, agrega valor efetivamente ou, como dizem certos analistas, é uma atividade que não faz bem à PETROBRAS, não é capaz de ser importante e lucrativa para a PETROBRAS e importante estrategicamente para o País?

Então, nós gostaríamos de deixar essas questões, que me parecem importantes serem esclarecidas. E me parece que essa questão de Pasadena se



inclui no bojo dessa discussão sobre a importância do refino na operação agregada da PETROBRAS.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Deputado Arnaldo Jardim. Aproveito para informar ao Plenário que esta reunião também está sendo transmitida no Plenário 12.

**O SR. DEPUTADO ARNALDO JARDIM** - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, senhores presentes, quero saudar a Dra. Maria das Graças Foster e manifestar meu respeito a sua postura e a sua atitude e o respeito maior que todos nós temos à PETROBRAS.

No nosso caso inclusive, permito mencionar, Presidenta, que, como membro da Comissão que aqui rediscutiu o novo marco regulatório para o gás natural, atuamos para que isso pudesse ganhar ritmo e que, no Brasil, nós pudéssemos ter uma política, que precisa ser atualizada e renovada sobre isso. Mas nós atuamos nessa Comissão sempre com o olhar de preservar a função da PETROBRAS.

Quando veio o marco regulatório do pré-sal, eu também tive responsabilidade ao presidir a Comissão que estudou as bases e a regulamentação da capitalização da PETROBRAS. Não só a presidi, mas diligenciei para que nós pudéssemos fazer, ao final desse processo, a maior capitalização da história, o que permitiu à PETROBRAS mudar a sua perspectiva. Atuei com muita consciência nisso.

Menciono outro momento: fui relator de medida provisória que discutiu o novo marco regulatório do etanol. Ali, havia também uma série de questões que envolviam a PETROBRAS, e nós atuamos para que a empresa pudesse ter o seu papel reforçado.

Portanto, mais do que uma declaração de intenções, houve atitudes concretas no sentido de fazer com que a PETROBRAS possa cumprir efetivamente o seu papel na economia nacional, o seu papel no que diz respeito à função estratégica para o País. Nós temos isso a demonstrar com atitudes.

Mas a mesma atitude é de extrema preocupação, Dra. Maria das Graças, com relação à situação da PETROBRAS. Uma manifestação que nós já fizemos quando V.Sa. esteve aqui conosco, assim que assumiu a PETROBRAS — e nós sabíamos que era um período de transição — e algumas coisas implícitas e outras explícitas



vieram à tona. Nesse instante, eu pedi ao Deputado Eduardo da Fonte que nós pudéssemos ter acesso ao material que a senhora acabou de nos apresentar — e vamos ter esse material —, que não tivemos da outra vez. Não tivemos, e compreendo perfeitamente. A senhora estava chegando, consolidando dados dentro da PETROBRAS e pediu que não fosse distribuído aquilo que foi a sua intervenção.

Nesse período, muita coisa aconteceu. Algumas das perguntas que faço têm exatamente essa motivação, porque o festival de números é imenso; o conjunto de fatores é muito expressivo. Três minutos é um prazo muito restrito, e a senhora sabe o que é a dimensão daquilo que significa a PETROBRAS, as suas diferentes subsidiárias, toda a sua inserção no parque produtivo. Nós que fomos ao Fundão visitar o Centro de Tecnologia ver as coisas que se fazem teríamos um sem-número de questões para apresentar. Mas eu quero me fixar primeiro nos dados econômicos.

A senhora apresentou um conjunto de dados aqui, e talvez seja a função transmitir otimismo com relação à situação da PETROBRAS, porque encerrou, na última vez em que esteve aqui, dizendo que tinha uma dívida com acionistas da PETROBRAS, que estava muito sensibilizada, e usou até uma expressão mais forte no que diz respeito àquilo que era a situação patrimonial. Nós estamos falando de milhares de brasileiros que investiram nos fundos de ações da PETROBRAS, que tiveram perda acentuada do seu patrimônio em virtude de um conjunto de fatores.

A senhora nos apresenta números relevantes, mas não há como fugir de outros números. Menciono alguns deles, se me permitir o Presidente. A senhora citou a *ISTOÉ Dinheiro*, usou a revista *Época*. O custo de extração por barril de petróleo da PETROBRAS, que era de 6,6 em 2006, em 2012, encerramos com o custo de 13,9. A dívida da PETROBRAS, o endividamento líquido, em 2006, era de 18 bilhões de dólares. Em 2012, nós encerramos com 147, 8 bilhões de dólares.

Entre as maiores empresas de petróleo — a senhora sabe também que o patrimônio líquido da PETROBRAS, e estou falando de números referentes ao final de 2012, para não usar outra referência, senão as ações flutuam, abril ou março —, o PL médio das 10 maiores petrolíferas de mundo, que era de 9,6, a mais valorizada, a PetroChina, 12,7. A PETROBRAS, entre as 10, era a menor, 7,2.



Nós temos uma situação de endividamento não só no montante, mas na relação. O endividamento em relação à capacidade de geração de caixa, que, como a senhora sabe, é fator fundamental para se projetarem os cenários de investimentos, em que a média das 10 maiores é de 0,6, no caso da PETROBRAS, é de 2,8 a relação de dívida em relação ao seu patrimônio, a sua capacidade de geração de caixa. Com relação ao patrimônio, a média de retorno das 10 maiores no período de 2012 foi de 20%, e a rentabilidade da PETROBRAS foi de 6,7.

Esses números a senhora sabe muito melhor do que eu e sabe analisá-los mais detidamente. Mas é importante se ter isso não para apresentar um quadro caótico, mas para demonstrar a relevância daquilo que são atitudes, de desmantelamento de determinados interesses, que, nós sabemos, a senhora fez dentro da PETROBRAS para poder fazer prevalecer aquilo que é uma preocupação no que diz respeito à capacidade e à eficiência da empresa. A mudança que fez nas diretorias da empresa para poder recuperar o critério de meritocracia para poder valorizar dentro da PETROBRAS. E eu saúdo isso.

As minhas perguntas objetivas são as seguinte, num contexto em que muitas poderiam ser feitas. Primeiro, com relação ao COMPERJ e à Abreu e Lima, nós nos preocupamos muito. Eu sei que a senhora fez verdadeira operação pente-fino, afinal de contas esses dois empreendimentos têm um atraso estrutural e um custo muito maior em relação àquilo que era a previsão inicial. De que forma a senhora avalia as medidas tomadas para que se pudesse fazer isso e de que forma a senhora pode nos anunciar perspectivas com relação a isso?

Dentro do processo de desmobilização de ativos, saúdo a iniciativa, porque muitas vezes se viu a PETROBRAS como um suprassumo que pudesse resolver um conjunto de questões. E eu acho que houve uma dispersão do objetivo da PETROBRAS. A senhora mencionou uma frase agora. Disse que buscar óleo, extrair óleo e — tomara — processar o óleo é o objetivo central da empresa. Concordo plenamente com isso. A empresa precisa se fixar. E ela ampliou muito o leque no período anterior. Reconheço o esforço que se está fazendo.

No processo, particularmente do PRODESIN — existe há tempos sempre, uma empresa compra e vende ativos —, na reunião do Conselho de Administração, a senhora propôs outra dimensão ao PRODESIN. Isso demorou inclusive a ser



debatido. A senhora propôs, acho que com base muito sensata, uma revisão do plano de investimentos da PETROBRAS muito mais pé no chão, focado naquilo que seja a empresa. Então, eu saúdo isso.

Eu pediria à senhora que pudesse nos fazer chegar mais detalhadamente esse plano de desmobilização do ativo. E me concentro não na questão de Pasadena, quero me referir especificamente a um caso: a desmobilização da antiga Perez & Company, que é a PESA, que é a operação da PETROBRAS na Argentina.

Se mencionar alguns fatos... Temos aqui também uma matéria da revista *Época*. No dia 27 de março, o executivo Carlos Fabián, do Grupo Indalo, que, todo mundo sabe, é comandado pelo Sr. Cristóbal López, de notórias ligações com a Sra. Cristina Kirchner, por toda a documentação, ele chega à PETROBRAS para fixar exatamente um negócio, um acordo em que o grupo compraria parte das ações da PESA. Isso tem histórico muito interessante. E V.Sa. sabe muito bem dessa questão. Afinal de contas, López emite uma carta, a revista menciona, no dia 5 de novembro do ano passado, dizendo que a PETROBRAS estaria negociando com concorrentes dele. Aí, menciona especificamente o caso da TecPetrol, dizendo que ele teria interesse em participar dessas negociações.

*(O Sr. Presidente faz soarem as campainhas.)*

**O SR. DEPUTADO ARNALDO JARDIM** - Para encerrar, Sr. Presidente, emite inclusive uma carta que é uma proposta de aquisição, integração de ativos, manifestando esse interesse.

Um assessor da senhora, o Sr. Ubiratan Clair, manifesta, então, através de uma resposta e esse memorando, que não estava em cogitação a venda desse ativo, manifestando que não pode iniciar qualquer negociação relativa às mesmas e não há nenhuma tratativa em curso. Surpreende depois, porque, no dia 11 de dezembro, o mesmo assessor firma acordo de confidencialidade com López para vender a PESA. E nós temos, em seguida, esse processo de desdobrando.

A senhora esteve no Senado Federal no dia 14 — eu tenho as notas taquigráficas — e menciona:

*“A Pesa argentina está na nossa carteira de desinvestimento. A diretoria da Petrobras não tomou posição em relação à Pesa. Existem comissões que estão*



*em negociação com algumas empresas (...) e a diretoria da Petrobras não tomou qualquer posição (...) não temos prazo para tomadas de posição (...)"*

Afinal de contas, há esse acordo de confidencialidade? Há essa tratativa? Qual é a situação, num contexto que nós sabemos, e, acredito eu, zelando pelo interesse público? A senhora destituiu o Gerente-Geral Pedro Augusto? O comentário que há é que ele teria transmitido, num acordo de quebra inclusive de sigilo interno da companhia, informações confidenciais, como, por exemplo, *due diligence* feita pelo Scottish Bank ao Sr. López. Ele foi tirado de lá, tudo parece que foi uma boa medida. Havia realmente esse vazamento das informações internas da companhia que deixaria muito vulnerável a estratégia de negócios da PETROBRAS?

Finalmente, Sra. Presidenta, quero perguntar se faz parte do plano estratégico da empresa a consolidação das diferentes refinarias numa refinaria ou numa empresa à parte, para que isso possa significar uma agilização do tratamento dessas questões envolvendo o refino do nosso petróleo, que nós queremos ver cada vez mais tratado aqui, e não o cenário que nos anime de exportação do petróleo do pré-sal, mas tratamento agregando valor. Isso poderá ser muito importante para o País, para a PETROBRAS, para o Brasil.

Muito obrigado.

**O SR. DEPUTADO LUIZ ALBERTO** - Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Pela ordem, Deputado.

**O SR. DEPUTADO LUIZ ALBERTO** - V.Exa. tinha determinado, no início da reunião, que cada inscrito, com preferência para o signatário do requerimento, teria 3 minutos para se posicionar. Eu pediria a V.Exa. que mantivesse a posição, porque há muita gente inscrita aqui que precisa se pronunciar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Vamos seguir rigorosamente o tempo, Deputado Luiz Alberto.

Concedo a palavra ao Deputado Adrian, dando início às 11h27min.

**O SR. DEPUTADO ADRIAN** - Cumprimento a Sra. Presidente da PETROBRAS, Maria das Graças Silva Foster, o Sr. Presidente Eduardo da Fonte, os Deputados Ângelo Agnolin, Roberto Santiago, Otávio Leite, as Sras. e os Srs. Deputados, as senhoras e os senhores presentes.



Primeiro, eu quero agradecer à Presidente da PETROBRAS por ter comparecido a nossa Comissão e parabenizá-la pela exposição feita. Uma parte do meu requerimento já foi respondida na exposição.

Vou ser bem rápido. Eu só quero deixar uma pergunta, para um esclarecimento. A Refinaria de Pasadena foi adquirida da *trading* belga Astra Oil, 50% dela, por um valor algumas vezes maior do que a *trading* adquiriu no ano anterior, 100% dela. Em 2012, a PETROBRAS adquiriu os outros 50% por algumas vezes mais. Ou seja, o total pago pela PETROBRAS foi algumas vezes maior do que foi pago pela *trading* em 2005, e comemorado pela *trading* como um grande negócio para ela e não para a PETROBRAS.

Então, a pergunta é um esclarecimento sobre essa aquisição, já que foi dito pela Presidenta que, naquele momento, foi um bom negócio em termos de mercado — foi pesquisado. Mas foi bom negócio para a PETROBRAS ou a *trading* tinha feito em grande negócio anteriormente?

Também há algumas notícias de que a compra dessa refinaria pela PETROBRAS teria sido intermediada por Alberto Feilhaber, que trabalhou por 2 décadas na PETROBRAS e que se tornara executivo da *trading* belga Astra Oil, nos Estados Unidos da América.

São alguns esclarecimentos, como também o alto investimento na Refinaria Abreu e Lima.

São as minhas perguntas, um pedido de esclarecimentos sobre esses negócios, se não vieram trazer grandes prejuízos para a PETROBRAS.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Dando continuidade, passo a palavra ao Deputado Fernando Francischini. (*Pausa.*) Ausente do plenário.

Passo a palavra ao Deputado Antonio Imbassahy.

**O SR. DEPUTADO ANTONIO IMBASSAHY** - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Maria das Graças Foster, Presidenta da PETROBRAS, premido pelo tempo, irei direto às questões.

Presidenta, em janeiro de 2005, a empresa belga Astra Oil comprou a Refinaria de Pasadena por 42,5 milhões de dólares. Em 2006, vendeu 50% da empresa à PETROBRAS pelo valor de 365 milhões de dólares, para, ao final de toda



a operação, pagar 1,204 bilhão de dólares por uma refinaria que custou 42,5 milhões de dólares. O número é esse. Uma refinaria que foi comprada por um grupo belga por 42,5 milhões de dólares, a PETROBRAS desembolsou, ao final, 1,204 bilhão milhões de dólares.

Faço aqui as seguintes perguntas, baseado inclusive, Sra. Presidenta, Sras. e Srs. Deputados, na ata, na decisão que foi tomada pelo tribunal de segunda instância do Estado do Texas, primeiro distrito, em Houston, acordo pautado em 29 de março de 2012 — fizemos a tradução juramentada, a qual baseia as perguntas que agora passo a formular —, além de notas técnicas da própria PETROBRAS.

A aquisição de 50% da refinaria de Pasadena teve, como objetivo, como foi dito por V.Sa., processar óleo pesado, sendo necessário, portanto, a adaptação da planta de refino original, que processava petróleo leve. Segundo o acórdão do tribunal de segunda instância do Estado do Texas, que ratificou a decisão da American Arbitration Association referente ao painel de arbitragem — nós temos também a documentação —, durante todo esse período de discussão para análise das acusações da PETROBRAS contra a Astra, os desentendimentos entre a PETROBRAS e a Astra tiveram início somente dois anos depois da aquisição. Está dito no documento da própria PETROBRAS. A alteração do panorama internacional de refino — a PETROBRAS sempre coloca isso — procura justificar, no mesmo documento, também essa situação. Sinceramente, acho que essa alteração do panorama internacional de refino foi um grave erro de planejamento estratégico da empresa, um erro danoso, no mínimo um erro danoso. Esta é a primeira pergunta que faço, Sra. Presidente: como explicar não ter havido investimento de nem um dólar nessa adaptação da planta de refino, nos dois primeiros anos após a aquisição?

Essa é a primeira pergunta. Faço a segunda pergunta seguir.

A principal razão alegada pela PETROBRAS para haver o ingresso do pedido de arbitragem junto à American Arbitration Association, em 2008, foi que a Astra se teria utilizado de métodos escusos no exercício de seus direitos de venda da sua parte na refinaria, tampouco teria feito uma avaliação adequada do montante da sua participação na sociedade. No entanto, o próprio acordo de acionistas e o contrato social já estabeleciam, de forma muito clara, todas essas cláusulas, inclusive



fórmulas para determinação de preços, cálculos de valores numa eventual venda dos 50% na Astra Sociedade. Esta é, portanto, a pergunta: qual a razão de a PETROBRAS ter insistido na arbitragem, já que não havia espaço, nem no acordo de acionista nem no contrato social, para a Astra agir de forma diferente, aliás, como foi confirmado ao final do painel de arbitragem? V.Sa. concorda que foi uma ação desnecessária e custosa aos cofres da estatal ter ingressado em juízo?

Faço uma terceira consideração. Todas as reclamações referentes à arbitragem solicitada pela PETROBRAS foram rechaçadas pela American Arbitration Association, o que fez com que surgissem juros pré-sentença, juros de inadimplência, custas legais, custas de arbitragem e reembolso para a arbitragem, provocando um considerável aumento nos valores a serem pagos pela PETROBRAS. A pergunta é a seguinte: considerando que havia na empresa que administrava a refinaria de Pasadena um diretor representando a PETROBRAS, o Sr. Sergio Baron, que, assim como o representante da Astra — personalidade que foi citada pelo Deputado Adrian, o Sr. Alberto Feilhaber —, recebia cópias de todas as negociações e de todas as decisões feitas pela empresa, como justificar a inobservância do Diretor Baron das decisões da Astra em relação às transações realizadas entre a Astra e a Pasadena, consideradas, todas elas, corretas e referendadas pela arbitragem?

Por fim, faço duas perguntas adicionais. Indago se houve alguma contestação de algum membro do Conselho de Administração na reunião de 3 de fevereiro de 2006, com relação a essa negociação. Nessa reunião do dia 3 de fevereiro foi aprovada a negociação. Houve alguma contestação, alguma restrição a essa negociação? É a pergunta.

Finalmente, refiro-me a um dado que não sei se pode ser revelado aqui. Nesse programa de venda da refinaria, durante o período de 2011 e 2012 — até porque em 2013, como foi dito por V.Sa., a refinaria de Pasadena saiu desse processo de desinvestimento —, houve algum interessado na aquisição dessa refinaria. Se houve, indago se poderia ser revelado aqui o valor que foi apresentado por esse interessado.

Muito obrigado.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Dando continuidade aos trabalhos, passo a palavra ao Deputado Sandro Mabel.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Quero saudar a nossa Mesa, saudando o meu Presidente da Comissão de Trabalho, Deputado Roberto Santiago, e os Presidentes das demais Comissões. Em especial, saúdo a nossa Presidente da PETROBRAS, agradecendo a S.Sa. a disponibilidade de vir a este Congresso Nacional.

Quero dirigir a S.Sa. perguntas acerca de alguns pontos que me chamaram atenção na sua apresentação.

A senhora citou um lucro operacional, no quarto trimestre de 2012, de 5,7 bilhões e um crescimento de 72% no primeiro trimestre de 2013, passando para 9,8 bilhões. A pergunta é esta: esse lucro vem de onde? Vem de operações? Por que houve esse crescimento? Por que esse lucro operacional teve um crescimento desse tamanho? Por que essa eficiência aumentou? Acredito que os aumentos de preço havidos não foram suficientes para criar um lucro nessa proporção. Por que houve esse crescimento? O que foi corrigido no que existia de errado, para que o lucro operacional subisse em 72%?

Passo ao segundo ponto, relativo ao lucro líquido. Nós temos o mesmo lucro líquido no quarto trimestre. Apesar de o lucro operacional ter crescido 72%, nós temos o mesmo lucro líquido no quarto trimestre, 7,7 bilhões, tanto no quarto quanto no primeiro trimestre deste ano. O que se vê é isto: com um lucro operacional de 5,7, o lucro líquido foi gerado, no último trimestre, certamente por receitas financeiras, por algum outro tipo de coisa, como desmobilização ou algo parecido. Eu gostaria de saber o que é isso.

Em segundo lugar, indago: desse lucro de 7,7 bilhões, no primeiro trimestre, conforme a senhora apresentou, quanto disso vem da operacional e quanto disso advém também de outras receitas, como as que mencionamos, operações financeiras, desmobilizações e outras questões.

A minha pergunta principal é esta: por que essa eficiência do lucro operacional aumentou tanto? Por que estava tão ruim essa eficiência? Esse é o primeiro ponto, porque considero que subir 72% num trimestre um exagero, não da



eficiência, mas da deficiência que talvez tenha sido corrigida. Faço essa indagação para entender por que existia a deficiência.

Outro ponto que nos chama a atenção são as constantes notícias sobre falta de pagamento por parte da PETROBRAS, atrasos de pagamento, complicação nos pagamentos da PETROBRAS, ao ponto de diversas empresas — e somos da Comissão de Trabalho — estarem em condição pré-falimentar, outras falidas, outras em recuperação judicial. Cada vez mais, os aditivos são difíceis de serem feitos e a exigência de documentação para pagamento e para acertos tem sido cada vez maior. Se a empresa para, não recebe e quebra de uma vez; se continua, continua num preço que não consegue suportar. Em suma, quem trabalha para a PETROBRAS hoje — isto é falado por grandes empresas — vivencia isto: a pessoa começa trabalhando, toma um prejuízo durante a operação e, quando acaba a operação, continua uma renegociação dos aditivos; aí, sim, é que consegue realizar um lucro. Assim, empresas médias e empresas menores que não têm caixa ou *expertise* para fazer esse tipo de negociação sucumbem no meio do caminho. Isso é ruim, sobretudo para as empresas nacionais, que deveriam ter condição de se sustentarem durante o contrato, terem os aditivos vistos de forma sistemática e rápida, para que se pagasse o devido, e não se acumulasse tudo para o final. Isso causa esse desastre. Temos milhares de trabalhadores desempregados e milhares de fornecedores que não recebem.

E não há só isso: também acusam atraso no pagamento de FIDICs, que é uma moeda de financiamento que a PETROBRAS tem. A PETROBRAS diz, por outro lado, que não tem esse problema de caixa. Porém, pelas declarações do mercado, vemos que esse problema existe.

Para concluir, Sr. Presidente, eu gostaria de obter de S.Sa. alguns dados sobre a questão de Pasadena. Pasadena é apenas um exemplo. O Deputado Antonio Imbassahy abordou de forma mais contundente, mas eu gostaria de entender: S.Sa. disse que, na época, foram comprados 7,2 mil dólares por barril — não entendi qual foi a referência —, na aquisição. Pergunto: quanto vale hoje isso? Qual é o preço atual? Quanto vale hoje a refinaria de Pasadena? Por que a refinaria de Pasadena foi tirada da desmobilização? É um bom negócio? Ou é um negócio tão ruim que, se desmobilizar, vira um escândalo?



Em terceiro lugar, eu gostaria de ter acesso, se possível, aos dados dessa refinaria. Quero entender a operação dessa refinaria e ter acesso àquilo que não seja sigiloso, que possa ser fornecido. Eu gostaria que pudéssemos receber esses dados de Pasadena: os últimos números dos últimos anos, desde a aquisição para cá, a evolução disso, a questão patrimonial, a questão de investimento, o que foi feito em Pasadena. Como a senhora e os senhores têm relatórios de vários órgãos, eu gostaria de entender, sobretudo, o *valuation* dessa companhia ao longo desse ponto e qual é o *valuation* dela hoje.

Por último, refiro-me ao crescimento que a PETROBRAS teve de 2002 para 2012, 44%. Isso realmente mostra que se trata de uma companhia que tem muito a crescer, que o Brasil tem reservas importantes e que nós temos, cada vez mais, que investir. Se tivéssemos soltado os blocos que ficaram parados 5 anos, talvez nós tivéssemos tido um crescimento maior.

Quero cumprimentá-la pela preocupação e pelo conhecimento que tem da companhia.

Eu gostaria de receber essas respostas e esses dados.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ângelo Agnolin) - Dando continuidade à concessão de palavra aos autores dos requerimentos, ouvimos agora o Dr. Ubiali.

**O SR. DEPUTADO DR. UBIALI** - Sra. Presidente da PETROBRAS, Dra. Maria das Graças Silva Foster, muito obrigado pelas suas explicações. A PETROBRAS está em boas mãos. Vemos agora que a empresa corrige os seus rumos.

Várias perguntas que eu queria fazer, já foram feitas. A minha preocupação refere-se ao negócio de Pasadena. A desvalorização das ações e a queda da produção a senhora explicou muito bem. Contudo, Pasadena não é da época da senhora. Nessa época, lembro-me, a senhora estava cuidando de outro setor dentro da PETROBRAS, nem era a Presidência.

Pelo que lemos, tivemos, na verdade, a compra de uma refinaria que não era adequada aos padrões americanos. Era pequena, segundo eles. Estava fechada. Foi comprada pela Astra por 42,5 bilhões e vendida depois. Na verdade, a parte de estoque era 170 bilhões; e 190 bilhões foi o preço pago pela PETROBRAS. E a



PETROBRAS faz, no negócio, algumas concessões. Uma delas é garantir, por meio de uma carta de intenção assinada pelo Diretor Internacional, Nestor Cerveró, um lucro de 6,9% naquele negócio, um negócio que naquele momento já mostrava certa dificuldade.

Muito bem, as outras perguntas foram feitas. Como foi feita essa avaliação? A senhora falou de inteligência competitiva. Qual era o programa?

Logo nos chama a atenção — e foi também perguntado — que o principal articulador do lado da Astra era um brasileiro, com 20 anos de PETROBRAS, com conhecimentos internos, sabendo como funciona a companhia, como estava aquilo. Trata-se do Sr. Alberto Feilhaber.

Além disso, quando o Presidente foi contestado no Conselho da PETROBRAS, quando disseram que o negócio tinha sido um mau negócio — esta é pergunta que o Deputado Antonio Imbassahy faz, e a senhora provavelmente vai responder que realmente houve uma discussão intensa de que teria sido um péssimo negócio para a PETROBRAS —, foi dito pelo então Presidente da PETROBRAS de que a responsabilidade era do Sr. Nestor Cerveró, que havia feito aquilo quase à revelia do resto da Diretoria. A minha pergunta é uma só: se isso é verdade, por que o Sr. Nestor Cerveró continua com um alto cargo na PETROBRAS, sendo o Diretor Financeiro da BR Distribuidora?

Era apenas isso. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Dando continuidade aos trabalhos, passo a palavra ao Deputado Ronaldo Zulke.

**O SR. DEPUTADO RONALDO ZULKE** - Obrigado, Sr. Presidente. Quero saudar V.Exa., ao mesmo tempo em que saúdo o Deputado Ângelo Agnolin, Presidente da nossa Comissão de Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

Saúdo a nossa Presidenta Maria das Graças. É um prazer enorme recebê-la. Parabenizo-a pela presença e pelo trabalho desenvolvido, juntamente com sua equipem, à frente da mais importante empresa brasileira.

Devo confessar a minha motivação quando propus, em nossa Comissão, que a senhora fosse convidada para participar de uma audiência pública. Tive oportunidade de acompanhar uma exposição que a senhora fez no Rio Grande do Sul, na sede da Federação das Indústrias, sobre o plano de investimentos. Pude



constatar, naquela oportunidade, Presidenta, um entusiasmo muito importante do setor produtivo gaúcho com os números, as informações e as projeções que a senhora apresentou no plano de investimentos da empresa. É preciso dizer que o setor produtivo gaúcho está muito satisfeito, muito feliz, muito contente com tudo quanto a PETROBRAS vem contribuindo para o desenvolvimento do Rio Grande. Entretanto, ao mesmo tempo em que testemunhei isso, confesso que nesta Casa acompanhava algumas manifestações — poucas, mas importantes — de alguns colegas Deputados sobre preocupações legítimas com a situação da empresa, porque se ouvia muito falar que a empresa se encontrava numa crise profunda, a qual precisávamos discutir. Identifiquei uma contradição entre o que testemunhei no meu Estado, o entusiasmo com o setor produtivo, e essas preocupações manifestadas pelos colegas Deputados. Julguei que nada mais oportuno que a senhora viesse apresentar novamente o plano de investimentos, para que pudéssemos debater essas legítimas preocupações.

Fico muito feliz porque, mais uma vez, pela sua exposição, percebo que o plano de investimentos da companhia — que é o maior plano de investimentos do mundo que se realiza neste momento por uma empresa individualmente — está absolutamente de pé, e, mais do que isso, com dados robustecidos pelas últimas informações que a senhora trouxe a respeito da captação feita pela PETROBRAS recentemente. Portanto, de lá para cá, da presença de V.Sa. no Rio Grande do Sul para cá, melhorou muito a situação da empresa, no meu ponto de vista.

Mas preciso dizer, Presidenta, que o Rio Grande do Sul vivia um problema muito grave em sua metade sul, ressentindo-se da falta de desenvolvimento, numa crise de desemprego muito grande. E foi graças aos investimentos da companhia — mais de 10 bilhões realizados no nosso Estado — que estamos enfrentando uma verdadeira revolução no Estado do Rio Grande do Sul, com os investimentos e o polo naval, que se desenvolve não apenas na cidade do Rio Grande mas também no Baixo Jacuí, com a instalação de várias empresas, constituindo uma cadeia produtiva gigantesca, que nos tem levado a viver, felizmente, uma situação de quase pleno emprego no Rio Grande do Sul. Isso tem muito a ver com o projeto de desenvolvimento que está sendo levado a efeito pelo Governador Tarso Genro, mas



isso tem tudo a ver também com os investimentos feitos pela companhia em nosso Estado.

Nós somos muito gratos e queremos participar cada vez mais desse processo e desse plano de investimentos.

Por essa razão, a minha pergunta se dirige a um tema sobre o qual nos debruçamos há algum tempo nesta Casa: o conteúdo local. Se tudo isso está acontecendo, deve-se à correta decisão, tomada pelo Presidente Lula, de investirmos e retomarmos a indústria naval brasileira, às políticas que se desenvolveram de lá para cá e ao apoio que a Presidente Dilma vem dando a essa política. Contudo, eu gostaria de destacar essa correta decisão de incorporar a exigência da presença da indústria nacional com o conteúdo local nos índices a que a senhora se referiu, 45% a 65%, dependendo do setor.

Pois bem, outro dia observei também algumas informações nesta Casa e notas por parte da imprensa que dizem que o fato de estarmos exigindo a presença do conteúdo local era o que estava trazendo problemas relacionados aos prazos das plataformas e dos navios, que são parte das encomendas da empresa. Eu gostaria de a senhora discorresse um pouco sobre isso. Faço esse pedido porque penso que a PETROBRAS tem como principal razão de ser da companhia produzir e vender petróleo, mas eu agregaria outra contribuição tão importante quanto esta: a contribuição que a PETROBRAS tem a dar ao desenvolvimento do País como um todo e, conseqüentemente, o da indústria nacional; para isso, a política de conteúdo local é fundamental.

Assim, reitero que eu gostaria que a senhora discorresse sobre isso, até porque sei que a senhora elegeu essa política como prioridade, trazendo-a para o seu gabinete, para poder continuar conduzindo-a diretamente da Presidência. Acho que seria importante que a senhora compartilhasse com os nossos colegas Deputados um pouco sobre isso, se é verdade, se procede ou não que a presença da indústria nacional está atrapalhando os prazos e dificultando a entrega das encomendas da PETROBRAS.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Dando continuidade aos trabalhos, passo a palavra ao Deputado Renato Molling. *(Pausa.)*



Passo a palavra ao Deputado Afonso Florence. (*Pausa.*)

Passo a Presidência ao Deputado Ângelo Agnolin, Presidente da Comissão de Desenvolvimento Econômico, para que possa fazer as suas considerações.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ângelo Agnolin) - Pelo número de inscrições, vamos ter uma reunião de mais ou menos 21 horas, como aconteceu no Plenário. Sei que a Presidente Maria das Graças está com toda a disposição e disponibilidade.

Eu gostaria de cumprimentar os Deputados Roberto Santiago e Eduardo da Fonte.

Mais uma vez, cumprimento a nossa Presidente e, de antemão, agradeço a S.Sa. o aceite ao convite das Comissões para vir dar importantes esclarecimentos para a Câmara dos Deputados.

Nós que tivemos o privilégio de ouvir a exposição, os questionamentos e as considerações apresentados pelos autores dos requerimentos, que tiveram a oportunidade de expor os motivos da autoria, verificamos que pouca coisa restou a acrescentarmos. No entanto, saindo à margem da exposição e das colocações, quero adentrar outra área que interessa demais ao Brasil.

Nós todos reconhecemos na PETROBRAS a sua importância, a sua grandeza, a sua representatividade, a contribuição que dá à economia, à sociedade brasileira, tanto que é uma grande geradora de expectativas, de confiança, e assim por diante. Entre as expectativas, temos a questão da educação.

Por debates, por projetos, acabou virando uma expectativa nacional que a PETROBRAS, por meio da geração de *royalties*, possa ser efetivamente a alavanca para que a educação dê o salto que precisa para atender a demanda e a expectativa nacionais. Ao mesmo tempo, fiz uma reflexão: nós temos, segundo anúncios — e, se não ouvi mal, foi confirmado na sua exposição —, a perspectiva de chegarmos a 2020 com 5,2 milhões de barris por dia de óleo e gás. Esses 5,2 bilhões estão projetados dos poços já contratados, aqueles que já estão em contratação. Eis, a seguir, o que quero entender, com a ajuda da senhora.

Tramita na Casa o Projeto de Lei nº 5.500, de 2013, oriundo do Executivo, que propõe a destinação dos *royalties* dos contratos originários de novas licitações, para a educação. Se até 2020 a previsão de 5,2 milhões de barris é dos contratos já



existentes, qual a possibilidade de termos já nesse período *royalties* para a educação? Porque, se em 2020...

Apresento outra questão, sobre a qual eu gostaria de obter, se possível, uma confirmação. Alguns entendem que um contrato, da licitação até a comercialização de um poço, demoraria em torno de 6 anos, em tempo rápido, com certa agilidade; outros analisam que poderia ser 10 anos; e alguns argumentam que chegaria a 16 anos. Mais uma vez, indagamos: em que momento teremos a disponibilidade dos *royalties* para a educação?

Essa é uma das preocupações, e trago essa preocupação como alguém que é de um partido totalmente focado em educação, o PDT. O meu partido é obcecado por educação. Por isso, o nosso apoio incondicional à destinação para a educação e o nosso desejo de que isso aconteça o mais rápido possível.

Quero fazer uma segunda consideração: em não sendo possível utilizar esses recursos nesse intervalo, até 2020 ou 2022, que alternativa teríamos para atender a educação, por meio da extração de petróleo? Poderia destinar-se uma área específica para isso? Poderia fazer-se alguma parceria diferenciada entre a PETROBRAS e a União, para destinar recursos para a educação? Como atender a essa ansiedade, a essa expectativa que a sociedade construiu, na esperança de ter essa alavancagem com recursos originários de *royalties*?

São essas as considerações.

No mais, quero parabenizar a sua gestão, a sua administração. A PETROBRAS tem demonstrado competência e capacidade. Mesmo com alguns questionamentos, a PETROBRAS tem mostrado que é uma empresa de êxito, de sucesso, que bem representa o Brasil e nos orgulha aos brasileiros.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA** - Sr. Presidente, Deputado Eduardo da Fonte, pela ordem. Solicito a informação de quantos Deputados farão perguntas e usarão da palavra, por cada rodada, para que a Presidenta possa dar as respostas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Ficou estabelecido pela Mesa, Deputado José Rocha, que passaremos a palavra à Presidenta depois que a Mesa terminar de fazer seus questionamentos, para que S.Sa. possa responder ao primeiro bloco de perguntas. Em seguida, passaremos a palavra aos inscritos, para que façam suas perguntas.



**O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA** - A rodada é de quantos inscritos, Sr. Presidente?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Consultando a Mesa, eu estava querendo que se fizessem logo todas as perguntas, para que a Presidenta respondesse em duas ocasiões: ao primeiro bloco e ao segundo bloco.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA** - Talvez fosse melhor um bloco de cinco inscritos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Vamos tentando dar sequência, para que possamos dar agilidade aos trabalhos. As perguntas se confundem, são praticamente as mesmas. A Presidenta responderia em dois blocos, o que seria mais produtivo para a audiência pública. Se não for produtivo, mudamos o procedimento.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SANTOS** - Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Com a palavra o Deputado Alexandre Santos.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SANTOS** - Peço que observemos o tempo dado a cada Parlamentar, a fim de agilizarmos a presente sessão. Em face do que estamos vendo, não terminaremos esta sessão no dia de hoje.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Vamos seguir os 3 minutos com todo rigor.

Com a palavra o Deputado Roberto Santiago, Presidente da Comissão do Trabalho.

**A SRA. DEPUTADA FÁTIMA BEZERRA** - Sr. Presidente!

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Pois não, Deputada Fátima.

**A SRA. DEPUTADA FÁTIMA BEZERRA** - Sr. Presidente, quero apenas lembrar que, imediatamente após o término da audiência, faremos o ato de instalação da Frente Parlamentar em Defesa da PETROBRAS.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Com certeza, será um momento muito importante para esta Casa e para o Brasil, Deputada Fátima Bezerra.



**A SRA. DEPUTADA FÁTIMA BEZERRA** - O Deputado Luiz Alberto está vigilante.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Estamos vigilantes todos nós!

Com a palavra o Presidente da Comissão do Trabalho, Deputado Roberto Santiago.

**O SR. DEPUTADO ROBERTO SANTIAGO** - Obrigado, Sr. Presidente, Deputado Dudu da Fonte.

Saúdo a nossa Presidenta da PETROBRAS e os nossos Deputados e Deputadas.

Na verdade, as perguntas estão sendo bem desenvolvidas pelos nossos Parlamentares. Quero fazer, Sra. Presidenta, algumas considerações, e tenho a impressão de que parte da minha fala seria de vontade de V.Sa. também. Mas, na impossibilidade de fazê-lo, eu quero aqui externar uma posição que tenho a impressão que é a mesma de V.Sa.

Primeiro, quero reforçar a posição do nosso representante, Deputado Sandro Mabel, autor do requerimento, que fala sobre os terceirizados, sobre as empresas de terceirização que prestam serviços para a PETROBRAS. Hoje, em torno de 400 mil trabalhadores terceirizados estão oferecendo seus serviços na empresa. E, por toda essa conjuntura colocada, essas empresas não vêm recebendo em dia aquilo a que têm direito nos seus contratos. Isso, na verdade, causa problemas diretamente aos trabalhadores terceirizados, que, na sua grande maioria, são da base da pirâmide; são trabalhadores braçais. Portanto, isso vem ocasionando... E nós temos recebido informações de todo o País, de vários sindicatos, desses problemas que a PETROBRAS, em função do que está ocorrendo dentro da companhia, acaba, em certa medida, tendo que contingenciar os seus pagamentos, prejudicando essas empresas.

Tenho clareza, Presidenta, que a situação colocada por V.Sa., como foi dito aqui pelo Deputado Arnaldo Jardim, com muita propriedade, acabou assumindo, na transição, problemas de gestão anterior. E é claro que nós aqui, do Parlamento brasileiro, não podemos negar reconhecer que esses problemas são causados pelo loteamento político da companhia. É evidente que, quando se trata de fazer um



Governo de coalizão, um Governo com a base do tamanho que tem o da Presidenta Dilma, os partidos têm a oportunidade de indicar seus representantes para que, conjuntamente, possam governar o País. Mas, em especial, numa empresa com a responsabilidade e com o tamanho da PETROBRAS, isso deveria ser completamente repensado.

Compreendo as dificuldades por que passa V.Sa., e com o estilo, inclusive, de governar, da Presidenta Dilma, um estilo mais duro, mais técnico. A grande avaliação que V.Sa. e a Presidenta da República deveriam estar colocando neste momento é a rediscussão do loteamento político da companhia e de todas aquelas que estão agregadas à Companhia. Quando se trata de uma empresa desse porte... E, aí, lá atrás, junto com as centrais sindicais também, trabalhamos no sentido da possibilidade do investimento do Fundo de Garantia em ações da Companhia, ações essas que já frustraram a grande maioria dos trabalhadores que fizeram esse investimento, inclusive eu, por conta de ter se utilizado de um pedaço desse Fundo para poder investir na Companhia. Naquele momento, foi positivo esse investimento na Companhia.

Quero também destacar aqui um debate que foi feito quando da aprovação da nossa participação nesta audiência conjunta. Nós vamos insistir, futuramente, num debate que não seja numa audiência conjunta, porque já está sendo colocado aqui por vários Parlamentares — mais de 30 inscritos —, e isso vai dificultar o debate, com certeza absoluta, daquilo que nós gostaríamos de perguntar com mais profundidade.

Quero agradecer a V.Sa. a presença.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Deputado Otávio Leite, Presidente da Comissão de Segurança da Câmara dos Deputados.

**O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE** - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, eminente Presidenta, eu quero usar a palavra na qualidade de Parlamentar que tomou a iniciativa de propor uma alteração da Constituição brasileira para que se incluísse uma cláusula deixando absolutamente claro que a PETROBRAS não pode ser alienada. Há uma PEC tramitando, já aprovada na Comissão de Justiça, e estamos aguardando a Comissão Especial, mas tenho muito orgulho de ter sido



autor dessa iniciativa porque evidentemente a PETROBRAS é um patrimônio brasileiro e todos nós devemos preservá-la e fortalecê-la. É óbvio que ela é aberta, que comercializa ações, mas o comando tem que ser do Estado brasileiro.

Nesse sentido, queria ser bem objetivo e formular duas indagações: uma sobre a oscilação, que é muito díspar e muito diferenciada, do crescimento do valor do combustível, da gasolina e do diesel, em comparação ao QVA, o querosene da aviação — pelo menos cinco vezes mais nos últimos anos. E também quero fazer uma pergunta sobre o COMPERJ.

Quanto ao QVA, Presidenta, sabemos que hoje vivemos nesse mundo globalizado, com uma política cada vez maior de céus abertos, que é impossível de ser alterada. Essa competitividade cada vez é mais exigente, e, lamentavelmente, os preços praticados no Brasil em relação ao QVA implicam num custo real da passagem muito mais elevado em consequência da diminuição da competitividade brasileira no contexto das nações.

O Presidente da Associação Internacional de Transportes recentemente sublinhou essa fragilidade da competitividade brasileira apenas dizendo que o mesmo combustível de aviação vendido em São Paulo é mais caro do que em Angola, Luanda ou em Brazzaville, no Congo. Enquanto em São Paulo se pratica 4,91, em Pequim é 3,3, em Houston 2,8, em Buenos Aires 3,1. Nós sabemos que tudo tem implicação com o Custo Brasil.

Então, eu queria objetivamente perguntar, considerando que no componente do custo da aviação o QVA representa 43% do montante, se a PETROBRAS prosseguirá com essa política diferenciada de aumento do QVA, independentemente da gasolina no sentido — aí eu friso — de deixar bem claro que essa política é alimentadora do aumento do preço das passagens, e todos queremos que cada vez mais brasileiros consumam passagens aéreas. É uma primeira pergunta: o QVA.

A segunda pergunta refere-se ao nosso COMPERJ, que foi conclamado, propalada, e ne vezes autoridades da República foram a Itaboraí, tiraram fotos, com pompas e circunstâncias, enfim, dizendo que ali se instalaria um polo petroquímico, com a âncora que há de ser a refinaria para 150 mil barris e um conjunto outro de unidades de etilbenzeno, estireno, etilenoglicol, polipropileno, polietileno, e por aí vai.



Para cada uma dessas unidades, eu venho acompanhando desde 2011 as dotações orçamentárias previstas na PETROBRAS, identificando que na prática elas não vêm sendo executadas a contento. Tirando a planta principal, as demais praticamente zero, praticamente zero. Eu, em 2011, formulei um requerimento de informação ao Sr. Ministro de Minas e Energia e, lamentavelmente, recebi a seguinte resposta sobre a seguinte informação que formulei: *“Por que não foram gastos os valores? Qual o plano da PETROBRAS para essas unidades?”* A resposta era de que não poderia ser apresentada a informação, tendo em vista que era de caráter reservado.

Lá tive eu que ir ao subsolo desta Casa para ler um documento, enfim, que eu não posso aqui nem expressar o que era por um dever constitucional de manter o sigilo. É inadmissível que uma informação dessa natureza seja cerceada, seja impedida de chegar a um Parlamentar da República. Indago, só para se ter uma ideia — vamos para a planta principal, para não me alongar, que é a âncora do programa do COMPERJ —, em 2011 foram previstos 5,8 bilhões para serem investidos; investiram 1,8 bilhão. De 5,8 bilhões, investiram apenas 1,8 bilhão. Em 2012, a dotação prevista para a refinaria era de 6,9 bilhões; investiram 4,3 milhões de reais, ou seja, 62%.

Aí vai um registro. No final, por meio daquele típica alquimia contábil-orçamentária, o Governo alterou a dotação que era de quase 7 para 4, para dizer o seguinte: *Investimos 93% do que estava previsto.*

Na verdade, não foi isso. Investiram 62% do que esta Casa autorizou investir. Queremos investimentos; queremos que o COMPERJ seja logo concluído, por uma razão muito simples. No Brasil, todos bradamos que somos todos autossuficientes em petróleo. Em tese, porque não refinamos o que precisamos. Gastamos 12 bilhões de reais e as nossas contas externas estão cada vez mais contaminadas devido ao déficit de importação de gasolina. O Brasil é essa potencialidade formidável que todos conhecemos, já que está a olho nu, considerando que não conseguimos refinar o petróleo de que precisamos.

Aí vão os capítulos outros já desenvolvidos aqui.



Finalmente, a previsão para 2013 que aprovamos é da ordem de 6,6 bilhões de reais. Até o momento, gastamos 750 milhões de reais, coisa de 11% a 12%. Estamos quase na metade do ano.

Então, a formulação que faço com absoluto respeito a V.Sa. é no sentido de saber algo. Qual é o cronograma físico-financeiro do COMPERJ? Quando o Brasil, não o Rio de Janeiro, terá uma planta de refino funcionando? E as unidades do polo petroquímico, pelo que parece estão na quarta ou quinta prioridade, quando efetivamente acontecerão, na prática?

Portanto, são duas formulações: a do QVA, para saber a política de aumento de querosene para a aviação; e essa relativa ao COMPERJ.

Volto a dizer, com muito orgulho, faço essas formulações na qualidade de Deputado que propôs a PEC que impede a privatização da PETROBRÁS.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Antes de formular minha pergunta, gostaria de aqui registrar, a pedido da Sra. Deputada Iriny Lopes, que a Presidente da PETROBRAS, Maria das Graças, foi escolhida pela revista *Forbes*, uma das duas mulheres mais importantes do mundo. Quer dizer, V.Sa. é um orgulho para o nosso País. (*Palmas.*)

Sra. Presidente, gostaria de dizer a V.Sa. da importância desta audiência pública, já que está tendo a oportunidade de esclarecer para esta Comissão e para as Comissões que aqui realizam esta audiência pública questões importantes para o Brasil; também quero dizer do orgulho que sinto como um brasileiro da PETROBRAS, pelo grande trabalho que presta ao Brasil, em especial ao Estado de Pernambuco. Hoje, o Estado de Pernambuco consegue alcançar índices de desenvolvimento bem acima do resto do País graças à PETROBRAS, ao que tem gerado de riquezas em todo o Nordeste.

Farei aqui uma simples pergunta à V.Sa. pela importância que esse investimento da PETROBRAS tem para o Estado de Pernambuco, para o Nordeste e para o Brasil. Refiro-me à planta de POY, a planta têxtil da Petroquímica SUAPE, que tem expectativa de gerar 300 mil empregos para o Nordeste.

Presidente Maria das Graças, esse investimento é, sem dúvida, um dos mais importantes que a PETROBRAS fará em nosso País. A expectativa do povo nordestino e de todos os Estados do Nordeste é muito grande em relação a esse



investimento. Tenho certeza de que, com relação aos Municípios que hoje estão prejudicados pela seca e estão sofrendo com falta de perspectivas de desenvolvimento em todo o Nordeste, uma alternativa que a PETROBRAS tem é de levar esses investimentos a esses Municípios que estão sendo castigados, já que o Nordeste mostra sua vocação para o setor têxtil.

Um exemplo a citar em Pernambuco são as cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e toda a região, uma das maiores produtoras de gim do mundo. Tenho certeza de que com a efetivação e a conclusão dessa planta pela PETROBRAS, o Nordeste do Brasil e especial o Estado de Pernambuco agradecerá mais ainda a esta empresa que tem tantos trabalhos prestados ao Brasil.

Isto posto, pergunto a V.Sa. se esse investimento têxtil dará para cumprir o cronograma de investimento, se será dada a atenção que merece pela PETROBRAS, pelo Governo da Presidente Dilma e pelo Brasil? Tenho certeza que essa é uma perspectiva a mais para o nordestino uma perspectiva a mais para o Estado de Pernambuco.

Concedo a palavra agora à Presidenta Maria das Graças, para suas respostas.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, demais presentes, vamos lá. Vou responder às indagações de forma bem objetiva, para terminar rápido e haver mais tempo para todos fazerem outras perguntas.

O Sr. Deputado Carlos Zarattini falou sobre captação, sobre 11ª Rodada e sobre o nosso empreendimento maior, o evento maior que todos esperamos ao final deste ano, que é o leilão para o pré-sal, para a partilha.

Quando vamos a um leilão desses, à 11ª Rodada, como aconteceu, não começamos esse planejamento olhando para a 11ª Rodada; olhamos as próximas rodadas que virão este ano e aquelas que acontecerão em anos subsequentes. Assim foi que a PETROBRAS na 11ª Rodada planejou sua participação como operadora na 11ª. Cedemos a posição de operadores para algumas empresas importantes e poderemos nos preparar para realizar bem esse papel que temos agora de operador único do pré-sal, que está na lei. Assim, a PETROBRAS se organizou para desenvolver essa atividade.



Então, a resposta é sim. Planejamos estar prontos, tanto do ponto de vista financeiro quanto do ponto de vista de recursos humanos, para operar o resultado dessas próximas licitações que virão.

Com relação ao conteúdo local, sobre o qual foi perguntado por outros Parlamentares presentes, é muito importante que entendamos que esse conteúdo local que hoje aparece como exigência nos contratos de concessão e no contrato de partilha, que virá, foram trabalhos feitos em que a PETROBRAS teve participação bastante efetiva. A Agência Nacional de Petróleo e o Ministério de Minas e Energia realizaram várias e várias reuniões para estabelecer o valor do compromisso do conteúdo local. A decisão final certamente é do dono do Petróleo, o Ministério de Minas e Energia; a agência é reguladora e operacionaliza as atividades do leilão, mas a PETROBRAS dá sua avaliação e não é um número sem fundamento; é um número com memória de cálculo.

Então, assinamos embaixo desses valores de conteúdo local que se apresentam. É um grande desafio construir tanto, atuar tanto e tão forte quanto a PETROBRAS atua. Paralelamente, há que se atender ao conteúdo local, estabelecido pelo Governo Federal.

Mas seria um grande erro estratégico, entendo, do Governo se ele não se obrigasse ao conteúdo local. Produz-se petróleo, produz-se gás. Tudo isso passa. O que fica é o conhecimento desta Nação capaz de continuar gerando bens e riquezas. Então, para nós, PETROBRAS, é importante vermos uma indústria de bens e serviços chegar ao ponto em que se encontra a nossa indústria de bens e serviços no setor naval, *offshore*, por exemplo, com grande conhecimento, trabalhando de forma madura, trabalhando muito bem as entregas. Existem as curvas de aprendizado. Todos nós passamos por essas curvas de aprendizado, cada um na sua função, mas o setor naval *offshore* vem trabalhando muito bem e os fornecedores dos fornecedores dos fornecedores também vêm atuando de forma bastante eficiente. Um ajuste complicado tem de ser feito. Uma empresa grande como a PETROBRAS tem a obrigação de fazer, no que cabe a ela, essa administração do conteúdo local e da importação.

Com relação à refinaria, se a economia vai muito e muito bem, se há crescimento seguido de crescimento, como aconteceu nos Estados de 2000 a 2008,



ser um refinador tanto de óleo pesado quanto de óleo leve no Golfo do México, onde quer que seja, faz-se resultado muito bom. Quando a economia é pujante, é crescente, tudo o que se produz se consome, consome-se muito mais do que se imaginou. Então, tudo vai muito bem. E, aí, o refino apresenta excepcionais margens. Quando acontece uma quebra forte, não uma quebra no ritmo, mas uma interrupção do crescimento, que foi o que aconteceu em 2008 e 2009, eu mostrei a vocês — pena que não foram projetadas margens negativas, que também acontecem... Quando se é uma empresa integrada, como é a PETROBRAS no Brasil, consegue-se administrar ganhos e eventuais perdas. Então, nós temos 14 refinarias; o que produzimos de petróleo no Brasil e o que conseguimos administrar de nossos custos dá margens bastante interessantes para a PETROBRAS. Quando se faz uma busca no mercado de fora, em que se têm preços de aquisição maiores do que os preços que se está praticando, se se tem um grande volume de refino no Brasil, consegue-se diminuir essas perdas a favor da estabilidade econômica em alguns momentos, a favor do consumo.

Então, no Brasil, para nós, é muito importante trabalhar de forma integrada. E quando nós fizemos a aquisição de Pasadena — e eu vou me antecipando em algumas respostas —, encontrava-se o Brasil antes do pré-sal, com um consumo muito menor, e os Estados Unidos com um consumo absurdo, muito maior, em que todas as margens compensavam os investimentos.

Portanto, o prejuízo que Pasadena deu principalmente no período da queda, em 2007, 2008, 2009, 2010, decorreu dessas perdas de margem do refinador, e é, de fato, uma refinaria que não tem a complexidade que têm as nossas refinarias, não têm a flexibilidade que as grandes refinarias no Brasil têm, e outras refinarias no mundo.

Em relação ao que me foi perguntado pelo Exmo. Deputado Arnaldo Jardim, nós temos aqui algumas respostas importantes e oportunidades na verdade que me são dadas de poder responder e esclarecer. Lógico que as perguntas são muito profundas e levaria muito tempo. E, aí, eu concordo realmente ser muito mais interessante uma reunião que tivéssemos para fazer todos os esclarecimentos, mas existem... Quando eu não entreguei esta apresentação no ano passado, peço



desculpas. Eu não posso entregá-las. Estas, certamente, quando eu sair daqui, estarão disponíveis a V.Exas.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Já estão? Então ótimo! Muito bom!

Com relação ao que foi apresentado na Revista *Época*, a grande maioria desses números são absolutamente precisos. É lógico que temos todas as informações às mãos, e a nossa precisão, por obrigação, é muito maior, e não dá para debater todos esses indicadores. O fato é — foi apresentado em fevereiro do ano passado — que tivemos um lucro líquido de 21,6 bilhões de reais, frente a um lucro líquido no ano anterior de 31 ou 33, não tenho os números aqui, bilhões de reais.

Nós tivemos uma maior defasagem, em 2012, ano passado, um número muito grande de baixa de poços secos. Então, uma série de elementos levou a esses números muito menores. O que acontece é que a gente analisa, e é um resultado excepcional, porque 21,6 bilhões de um resultado é algo muito grande. Nós somos a empresa no Brasil que deu maior lucro ano passado. Puxa, mas demos 33 no ano anterior. Agora, vamos olhar a vida da companhia num período mais longo. Eu mostrei a V.Exas. várias empresas que por diversas razões acabam perdendo algum lucro, de um ano em relação ao outro. Nós tivemos também uma perda muito grande no ano passado, que foi a questão do câmbio. Temos 74% da nossa dívida — a dívida bruta da PETROBRAS é de 196 bilhões de reais; a dívida líquida, 146 bilhões de reais, e 74% dessa dívida estão associados ao câmbio. Então, quando se tem uma queda, uma desvalorização do real como nós tivemos, perde-se no resultado 7 a 8 bilhões. Então, foi um conjunto de fatores que aconteceu — poços secos em grande baixa acontecendo no ano passado.

Nós mudamos muito a nossa política exploratória para que façamos uma administração melhor, mais pontual dos potenciais poços secos. Poços secos fazem parte do negócio. Tem-se que trabalhar para não deixar concentrar tudo no mesmo período. Há uma série de elementos que trouxe para nós um resultado menor no ano passado: câmbio, defasagem de preços, poços secos e uma menor produção



de petróleo. Foram os quatro principais fatores que levaram a esses elementos. Eu posso explicar cada um deles, mas esses foram os quatro principais pontos.

V.Exa. me falou também sobre desmobilização dos ativos. Considera importante que uma empresa avalie seu portfólio, e é isso o que nós estamos fazendo desde 2010. Nós entendemos que ativos que eram extremamente importantes para nós antes do pré-sal perderam a importância. Não é que deixam de ser importantes, mas, frente à demanda por recursos, frente à demanda por pessoas, nós temos que priorizar. A PETROBRAS tem que focar na produção; tem que focar no refino; tem que focar em fertilizantes; tem que trabalhar ainda melhor o mercado de gás no País. Essa é a razão de ser desses ativos.

V.Exa. me perguntou sobre a Pesa. A Pesa faz parte da carteira de investimentos da PETROBRAS. Como eu disse no Senado e como eu disse anteriormente ao Senado, não há o que nos faça fazer um desinvestimento que não seja bom aos cofres da PETROBRAS. Nós temos algumas empresas com as quais discutimos, algumas dentro de um processo de confidencialidade. Eu não posso dizer quem está na mesa discutindo conosco. Nós não vamos ter na mesa uma única empresa, e esse processo sequer chegou à Diretoria da PETROBRAS.

Existem vazamentos? Existem muitos vazamentos que certamente, em muitos casos, saem das próprias empresas que estão na mesa negociando. Então, eu não posso atribuir isso à PETROBRAS e não posso atribuir à empresa B, C, D, E.

O processo obriga que haja muitas interfaces — com bancos, com agências que avaliam, com agências ambientais dos países. São tantas interfaces que trazer para a PETROBRAS exclusivamente vazamentos... O fato é que vazamentos tornam o processo caótico e retardam profundamente, ao ponto de se evitar o desinvestimento.

Eu não posso dizer o valor que está na mesa nem o range deles porque eu estaria formando um preço para um ativo e não posso fazer isso, com prejuízo e até uma punição por parte das demais empresas que trabalham conosco, mas esses processos que têm tanta discussão na imprensa acabam retardando ou impedindo realmente a chegada a um denominador comum.



A Pesa faz parte? Faz. A PETROBRAS não pretende — não pretende — sair 100% da Argentina. Nós estamos lá há muitos anos e não pretendemos deixar o País de forma alguma, mas é o que eu devo colocar agora, neste momento.

Com relação à RENERJ e com relação ao COMPERJ, tanto na RENERJ quanto no COMPERJ o trabalho tem sido muito forte para que tragamos a realização física e a realização financeira andando juntas. Fomos muito bem sucedidos no ano passado e também neste trimestre.

Eu estive na RENERJ anteontem. É uma refinaria em que estamos com praticamente 76% da realização física. Falta muito acabamento, muito arruamento. Alguns prédios de administração estão ainda em final de conclusão, mas a casa de força já tem energia dentro da refinaria e nós vamos começar a comissionar parte a parte, etapa a etapa.

O COMPERJ é também um trabalho muito grande que nós temos feito. Houve um atraso relevante. O Deputado tem toda a razão sobre essa ansiedade que fica por conta do COMPERJ. Nós tivemos que pegar muito forte agora, nos últimos oito meses, nos *off-sites* do COMPERJ, rodovias, píeres. Nós estávamos indo numa rota que poderia dar muito certo, que era ter determinadas licenças ambientais. Não necessitaria construir as rodovias para que os grandes equipamentos chegassem dentro do COMPERJ. Passou tempo, passou tempo, e foi tomada a decisão: vamos fazer as rodovias, porque os equipamentos precisam chegar para serem construídos efetivamente. Então, o COMPERJ é muito importante para a PETROBRAS; as refinarias, de forma geral, são muito importantes.

O que nós conseguimos com esses dois grandes empreendimentos foi um ajustamento do físico e do financeiro. Esses são dados extremamente importantes.

A integração do refino no Brasil é primordial; não é possível fazer refino no Brasil, sem estar integrado na produção. E não dá para fazer geração de energia elétrica, se não houver refinarias que consumam parte dessa energia.

No Brasil, com essa responsabilidade que a PETROBRAS tem, nós estamos completamente interligados. Então, essa empresa que os senhores são inclusive responsáveis pela criação precisa trabalhar integrada. Para administrar todos esses ativos, é preciso um esforço intelectual bastante grande, um esforço físico



muito grande. E como o senhor colocou muito bem, na minha avaliação, a questão da priorização é fundamental.

Não sei onde está o Deputado Adrian. Desculpe-me, Deputado.

A coisa mais fácil que existe, a mais simples de todas elas, nós que somos engenheiros na PETROBRAS temos esta discussão entre nós. É muito mais fácil criticar uma obra feita, independente de que obra seja, do que construir uma nova obra. É a mesma coisa de uma casa. Você constrói uma casa, vai morar nela e pensa: por que não botei a cozinha para ali, por que não botei a sala para cá?

Então, o caso de Pasadena é um exemplo típico, Deputado Imbassahy. Se olharmos para trás e analisarmos tudo o que aconteceu de lá para cá, o privilégio da descoberta do pré-sal em 2006, como poderíamos em 2007 e 2008 admitir fazer aquisição de refinaria no exterior, se nós temos 1 milhão, 2,5 milhões de petróleo que podem ser exportados a partir do ano de 2019, 2020?

Então, fica muito claro que essas refinarias tinham que ser e estão sendo construídas no Brasil. Essa é uma diferença dentro do planejamento estratégico, que o Deputado Dr. Ubiali colocou, que talvez tenha sido um erro da inteligência do planejamento estratégico.

Existem muitas incertezas num planejamento estratégico: preço, demanda, oferta, poder da economia, efeitos geopolíticos, Coreia do Sul com Coreia do Norte, Irã e Iraque, desaceleração da China. Tudo isso, quando está na mesa, é mais fácil.

Então, olhamos para trás agora, o que pagamos pela refinaria, por 50% das ações, no início, o que está em contrato e foi efetivado, em setembro de 2006, 170 milhões de dólares. Não, nós pagamos 190 milhões de dólares por 50% das ações. Por quanto a Astra Trading comprou, os jornais publicam números que eu não posso confirmar. O fato é que havia 170 milhões de dólares de estoque. Cento e noventa milhões foi o que pagamos por 50% e 170 milhões de dólares de estoque.

Quando eu olho para trás, com tudo o que aconteceu, com todas as divergências que aconteceram com todos os sócios, quando olho o que nós estamos construindo no Brasil, fica muito fácil para mim — ainda que eu fosse, à época, Presidente da BR Distribuidora — olhar para trás e falar: *“Hoje não faria isso”*. Eu não faria, porque eu estou vendo todo o passado. Então, esse é um ponto que



precisa ser bastante bem colocado. Quando há o retrovisor com tudo de bom e tudo de ruim, fica mais fácil colocar o que deveria ter sido feito e o que não deveria.

Várias e várias ações que nós fizemos no Brasil, em vários segmentos, vários projetos, se eu olho para trás, eu falo: *“Eu teria feito tudo de novo, mas aquele projeto não, aquele projeto daquele poço seria diferente”*.

Então, eu me reservo a reconhecer que hoje não faríamos Pasadena, com todas as informações que nós temos, com tudo o que nós dispomos. Não faz sentido fazermos Pasadena hoje.

Mas também não posso falar da oferta que foi colocada para nós. E ela não nos convenceu, ela não nos agradou. As margens que hoje vigoram por conta do *tight oil*, esse óleo que fica preso no reservatório e que novas tecnologias estão sendo capazes de produzir, dizemos assim: *“Espere lá, agora não vendo, a esses valores, não. Vamos recuperar o máximo de margem, vamos ver como o mercado se comporta e vamos ver o próximo passo de Pasadena”*.

Deputado Antonio Imbassahy, a quem já respondi parte das perguntas feitas, eu não sei quanto a Trading pagou. Li no jornal, não tenho informações além daquelas que aparecem nos jornais.

A crise econômica, a arbitragem, a estruturação, novamente, Deputado, eu realmente tenho o privilégio de ter o passado na minha mesa e fazer um julgamento de tudo o que aconteceu. O valor que nos apresentaram não interessa, e vamos aproveitar o máximo dessa refinaria com essas margens, vamos fazer o máximo possível de recuperação dos ativos. É possível fazer uma produção mais eficiente nesses ativos, com investimentos menores, porque nosso foco principal é aqui no Brasil.

Existe outra situação também, Deputado, mas como disse ao senhor, nós temos o TCU dentro da PETROBRAS, neste período, fazendo esse trabalho sobre Pasadena. Então, eu tenho toda uma estrutura que nós desenhamos para atender o TCU. E temos feito um trabalho de muita prosperidade com o TCU não só em Pasadena, mas em todos os outros reclamos do TCU em relação à PETROBRAS. Especificamente para Pasadena, há uma equipe que fala de Pasadena e está 24 horas dedicada a atender o TCU. Então, quero evitar colocar elementos que possam dificultar essa comunicação junto ao TCU.



O Deputado Sandro Mabel, que está ali me ouvindo, perguntou sobre o lucro operacional — 72%. É isso, Deputado, são 72% do lucro operacional.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Mas por que, Presidente?

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - E vou explicar ao senhor agora. São maiores margens de refino. Nós tivemos, caindo inteiros no segundo trimestre, dois aumentos de *diesel* e de gasolina. Então, esse aumento de 5% que tivemos de *diesel* logo em janeiro ou fevereiro — eu acho que foi no final de janeiro — foi muito importante para a recuperação de margem que nós tivemos.

Além disso, por conta de bilhões de dólares que foram investidos nas refinarias do Brasil, ao longo dos últimos quatro anos, em melhorias, para que elas atinjam mais complexidade, isso significante mais flexibilidade, nós investimos muito em logística para evitar alguns movimentos de derivados de petróleo. Tudo isso trouxe para nós mais margens. Nós ficamos mais positivos na nossa capacidade de produzir mais derivados, a um custo de refino menor.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Sim, Presidente, mas 72% de um trimestre para o outro?

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Ainda chego lá. Isso tudo foi demonstrado ao mercado, todos esses dados são assinados pelos nossos auditores. Tudo isso é rastreado, linha a linha, pela contabilidade, pelos auditores. Então, não poderia fazer e não faria isso. A PETROBRAS não declara a mercado um lucro operacional que não seja absolutamente rastreado, o que foi.

Nós temos também uma redução nesse período, comparado com períodos anteriores, de poços secos, a baixa de um poço seco, de dois, de três, de quatro poços secos. Nós tivemos uma baixa menor de poços secos. Isso sai direto do resultado da companhia. Tivemos uma geração de energia elétrica também maior nesse primeiro trimestre. Nós fizemos geração de energia elétrica com margens positivas. Então, todo esse conjunto de elementos trouxe para nós um resultado maior.

Quanto ao lucro líquido, o senhor bateu exatamente no ponto que faz a diferença. No ano passado, o lucro líquido do último trimestre de 2012 foi beneficiado por fatos não recorrentes de origem financeira. Então, tivemos, no ano passado, um lucro líquido maior pelo seguinte fato: em função da venda de títulos



que fizemos no último trimestre do ano passado, da PETROS, e esse fato não aconteceu neste primeiro trimestre para nos auxiliar nesse lucro líquido. Além disso, no último trimestre do ano passado, foi creditado todo pagamento a maior do Imposto de Renda e contribuição sindical deste ano. Neste primeiro trimestre, pagamos mais impostos do que no ano passado, no último trimestre.

Por que isso? Porque todo dividendo e todos os juros sobre capital próprio que pagamos no ano passado caíram todos no último trimestre do ano passado. Então, isso trouxe um resultado melhor. E são números absolutamente redondos. Se trouxéssemos para este primeiro trimestre os mesmos valores que beneficiaram o resultado do ano passado no último trimestre, nós teríamos um resultado muito próximo a 10 bilhões de líquido nesse primeiro trimestre. Essa é a diferença.

Quando o senhor fala de lucro operacional, sim, nós estamos trabalhando muito, com muito mais eficiência. Por quê? Ativos que não existiam antes existem agora nesse primeiro trimestre e nos fazem mais eficientes. Esse é o ponto. Em qualquer oportunidade que o senhor me der, eu posso sentar-me e, com o nosso balanço, conversar muito mais sobre isso.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Como não vou ter essa oportunidade tão fácil pela ocupação da senhora, eu pergunto se poderia me mandar isso. Sou contador também e gostaria de analisar, porque um crescimento assim, de um trimestre para o outro, é fantástico.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - É fantástico, sim, senhor.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Então, quero conseguir entender isso com o parecer da auditoria, comparando os dois trimestres.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Perfeitamente. Quero pedir ao Mário Jorge, que é o Gerente Executivo de Desempenho, para que, quando o senhor chegou ao seu gabinete, já estejam todas essas informações em suas mãos.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Ótimo, obrigado. Aí eu volto a discutir com a senhora.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - E vai ser uma oportunidade de discutirmos.

Complicação para receber aditivos. Bom, uma pergunta que apareceu mais na imprensa e menos recentemente é sobre a PETROBRAS estar com problema de



caixa e não estar pagando. Essa é uma questão bastante simples de ser respondida. Um pleito feito à PETROBRAS não significa uma dívida da PETROBRAS. São feitos 10 bilhões de pleitos, são criadas comissões. Esse processo que coloco aos senhores e às senhoras existe há pelo menos 20 anos, 25 anos, 30 anos ou 33 anos. Não sei quanto tempo, mas é antigo na PETROBRAS. Há pleitos e a comissão.

Da comissão, participa a área de engenharia, a área de gás e energia, se for um pleito de um gasoduto, que seja, o tributário, o financeiro, o jurídico. É preciso que se documente esse pleito. Trabalhou mais, documenta; trabalhou menos, a PETROBRAS documenta, paga-se; choveu mais, choveu menos. Os contratos são variados e têm particularidades, cada um deles.

No ano passado, o ano de 2012, e demonstramos isso, temos demonstrado às empresas, foi o ano que em toda a história da PETROBRAS nós mais pagamos aditivos. Aí, não são pleitos, são aditivos negociados com as empresas. Se a PETROBRAS estivesse inadimplente, ela não teria feito a captação que fez. A captação que a PETROBRAS faz é para crescimento. Ela cresce. Não é única e exclusivamente para pagamento de dívida daquele devedor que não está crescendo; são dois momentos completamente diferentes. Então, existem pleitos e existem aditivos. E eles seguem exatamente o mesmo processo que seguiam há anos e anos. Não houve absolutamente nenhuma mudança.

Então, eu digo com todas as letras que isso não procede. A PETROBRAS tem um caixa de 20 bilhões de dólares — 20 bilhões de dólares é o caixa da PETROBRAS.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Essas empresas tiveram dificuldades, e não foi por causa da PETROBRAS. Porque são várias, não são poucas, são várias. Inclusive...

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Olha, eu não...

**O SR. DEPUTADO ROBERTO SANTIAGO** - Vamos levantar, Deputado Sandro. Eu até falei para a Presidente que as terceirizadas estão sofrendo muito lá. Passar isso para a Presidente e pedir providências.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Não são terceirizadas, são as construtoras: a GDK, a ENGESA.



**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Várias empresas, várias empresas se sentam à mesa conosco. Tanto para a Renergy, tanto para o COMPERJ, nos grandes investimentos, trabalhamos juntos a dificuldade e juntos buscamos as soluções documentadas, um comprometimento na realização do físico. E isso tem sido feito. É assim que Renergy está indo muito bem. É assim que o COMPERJ sai de dificuldades físicas, dificuldades de entrar com equipamentos. Então, tem que se trabalhar o conjunto.

Não vou citar nomes aqui. O senhor está falando nomes de empresas muito importantes para a PETROBRAS, e essas empresas sabem o quão próximo delas temos trabalhado.

O senhor me fez uma pergunta sobre 44% no crescimento. O senhor lembra a pergunta? Ou eu escrevi errado? Não me lembro disso.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Não, não, eu só elogiei a senhora, porque 44% é um belo crescimento.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Ah, da nossa produção de petróleo. Puxa vida, é isso. Desculpe.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Mas eu fiz outra pergunta à senhora que não foi respondida sobre a questão de Pasadena. A senhora disse que, na aquisição, foi de 7.200. O referencial de valor-eixo era esse, e eu perguntei o que é hoje esse valor-eixo. Qual é o valor-eixo de hoje? Quanto vale Pasadena hoje?

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Como Pasadena estava no nosso plano de desinvestimento e ela pode voltar ao plano de desinvestimento, eu não coloco para os senhores o valor-eixo de Pasadena hoje, porque eu estaria definindo meu preço para Pasadena. Esse é o ponto.

**O SR. DEPUTADO SANDRO MABEL** - Sim, mas ele já esteve num plano de investimento, então, ele tinha preço.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Lógico que tinha. E nós fizemos a aquisição, Sr. Deputado, porque tínhamos um valor ótimo para nós. Nós conseguimos comprar Pasadena, naquela época, a um valor abaixo da média do Golfo. Hoje, como Pasadena acabou de sair do plano de desinvestimento, porque as propostas não foram interessantes, se eu colocar para os senhores esse valor, eu estarei formando o próximo preço de Pasadena. E eu disse na minha fala



anteriormente que existe uma oportunidade que entendo ser conjuntural. Esse desconto no preço de petróleo que está entrando nas refinarias do Golfo, que está vindo dessa técnica não convencional, que tira um prêmio do valor do óleo, talvez isso não dure muitos anos, porque, evidentemente, a indústria nos Estados Unidos vai construir mais oleodutos e vai recuperar mais essa perda.

Então, a PETROBRAS quer apropriar-se dessa margem boa e não revelar o preço atual que consideramos que vale um barril de óleo refinado em Pasadena.

**O SR. DEPUTADO ANTONIO IMBASSAHY** - Sra. Presidente, nas perguntas que eu fiz anteriormente...

**O SR. DEPUTADO FERNANDO FERRO** - Sr. Presidente, eu queria pedir que nossa expositora concluísse para depois nós voltarmos. Até porque não teremos oportunidade de questioná-la.

**O SR. DEPUTADO ANTONIO IMBASSAHY** - Muito bem, mas eu tenho duas perguntas que não foram respondidas e gostaria, com todo o respeito, de reiterá-las à senhora.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Pois não.

**O SR. DEPUTADO ANTONIO IMBASSAHY** - Primeiro, considerações com respeito à iniciativa da PETROBRAS de ter solicitado arbitragem, o que a levou, ao final da decisão, a ter que realizar um valor da ordem de 839 milhões de dólares pelo restante dos 50%. Essa é uma pergunta que foi feita, e gostaria muito que a senhora fizesse algumas considerações.

E a segunda pergunta, que também não foi lembrada, certamente, por V.Sa. é se houve alguma manifestação de membro do Conselho de Administração, quando da realização de reunião do Conselho, para aprovar essa operação, se houve algum membro que fez manifestações contestando, enfim, criticando ou desaprovando essa negociação.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Bom, com relação à primeira pergunta que o senhor colocou sobre arbitragem feita, naquele momento, Pasadena encontrava-se sob total discussão no País. Muitos de nós já havíamos nos manifestado, dando explicações aos Parlamentares, respondendo a imprensa e, naquele momento, dentre outras razões, nós consideramos muito importante para a PETROBRAS que houvesse uma arbitragem, que um painel arbitral fizesse uma



avaliação completa, que todos os documentos fossem abertos, que tudo fosse discutido, que tudo fosse colocado à mesa. Fosse qual fosse a decisão tomada fora desse painel arbitral, ela não estaria escrita nesse documento que o senhor trouxe que fez uma tradução juramentada.

Então, eu entendo que, ainda que valores diferentes pudessem ter sido colocados à mesa, esse documento que o senhor trouxe às mãos tem a história escrita, avaliada e contada por esses juízes que avaliaram. Então, consideramos a decisão correta naquele momento.

Eu coloquei também aqui que, na época dessa discussão de Pasadena, eu estava presidindo a BR Distribuidora. Eu tenho muito poucas lembranças sobre essa discussão naquele momento, mas existiram fortes discussões, sim, em relação à aquisição de Pasadena. E Pasadena é motivo sempre de discussões. Como nós temos esse laudo arbitral, muitas dessas discussões hoje são colocadas de lado, porque houve uma avaliação muito intensa, muito profunda dos juízes que avaliaram todas as documentações.

Ao Deputado Sandro Mabel, respondi.

**O SR. DEPUTADO ANTONIO IMBASSAHY** - Com respeito ao Conselho de Administração, durante a reunião, houve alguma contestação?

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Eu não participava do Conselho de Administração.

**O SR. DEPUTADO ANTONIO IMBASSAHY** - Mas a senhora não tem nenhuma notícia sobre isso?

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Eu disse aos senhores que...

**O SR. DEPUTADO DR. UBIALI** - Isso é igual reunião do Banco Central, igual reunião do COPOM, há discussão, polêmica, mas acho que o Deputado está exigindo demais.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Existem muitas discussões. De toda a minha história que eu tenho na PETROBRAS, eu não nasci Diretora nem Presidente da PETROBRAS. Eu participei, talvez nos últimos 15 anos, eventualmente, de algumas reuniões do Conselho como assistente, dando apoio ao meu chefe que lá estava, em algumas situações, e a discussão do Conselho é



intensa. Nós temos ali o controlador, os minoritários, a PETROBRAS, que quer crescer, crescer. Há uma discussão muito forte, Deputado. É sempre intenso. A preparação para uma reunião do Conselho de Administração é algo que toma semanas de discussão. Treinamos bastante para irmos ao Conselho.

*(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)*

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Sim, Sra. Deputada, é caloroso. São muitos talentos dentro da mesma sala.

Deputado Dr. Ubiali, acho que já respondi ao senhor sobre Pasadena.

**O SR. DEPUTADO DR. UBIALI** - Na verdade, a senhora respondeu 99%. A única pergunta era se havia uma pessoa com algumas atitudes mais ou menos diferentes do esperado pelo mercado da época e continua hoje na Diretoria maior da BR. Por quê?

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Bom, a BR tem um Presidente, que mantém o Diretor Nestor por entender que ele tem o desempenho adequado. Isso eu creio, porque eu, como Presidenta da PETROBRAS, tenho o dever de cuidar da BR como um todo, porque ela é uma empresa ligada à Presidente, ligada ao Conselho de Administração e eu tenho responsabilidades sobre ela. E sou Conselheira também da BR Distribuidora. E o resultado da BR Distribuidora é excepcional, uma empresa que tem tido um lucro líquido grandioso e é produto de vários profissionais que lá estão.

Então, essa é uma pergunta muito importante e fica mais bem qualificada se respondida pelo Presidente da BR Distribuidora.

Deputado Ronaldo Zulke, do Rio Grande do Sul, eu pensei que o senhor tinha saído daqui, porque eu vi o movimento. Deputado, realmente o polo naval do Rio Grande do Sul é uma emoção a cada vez. Eu era Secretária de Petróleo e Gás da nossa Presidenta Dilma Rousseff, e o polo naval do Rio Grande do Sul era areia, pedra e um capim que conseguia nascer naquela região. É diferente do polo naval do Rio de Janeiro, que já tem no DNA uma eficiência de décadas, ainda que tenha sido completamente paralisado durante duas décadas, mas há um conhecimento intrínseco naquela região. Então, quando vemos o polo naval entregando nessas próximas semanas, meses, 1, 2, 3 meses, a P-55, a P-63, a P-58, é algo que nos dá muito orgulho.



Então, é o polo hoje que tem um nível de contratos extremamente altos. São três sondas de perfuração que estão no estaleiro, são oito cascos nos replicantes do pré-sal que também estão no Rio Grande do Sul, construção de módulos. É um trabalho realmente muito eficiente que tem havido lá no Rio Grande do Sul.

Entre os valores que eu pratico na minha vida profissional, talvez como brasileira, um deles, um forte valor, é a questão do conteúdo local. Eu também era Secretária da Presidenta Dilma quando no dia 19 de dezembro de 2003, lá no Rio de Janeiro, e é por isso que eu falei do Rio de Janeiro agora, no lançamento da P-52, o Presidente Lula assinou o decreto para criação do PROMINP — Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás. Já a partir do ano de 2003, 2004, 2005, as exigências de conteúdo local passaram a ser obrigatórias, não mais um quesito de desempate na hora da liberação dos blocos. Então, foi realmente algo que eu tenho como muito valioso na minha condição de cidadã brasileira.

Eu digo ao senhor que a curva de aprendizado é difícil, e é difícil para a PETROBRAS também, mas a nossa indústria de bens e serviços está com *performance* adequada. E seria um absurdo, uma má ação junto aos brasileiros, se não trabalhássemos forte para participar desse desenvolvimento da indústria naval *offshore*, da indústria de bens e serviços no Brasil.

O plano de negócios e gestão, Deputado, está em pé, graças ao bom trabalho que estamos fazendo — a PETROBRAS, os sócios, os senhores que nos ajudam com as puxadas de orelhas que dão. Lemos as oratórias dos senhores, avaliamos, discutimos e levamos muito a sério todas as contribuições que os senhores dão.

Deputado Ângelo Agnolin, do PDT, que tem como valor a educação. Eu acompanho tudo isso há muitos anos e sei da importância da educação para o seu partido.

Cria-se muita expectativa com a PETROBRAS. E nós temos que ter muitas responsabilidades na gestão dessas expectativas. Não podemos criar mais expectativas do que podemos atender e também não podemos deixar de gerar as expectativas, porque se criam desafios que têm que ser cumpridos, e uma coisa puxa a outra, e chegamos onde nós estamos chegando hoje.

Eu disse ao senhor que 2020 para nós, para a indústria de petróleo, para todas aquelas empresas amigas que eu coloquei aqui — Shell, Chevron, todas elas



—, é daqui a pouco. Então, o que vai acontecer em 2020 depende da minha gestão hoje. Se eu não estiver agindo hoje corretamente, alinhadamente, dentro das metas, dos indicadores, eu não produzo aquele óleo em 2020, é tão simples quanto. Agora, tudo aquilo já está na nossa mão, todas as concessões estão dadas.

Muito provavelmente a partir de julho de 2030 a PETROBRAS vai mostrar aos senhores o nosso plano estratégico, com a visão de 2030, porque o nosso plano estratégico hoje vai até 2020, e 2020 é daqui a pouco. Aí, sim, os novos modelos, os modelos de partilha, o modelo de concessão, o modelo cessão onerosa. A PETROBRAS vive e trabalha, melhor dizendo, sob a égide de três modelos regulatórios na área de petróleo e gás: concessão, partilha e cessão onerosa. Então, vão aparecer as outras oportunidades que eu não posso colocar aqui, porque não levei para o mercado e tudo mais, e nem foram aprovadas no Conselho de Administração.

Então, o novo também é daqui a pouco, porque 2021, 2022, tudo é daqui a pouquinho. Aí, sim, dentro da regulação atual, há todo esse privilégio, que é descobrir petróleo, privilégio para a PETROBRAS, e reverter os resultados a favor da educação.

Hoje eu diria para o senhor que a forma que nós temos de atuar e de colaborar é certamente através dos planos de compensação, que não estão fechados, e das mitigações que nós temos que fazer. Nós treinamos mais de 80 mil trabalhadores. Nesse período que passou, dos últimos cinco anos para cá, tem pelo menos uns 50 mil para treinar já para atuar nesse período, 2020, e são mais de 200, 300 milhões de reais investidos nesse treinamento e novamente na educação.

Uma ação também importante é o próprio PROMINP.

Sr. Deputado Roberto Santiago: empresas não recebem em dia. Então, eu respondi ao senhor. E eu deixo claro: pleito não é aditivo. Pleitos são pleitos, aditivos são julgados, avaliados e entendidos como dívida. E é uma negociação dos dois lados. O mérito tem de ser julgado e o loteamento político que o senhor colocou.

Bem, falar de hoje, todos somos técnicos da companhia, a começar pela Presidente, a Graça, que é uma técnica de longos anos na empresa. Todos os nossos Diretores também são técnicos. E assim eram os Diretores anteriores. E o Presidente da PETROBRAS também, um PhD reconhecido, um técnico.



Então, falar da técnica, que nós perdemos a técnica, eu acho — não, tenho certeza — que, do ponto de vista técnico, a gente tinha técnicos antes e tem técnicos hoje também.

Em relação a quanto perderam os acionistas, é óbvio, a gente entra e diz hoje com muito orgulho que as ações ordinárias da PETROBRAS cresceram 30% em dois meses. O nosso avanço como valor de mercado. Somos a quinta de novo.

Nós subimos 24. A nossa parceira, a ECOPETROL, caiu, no período, 24. Então, enquanto a gente sobe, outro desce. O desempenho de uma companhia de petróleo tem de ser olhado, sim, todo o dia, porque investidores entram hoje em ações PETROBRAS para vender amanhã. E esse investidor pode ganhar muito como pode perder. Então, é uma avaliação muito pontual. Ela não retrata o desempenho da nossa companhia. Mas eu recebi uma cola aqui, porque eu não tenho esse número de cabeça. Quanto ao valor das ações, os trabalhadores que aplicaram seu FGTS nas ações da PETROBRAS em 2000 ganharam 526% até maio de 2013. E de 2000 tem 10 anos, 12 anos. Então, quem investe para ganhar aqui pode perder.

O FGTS rendeu 83% no mesmo período. Se a gente olhar as ações da PETROBRAS da época da capitalização para cá, se olharmos a capitalização em setembro de 2010, veremos que de lá para cá houve perda. Mas o trabalhador, quando ele coloca as ações, quando ele coloca o FGTS dele, ele não coloca para esse pingue-pongue que coloca e tira, coloca e tira.

Então, nós temos, sim, uma perda evidente, depois da capitalização, para até a presente data, que é uma perda menor, porque, senhores, prezado Deputado, o senhor já entrou, para nós, depois da capitalização.

Quando eu estou dizendo, a PETROBRAS diz ao senhor, que nós vamos produzir 4 milhões de barris de petróleo, nós vamos produzir. E não tenha dúvida de que o senhor vai recuperar a sua perda. Nós trabalhamos muito forte para que o senhor recupere essa perda.

Deputado Arnaldo Jardim, quando eu cheguei aqui, quando eu falei de minoritários e tal, eu tenho, sim, constrangimento pelas perdas que os acionistas da PETROBRAS tiveram. A palavra que eu usei, eu creio que tenha sido constrangimento. Eu trabalho para que esse constrangimento não exista. E, quando



ele deixar de existir, é que o senhor já recuperou o investimento que o senhor fez. A gente trabalha muito forte para isso.

Deputado Roberto Santiago: o mérito tem que ser julgado, o loteamento político e as ações de FGTS.

**O SR. DEPUTADO ÂNGELO AGNOLIN** - Presidente, deixe-me fazer uma consideração quanto às perdas das ações, até porque eu também tenho uma experiência na área. Eu estive conversando com um consultor excessivamente gabaritado e ele me incentivou a manter as ações e adquirir mais ações, porque ele tem segurança absoluta que nós vamos ter um resultado positivo dentro de um período, dentro de poucos anos. *(Risos.)*

*(Intervenções fora do microfone. Ininteligíveis.)*

**O SR. DEPUTADO ROBERTO SANTIAGO** - Na verdade, já que o Ferrinho está feliz, ele deve ter investido lá, não é?

Deixe eu lhe dizer uma coisa. Em primeiro lugar, nós não podemos movimentar. Lá atrás foi feita uma discussão em que se criou a possibilidade, porque a remuneração do fundo é muito baixa, então, criou-se a possibilidade de se investir em ações e, especificamente, em PETROBRAS, por conta de ajudar inclusive a empresa naquela oportunidade. Muito bem.

O que se está discutindo aqui, e aí fica muito fácil, não é? É evidente que quem defende o que está aí tem que fazer isso mesmo, e fica dizendo: “*Cresceu 500%.*” Mas eu tenho, e vou trazer o mapa, se eu tivesse a possibilidade de ter investido em outras ações, eu teria 2.000% de aumento, está certo? Porque nós somos obrigados e, particularmente, alguns setores do movimento sindical não concordaram com isso, queríamos Banco do Brasil, queríamos Caixa Econômica, queríamos outras empresas, não é? Outras oportunidades. Porque se fosse, por exemplo, no Banco do Brasil, eram 4.000% hoje, não eram 500%.

Então, a discussão não pode ser se ganhou ou se perdeu. A discussão é: colocou-se para investir ali, e se haveria a possibilidade de melhor rendimento. E agora nós temos provado aqui, olhem, a perda que V.Sa. colocou: quem tinha 2 mil reais em 2008, hoje tem 1.176 reais. Está certo? Então, não justifica os 500%. Se o modelo de investimento, de crescimento e de possibilidade de ganho é o que está colocado com a ação, é porque trata com peão. Trata com peão, vira essa confusão,



de verdade. *“Não, coitado, deixa esses manés colocarem o dinheiro aí, porque ele ganhou 500% em 10 anos.”* Então...

**(Não identificado)** - Presidente, há uma lista aí.

**O SR. DEPUTADO ROBERTO SANTIAGO** - Então, há uma perda, com certeza absoluta.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Questão de ordem, Presidente.

**(Não identificado)** - Assim não dá, não é?

**(Não identificado)** - Põe o dinheiro na renda fixa aí.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Presidente Eduardo da Fonte.

**(Não identificado)** - Tem que aplicar na poupança que é garantido.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Para esclarecimento do Plenário e dos demais presentes, eu quero consultar V.Exa. para que nos informe o andamento desta reunião de ora para diante, porque existem vários Deputados inscritos ainda, e nós estamos acompanhando o desdobramento desta parte do debate, desconhecendo como vai ser a sequência posterior. Eu gostaria que V. Exa. nos informasse.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Só faltam duas perguntas para que a Presidenta responda e possamos entrar no segundo bloco.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - E qual vai ser a sequência, Presidente?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Todos vão perguntar para que a gente, para que a Presidenta responda.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Em bloco ou individualmente?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Em bloco único. Em bloco único.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Quantos a cada bloco?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Se estiverem todos presentes, que eu acredito que não...

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Há vários inscritos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - São 23. Mas não estão todos presentes. Deixe a Presidenta concluir, para que a gente...

**(Não identificado)** - Vinte e três inscritos, Sr. Presidente?



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Exatamente.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Agora, o prezado Deputado Otavio Leite, do Rio de Janeiro. Nós nos encontramos algumas vezes no aeroporto, não é Deputado?

Bom, em relação à PEC, mais uma vez, eu escuto a sua fala sobre o projeto de lei, com relação... Eu vou passar aqui pelo COMPERJ. Então, nós temos hoje, no COMPERJ, 53% da obra física realizada. São 53%. Nós temos um prazo-tentativa, um prazo, com muito esforço, para abril de 2015, e temos um atraso na liberação de famílias, para que a gente possa concluir a nossa rodovia, a rodovia do Estado, para que a gente possa levar os equipamentos para dentro do *off-site*, do *on-site* da refinaria. Então, nós temos 53% de realização.

No ano de 2011, foram realizados... Isso está no nosso Orçamento, foi investimento realizado, 2,32 bilhões de reais no COMPERJ. No ano de 2012, o ano passado, 4,6 bilhões de reais no COMPERJ. No ano de 2013, até abril, foram realizados, no COMPERJ, 2,31 bilhões de reais. O orçamento para o COMPERJ para este ano de 2013 é de 7.3 bilhões de reais. O.k.? Então, esses são os números que nós temos no COMPERJ.

Com relação à parte petroquímica do COMPERJ, a parte petroquímica, ela é essencial. Não foi investido um centavo na segunda geração, na terceira geração, porque não é projeto da PETROBRAS. Haverá, sim, e deverá ter, e deverá ser feito pela BRASKEM. Há alguns anos, em 2010, nós fizemos uma parceria, participamos da BRASKEM, temos a nossa participação societária, atuamos na petroquímica através da BRASKEM. E a BRASKEM tem, no seu plano de negócios e gestão — ela chama de um outro nome —, o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro. É preciso fazer uma parte, para começar a outra parte. Se a BRASKEM disser que não vai fazer, ela também pode, se a BRASKEM disser: *“Não vou fazer, não acredito no projeto”*, o que não é verdadeiro, porque nós somos sócios de BRASKEM, participamos do Conselho de Administração.

Mas na eventualidade de uma desistência da BRASKEM, a PETROBRAS tem o direito de fazer sozinha ou com qualquer outra empresa em parceria. Eu estou falando da parte petroquímica. Todo o trabalho que foi feito, de escoamento do gás do pré-sal, para a recuperação das frações líquidas do pré-sal, o etano do pré-sal, o



etano que está no gás, que escoo do pré-sal, considera o projeto da planta petroquímica. E essa parte, Deputado, da planta petroquímica, ela tem o seu momento de entrar. Eu não tenho exatamente aqui a hora de começo dessa planta, eu peço ao Mário para confirmar para mim, creio que seja 2015, mas... Não é Mário? Por favor, verifique.

Então, nós temos esse momento, não há como não fazer essa parte petroquímica, porque todo o escoamento do pré-sal considera que vai fazer a parte petroquímica. Então, não há jeito de não fazer. Todo o etano, a recuperação do etano, ela se dá numa unidade de tratamento, e depois passando por uma craqueadora, que é exatamente esse aproveitamento das frações líquidas do pré-sal.

Então, esse papelzinho aqui, que eu tenho, com todos esses investimentos, eu gostaria de saber se posso passar ao senhor.

**O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE** - Perdoe-me, Presidenta, os dados que eu aqui expressei são todos provenientes de uma portaria do Ministério do Planejamento, que é a portaria que, a cada dois meses, informa o quanto foi efetivamente executado no orçamento das estatais. A portaria que eu tenho, ela talvez não seja... Ou melhor, a portaria pega os três primeiros meses. E, no entanto, está para sair, esta semana, a portaria nova, que talvez englobe os números que a senhora está trazendo. É uma questão a conferir. E faltou o QVA...

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Não... E faltou?

**O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE** - O QVA, aviação.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Isso, o QVA.

Bom então, falando do QVA. O QVA é um dos combustíveis. A PETROBRAS tem uma carteira, não é? Gasolina, *diesel*, nafta, óleos combustíveis diversos, *diesel* diversos, e o QVA, e mais gás, mais energia. É uma carteira de produtos muito grande, não é? Às vezes, a gente fixa a gasolina e o *diesel*, evidentemente, que são responsáveis por mais de 40% da receita na área do abastecimento, e é importante, realmente, esse cuidado com o *diesel* e a gasolina.

Agora, o QVA e outros eles seguem quase que sistematicamente, quase que *pari passu* com o crescimento do *brent*. Então, a gasolina não, o *diesel* não, a gente procura convergência. Existe uma convergência mais imediata com relação ao QAV.



E o que rege a indústria de petróleo, a indústria de derivados nos grandes centros, na grande maioria dos países onde atuam as grandes companhias operadoras é a paridade com o preço internacional. No Brasil, a gente busca essa convergência.

Então, eu diria que o preço do QAV, na refinaria, hoje, na média, aqui no Brasil, é de 1,66 real por litro. Esse mesmo preço ao cliente é de 2,5. Então, nós temos aí 28% do preço que são impostos. (Como vai o senhor, Deputado?).

Então, essa relação a gente tem que olhar muito bem. O que nós estamos olhando? A carga de impostos e aquele efetivo combustível que tem essa defasagem, muitas vezes, acontece, pode estar acontecendo em alguns países, em alguns momentos.

A gente sabe que o QAV é matéria-prima fundamental e essencial para as companhias de aviação. Nós entendemos isso e estamos permanentemente conversando, procurando suavizar a nossa forma da nossa formação de preço frente à Secretaria de Transportes, por exemplo.

Deixe-me ver se terminei... Ah, falta o nosso ilustre Deputado, o Exmo. Sr. Eduardo da Fonte. Como eu vou muito a Pernambuco, vez por outra, eu encontro o Deputado. Encontramo-nos há dois dias, mais uma vez, lá no Estaleiro Atlântico Sul. E a gente fez aquele sobrevoo sobre a refinaria na quinta-feira, ou melhor, na segunda-feira — a gente trabalha sete dias por semana, então, a gente não sabe muito bem que dia que é. Então, nós fizemos um sobrevoo e, como eu disse, a RNEST está muito bem, 75% concluída, e a fábrica de PTA, PET e POY está 99% pronta.

PTA entrou em operação com 60% a 70% da sua capacidade. Ela entrou em operação em janeiro deste ano de 2013. O PET, que é o Polietileno Tereftalato, entra em operação em setembro deste ano. E o POY nós estamos trabalhando forte. A gente já tem alguns fios nessa região, nessa nossa fábrica, em que nós fazemos as importações. Temos algumas máquinas já em operação. Mas nós acreditamos que o POY vá ficar para o ano de 2015, 2016, possivelmente, a depender das margens em 100% da capacidade. Mas hoje já é uma obra que nos dá muito orgulho. Eu me lembro que eu era Gerente Executiva da Petroquímica no ano de 2005, quando eu comecei o projeto dessa fábrica.



Eu era a gerente responsável por essa fábrica. No momento em que a gente fazia os primeiros traços dessa fábrica, os primeiros projetos, o Senador Humberto Costa foi um grande batalhador para que a gente levasse essa fábrica lá para Pernambuco, para Suape, Ipojuca. Então, está lá, uma maravilha de fábrica, muito bonita.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - A questão, Sra. Presidenta, antes de passar a palavra a V.Exa., quero dizer o seguinte: o investimento já ultrapassou alguns bilhões de reais e a gente tem informação de que só falta, para que seja concluído e se coloque em operação, a parte de fios, que é o grande atrativo social desse projeto.

Tenho certeza de que o intuito desse projeto não foi apenas o PTA, mas, sim, poder resgatar a indústria têxtil brasileira. A informação que nós temos é que só faltam cerca de 800 milhões para que seja concluído esse projeto. E aí eu faço um apelo em nome não só do povo pernambucano, mas do povo brasileiro. É um projeto de tamanha importância para o resgate da geração de emprego. São 300 mil empregos que a PETROBRAS terá a oportunidade de gerar para o Brasil.

Então, eu peço à senhora que reavalie para ver se a gente pode dar sequência à implantação, mesmo para que a gente imobilize esse canteiro lá. Terá um custo de aproximadamente 200 milhões, ou seja, faltam 800 milhões para concluir a obra. Se a gente subtrair os 200 milhões que vão ser gastos para desmobilizar o canteiro, só vão ser necessários 600 milhões para concluir o projeto.

Então, deixo aqui o apelo, como brasileiro, como pernambucano, para que a PETROBRAS se sensibilize e coloque esse grande projeto social do Brasil em operação, o mais rápido possível, quem sabe em 2013, no máximo, em 2014, Sra. Presidente.

Esse é o apelo que faço, não como Presidente da Comissão de Minas e Energia, mas como cidadão pernambucano, como brasileiro que sente orgulho da PETROBRAS.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Obrigada.

Eu não posso aqui... Não tenho o número, se faltam 800, 600, mas pode certamente gerar em torno disso. A gente tinha que definir prioridades, prezado Deputado. A gente precisava encaixar, engatar com a refinaria RNEST. Ela



precisava criar essa cara de coisa que está acabando, que está pronta, que daqui a pouquinho está pronta.

Ao mesmo tempo, o Atlântico Sul está ali vizinho, vê-se um e vê-se outro. Ele tinha que deslanchar e está prosperando. O senhor viu lá como ele está, não só em sondas, não só em navios, mas com as unidades de produção. E também estavam no meio de uma construção o PTA e o PET.

Então, é uma coisa de cada vez e, se possível, algumas delas ao mesmo tempo, mas todas não foram possíveis fazer ao mesmo tempo. Mas a sua colocação está posta. Eu vou ficar muito incomodada enquanto não vir tudo acontecendo, é uma característica minha. Eu já disse isso, num sobrevoo, a gente vê uma parte que já tem arruamento, luz, poste, estacionamento, peão entrando para trabalhar, para sair, do outro lado ainda tem obra. Então, isso tudo vai andando, vai passando e a gente chega lá. Mas está registrado.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Antes de passar a palavra ao próximo orador, quero dizer à senhora que nós vamos ter um impacto social muito grande, que é de mobilização de quase 100 mil postos de trabalho. Nisso, com certeza, a PETROBRAS irá contribuir socialmente com o Estado de Pernambuco e com o Nordeste.

Passo a palavra ao Deputado Osmar Júnior.

**O SR. DEPUTADO OSMAR JÚNIOR** - Sra. Presidente, Dra. Graça Foster; Sr. Presidente Eduardo da Fonte, antes de tratar do assunto desta audiência, quero informar a V.Exa. que encaminharei o relatório feito por mim. Participei, representando esta Comissão, por sua indicação, da abertura da 11ª Rodada de Petróleo e Gás realizada na cidade do Rio de Janeiro. Quero dizer da importância que teve para o Brasil, especialmente, porque aquela foi uma rodada nordestina. É uma política de desconcentração econômica que, tenho certeza, vai produzir grandes resultados para o Brasil.

Eu fiquei feliz, Dra. Graça, porque o primeiro bloco leiloado foi o do Piauí e quem ganhou foi a PETROBRAS. Isso nos encheu de alegria e de confiança nesse grande empreendimento.



Quanto à matéria em discussão, Dra. Graça, em primeiro lugar, registro aqui a satisfação por ter acompanhado a sua exposição e, depois, as respostas. Senti o seu controle, o seu conhecimento e o seu compromisso com essa que é a sua tarefa de dirigir a PETROBRAS, que é uma das maiores empresas do mundo, e a sua consciência da importância que ela tem para o nosso País.

Antes das perguntas, faço três observações. Primeiro, sobre a questão do loteamento de cargos. A PETROBRAS é uma empresa em que o Estado brasileiro é o principal acionista, portanto, cabe a ele a responsabilidade para compor a direção da empresa. É bom, e eu afirmo aquilo que a senhora já disse, que não há um único questionamento sobre a competência técnica de qualquer dirigente da PETROBRAS. Podemos discordar das opiniões, dos projetos, daquilo que é defendido, mas tecnicamente a PETROBRAS está bem entregue, porque são profissionais respeitados não apenas na empresa, mas respeitados no mercado de petróleo do Brasil e do mundo.

Quanto à questão de Pasadena, eu não vou entrar no mérito se foi um bom ou mau negócio, porque isso não vai ser resolvido. Isso é uma responsabilidade, eu diria, política da escolha da direção da empresa, se ela fez um bom negócio ou se ela fez um mau negócio. O que nós vamos nos ater aqui nesta Casa é se naquele negócio houve ou não algum ilícito. Essa é uma questão que está sob exame do Tribunal de Contas, e a Presidenta já afirmou o apoio que dá a essa inspeção, auditoria, que o Tribunal faz lá. Com a conclusão do Tribunal de Contas, nós vamos examinar. Mas aí é uma outra etapa e não diz respeito à questão de hoje.

Como lembrou a Presidenta, se é um bom ou um mau negócio, isso depende da avaliação, da ocasião. E empresas públicas e privadas fazem bons e fazem maus negócios.

Quanto ao projeto da PETROBRAS de atingir a marca de 4,2 milhões de barris, isso deixa todos nós brasileiros animados. Eu fiquei satisfeito, Presidenta, porque a senhora afirmou que o papel da PETROBRAS é produzir petróleo, mas depois a senhora completou e disse: é produzir, mas ela tem uma responsabilidade nacional. Se fosse só produzir, não precisaríamos da PETROBRAS. Abriríamos aqui a empresa que produzisse com o menor custo, de acordo com seus interesses e seus projetos, e era só entregar o petróleo. Nós não queremos isso. Por isso, a



política de conteúdo nacional é fundamental para dotar o Brasil de capacidade tecnológica de responder frente à questão da energia, do petróleo e de outras áreas também.

E aí faço a primeira pergunta. Diante desse objetivo audacioso de dobrar a produção de petróleo, nós temos acompanhado que há sempre um questionamento sobre a capacidade da indústria nacional de atender a essa exigência, para que a PETROBRAS cumpra seus prazos. Não só a PETROBRAS, mas para que se cumpra prazos para a produção de petróleo. Há algum exame dentro da empresa para propor mudanças na política de conteúdo nacional, daqui para a frente, tendo em mente a necessidade de cumprir esses prazos que a própria empresa, junto com o Governo, estabeleceu?

A segunda questão, não peço que a senhora responda agora, mas que encaminhe para esta Comissão um balanço, dos últimos 5 anos, dos serviços e bens que a PETROBRAS comprou no exterior, para que possamos acompanhar aquilo que já foi realizado no que diz respeito às compras da empresa no mercado internacional.

Por fim, fiquei muito satisfeito com a exposição de V.Sa. aqui. Acho que este é um debate cansativo, mas fundamental para que o regime democrático que nós, com tanta luta e tanto trabalho, estamos implementando no Brasil.

Era isso, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Sr. Deputado Fernando Ferro.

**O SR. DEPUTADO FERNANDO FERRO** - Boa tarde a todos. Dra. Graça, primeiro, quero homenagear e parabenizar a PETROBRAS pelos resultados aqui apresentados, lembrando que, por trás desses resultados, está uma força de trabalho que orgulha este País, os petroleiros, trabalhadores que fazem essa empresa, sua organização sindical e a defesa desse patrimônio como um bem nacional. Isso é algo que nos orgulha muito.

Nós temos claro que a gestão da PETROBRAS, nesses anos do Governo do Presidente Lula e da Presidenta Dilma, esteve intimamente ligada a técnicos da empresa. Então, falar em loteamento político não cabe aqui efetivamente. V.Sa. é uma funcionária de carreira da PETROBRAS, como têm sido outros. Não foi o caso,



com todo respeito à competência técnica, do Sr. Reichstul, do Sr. Francisco Gros, que eram membros do setor financeiro que foram trabalhar na PETROBRAS.

A gente se esquece, às vezes, de que essa empresa passou 25 anos sem fazer nenhuma refinaria. Isso tem a ver com aprendizado, com a tal curva de aprendizado. Existe uma curva de desaprendizado. Pasadena também deve estar por trás disso, até porque, como não tivemos a capacidade de fazer investimentos na área de refino, perdemos essa competência e, agora, a estamos retomando.

Havia em curso uma posição política de privatizar essa empresa. Ou se esquece disso? Então, quero saudar uma retomada importante, dentro do ambiente internacional de crise. Ou alguém se esquece disso? E quem investe em bolsa, em ações, ora, nós estamos num sistema capitalista, sabe que corre risco. Isso é do jogo. Isso é da regra. Então, você pode ganhar e pode perder em função de todos esses fatores que alteram esse jogo. Alguém duvida de que a PETROBRAS é uma empresa que rende e que dá resultado, de que os negócios de petróleo não dão resultado? Claro que dão. Mata-se tanta gente no mundo por conta disso. Imaginem a importância desse negócio!.

É corriqueiro nós ouvirmos aqui uma política de desacreditar. Dra. Graça, o que eu ouço, inclusive de comentaristas do nosso Estado, é que a refinaria de petróleo não existe, que isso não aconteceu. Setenta e cinco por cento está pronto e a gente ouve dizer que a refinaria está parada, que o pré-sal é uma ficção. Está produzindo 311 mil barris, mas a gente ouve dizer por aí que não existe o pré-sal. Com essa capacidade de produzir, nesse tempo em que foi produzido, evidentemente...

**(Não identificado)** - Fernando, tem gente que acredita que o homem ainda não chegou na lua, né?

**O SR. DEPUTADO FERNANDO FERRO** - É verdade, mas eu acho que há também um componente político. Por isso, eu quero saudar esta reunião como um espaço de debate e de informações sobre isso.

Às vezes, estranho como querem fazer uma CPI em cima da PETROBRAS. Atende a serviços de quem essa ideia de fazer uma CPI sobre a PETROBRAS? Atende a que interesse quando, com empresas privadas por aí, que estão a merecer investigações e que provocam desastres ambientais terríveis, não vemos essa



movimentação? Agora, ver movimentação no sentido de criar uma CPI? Qual é o objetivo de atender a uma CPI? Vai ajudar no mercado financeiro? Vai contribuir para valorizar a empresa ou para criar uma certa desconfiança, uma instabilidade?

Não podemos perder a nossa capacidade crítica de ajudar a construir, criticando o que está em dificuldade. Nessas concessões feitas recentemente, um grupo de empresas privadas ganhou, acho que a PETROBRAS deveria ter sido mais agressiva nisso, Dr. Graça Foster. Não entendo por que ela não foi mais agressiva nesse loteamento. Dessas empresas privadas que assumiram várias dessas concessões, não tenho certeza se elas vão ter 65% de conteúdo nacional. Muitas delas vão fazer sondas lá fora, gerar emprego lá fora, e nós deveríamos estar aqui discutindo isso para arranjar compromisso de empresas nacionais e trazer emprego aqui para dentro. Não está tendo essa preocupação, e nós deveríamos ter. É porque é uma empresa privada, mas é uma empresa privada que vai ganhar dinheiro com um bem do subsolo desta Nação, deste povo. Então, temos que trabalhar com essa perspectiva. Acho que a PETROBRAS poderia ter sido mais agressiva nessa disputa. Espero que, em outros momentos, ela possa retomar essa posição.

Aqui se falou do Conselho da PETROBRAS. É neste atual Governo que, no Conselho da PETROBRAS, tem representantes dos trabalhadores. Isso foi uma conquista agora, no Governo do Presidente Lula, para permitir que haja debate e o conselho não fique uma casa de amém, tudo bem. É natural que haja o debate. Inclusive, é importante que as preocupações dos trabalhadores sejam reconhecidas. Ouço que muitos dos petroleiros têm preocupações com certas políticas praticadas pela PETROBRAS. Eu sei que essa não é uma empresa estatal pura e simplesmente, é uma empresa de economia mista, que tem que prestar satisfação a esse danado desse mercado, devido aos seus compromissos. Mas é importante reconhecer que a força do trabalho, o interesse nacional, a nossa soberania, têm de estar por trás disso.

Quando nós discutimos se uma ação A ou B dá mais, uma empresa como a PETROBRAS não é só uma questão de ação, é uma questão de cidadania e de Estado. Nós estamos discutindo aqui sobre uma empresa que é um símbolo do Estado brasileiro. Comprar ações da PETROBRAS é diferente de comprar da Shell, da Esso ou de quem quer que seja. Não é a mesma coisa. Se eu tiver uma visão de



mercado, aí tenho que fazer... Mas, quando invisto na PETROBRAS, não estou investindo apenas no ganho imediato daquilo. Estou investindo em cidadania, estou investindo neste País, no que a gente acredita, nesta Nação.

As minhas observações vão nesse sentido. Acho que temos aqui a oportunidade de fazer um debate para fortalecer a PETROBRAS.

Há poucos dias, vi comemorações, porque o lucro da PETROBRAS teria sido só de 5 bilhões, como se tivesse tido um prejuízo, que a empresa estava um caos. Estamos vendo aqui que não é isso. Nós temos um patrimônio que orgulha este País, independentemente de eu ser hoje Situação ou Oposição.

Em 1998, participei de uma briga para levar essa refinaria para Pernambuco. O Governo Fernando Henrique vetou. Nós passamos 8 anos esperando o Governo Lula para essa refinaria chegar lá. Se tivesse refinaria em 1998, não estaríamos passando pelo que passamos hoje. Houve um desinvestimento, um desinteresse em investir nessa empresa e investir no Brasil, de distribuir melhor a PETROBRAS.

Concluo dizendo, Dra. Graça, a PETROBRAS tem que ficar mais brasileira também, tem que correr mais para outros Estados, para outras Regiões, porque estamos vendo o potencial de prospecção, de produção, a ampliação do pré-sal e as possibilidades de produção de petróleo do País como um todo.

Acho que a PETROBRAS tem, sim, que ser mais agressiva em todo o território nacional. Nós defendemos isso, porque ela faz parte da construção nacional. Ela não é uma empresa qualquer. Ela é um patrimônio desta Nação.

**O SR. DEPUTADO VANDERLEI SIRAQUE** - Presidente, só para fazer um anúncio rapidinho, por 30 segundos.

Eu, enquanto Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, quero saudar a presença da Presidenta da PETROBRAS, Dra. Maria das Graças Silva Foster.

Queremos saudar aqui também a presença dos representantes dos trabalhadores e trabalhadoras da PETROBRAS. Está aqui o Moraes representando a FUP — Frente Única dos Petroleiros. Estão aqui também os representantes do SINDIPETRO. Então, quero saudá-los e dizer que são muito bem-vindos, para ver a importância do debate.

Obrigado.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Sejam bem-vindos. Passo a palavra ao Deputado Daniel Almeida.

**O SR. DEPUTADO DANIEL ALMEIDA** - Sr. Presidente, senhores Presidentes e Presidenta Graça Foster, a essa altura do debate, as questões mais gerais já foram postas e devidamente respondidas, esclarecidas, pela Presidenta Graça Foster. Mas acho que é importante situar, como fez aqui o Fernando Ferro e outros, que a PETROBRAS nasceu com essa visão de ser um instrumento estratégico no desenvolvimento do nosso País, lidando com um setor que sempre foi e continuará, por muito tempo ainda, sendo um setor estratégico, um setor petróleo, a matriz petróleo na energia do nosso Planeta.

Eu penso que esses 60 anos são de êxito, de vitórias. Em alguns momentos, tentaram desviar a PETROBRAS desse caminho, e ela sempre reagiu junto com o povo brasileiro, porque ela tem essa visão que o seu corpo de funcionários, os seus técnicos e o povo brasileiro procuraram sempre compreender. E penso que, nesses últimos 10 anos, nós resgatamos a PETROBRAS para esse papel. Em algum momento houve risco de ela perder essa condição, e o que prevalece nesses últimos 10 anos é o resgate desse papel da PETROBRAS.

Eu ouvi algumas formulações a respeito da possibilidade de a PETROBRAS estar se desviando para setores diversos, perdendo o foco da exploração e do refino de petróleo. Eu não tenho nenhum receio em relação a isso, muito pelo contrário. Acho que ela se amplia exatamente, reforçando o seu papel estratégico para a Nação brasileira.

Uma indagação que faço, Presidenta, é a respeito da trajetória desses 10 anos, porque aqui se passou uma ideia também, em algum momento, de que a senhora enfrentou uma fase de transição. Transição é mudar o modelo de um lugar para outro, de uma concepção para outra, de um conceito para outro. Como a senhora vê isso, nesses 10 anos? Eu acompanhei de perto a participação do meu amigo baiano, ilustre, a quem tenho um profundo respeito e consideração, José Sergio Gabrielli. Então, eu gostaria que a senhora abordasse esse aspecto que foi aqui ventilado nos nossos debates.

Também, Presidenta — aqui estão os pernambucanos, Fernando Ferro está aqui —, fiquei repetindo aqui RNEST, RNEST. O que é RNEST? Refinaria do



Nordeste. Eu disse: poxa vida! Minha Landulpho Alves lá na Bahia, a Premium lá no Maranhão, no Ceará. Então, pernambucano tem todos os méritos, né? Mas Refinaria do Nordeste, né, Luiz Alberto, há outras Refinarias do Nordeste, mas, enfim...

Outra indagação que eu gostaria de levantar aqui é a respeito da participação da PETROBRAS na atividade que ela já exerce historicamente em algumas regiões. Na Bahia, Rio Grande do Norte e Sergipe, especialmente, que explora petróleo em terra. O que se verifica nesse período mais recente é uma desmobilização de infraestrutura, de investimentos nessas regiões.

Eu sei que o pré-sal tem um papel fundamental, uma nova dimensão, desafios históricos, extraordinários, mas isso não pode se perder. Tem de haver um jeito de preservar e ampliar, cultivar esses investimentos que são necessários, os poços maduros, a pequena produção de petróleo nesses setores.

Na Bahia, nós estamos muito preocupados. Muitos Municípios da Região Metropolitana — e quero crer que seja uma situação do Rio Grande do Norte — têm um perfil semelhante. Nós temos que fazer um debate. Aliás, fizemos isso em alguns momentos, sobre como a PETROBRAS faria parcerias, inclusive abrindo condições mais favoráveis, espaço para outros setores da iniciativa privada comporem essas parcerias.

Qual é o caminho? Qual é a política? Qual é o encaminhamento que a PETROBRAS dá em relação a essa questão?

Os blocos, que foram leiloados agora na 11ª Rodada, também nós não verificamos lá na Bahia, na região de Tucano. Tínhamos muita expectativa de que a PETROBRAS tivesse mais presença no arremate desses blocos, o que se articula com esse esforço da preservação de uma infraestrutura que já existe e que poderia ser aproveitada com vantagem para a exploração desses blocos terrestres ali naquela microrregião do recôncavo da Bahia.

Eram essas as questões que eu queria levantar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Deputado Luiz Alberto.

**O SR. DEPUTADO LUIZ ALBERTO** - Srs. Presidentes, Sra. Presidente Graça Foster, quero parabenizá-la pela exposição competente que fez aqui — eu



não esperava ser diferente — e também pelo reconhecimento da revista *Forbes*, porque a revista *Forbes*, que reconhece a Presidenta Dilma como a segunda mulher mais poderosa do mundo e V.Sa. como uma das mais poderosas do mundo, não poderia dar esse título de mais poderosa de uma empresa que, segundo a Oposição, está pré-falimentar. Então, isso não bate com a realidade. Portanto, quero parabenizar a senhora e a Presidenta Dilma pelo reconhecimento internacional.

Segundo, em relação à PETROBRAS, Sra. Presidente, há alguns Parlamentares, evidentemente, que levantam preocupações, que são legítimas e têm a intenção de colaborar com a PETROBRAS. Há outras que nutrem um desejo de que a PETROBRAS perca o rumo. Aqui os ataques de um setor minoritário do Congresso Nacional ocorrem quase diariamente.

Nesse sentido, nós vamos, assim que terminar esta sessão, lançar aqui a Frente Parlamentar em Defesa da PETROBRAS. É uma reedição de uma luta, que nós precisamos revigorar, com adesão de 236 Parlamentares, de setores da sociedade civil, que estão aqui presentes, como foi dito aqui, a FUP, o Sindicato dos Petroleiros de várias partes do País, a UNE, a CUT. Então, nós vamos, assim que terminar esta sessão, instalar essa Frente Parlamentar aqui.

Eu queria, Sra. Presidente, dizer que, realmente, essas preocupações levantadas aqui pelo nosso Deputado Daniel Almeida... Eu até não iria mais fazer pergunta alguma, porque praticamente tudo foi explicado e entendido. Acho até que eu prefiro receber essas informações diretamente da direção da empresa do que ficar especulando com notícia de jornal e de revista, que alimentam todo um sentido de crise. Inventaram essa ficção de crise na PETROBRAS. Com os dados que V.Sa. apresentou aqui, isso não bate com a realidade. Essa crise deve ser uma crise positiva, de tanto crescimento. Na verdade, o correto até seria fazer uma comparação, porque se falou aqui em transição. A transição ocorreu mesmo de 2002 para 2003. Houve uma transição, um novo modelo para administrar a PETROBRAS, colocando-a no rumo que o Brasil gostaria que estivesse e está.

Falou-se aqui sobre a indústria naval, o conteúdo nacional. Eu não conheço uma petroleira privada que tenha alguma encomenda em algum estaleiro no Brasil. Não conheço uma, só a PETROBRAS. Lá na minha terra, na Bahia, em Maragojipe,



são seis sondas que a PETROBRAS encomendou. Isso vai gerar mais de 10 mil empregos. Enfim, no País inteiro há essa pujança da PETROBRAS.

Eu não conheço nenhum movimento de massa em lugar nenhum do mundo que se mobilize para criar uma empresa privada. Esse movimento de massa, que foi criado na década de 40 a 50, para criar a PETROBRAS. Ela cumpre o seu papel. Tentaram impedir esse rumo, mas o povo reagiu e continuou. Eu não conheço também um petroleiro — fui petroleiro, trabalhei 25 anos na PETROBRAS, Presidenta Graça — que vá para a boca do poço, que vá para uma plataforma no meio do mar, para trabalhar pensando que o seu produto de trabalho vai repercutir na bolsa de valores. Ele está ali trabalhando pensando no Brasil, no papel que a PETROBRAS cumpre para garantir que o Brasil continue crescendo e se desenvolvendo. Essa é a preocupação dos milhares de petroleiros que trabalham naquela empresa.

Eu fico comparando o Plano Estratégico da PETROBRAS. Se eu comparar o que foi apresentado aqui por diversas vezes pelo Presidente Sérgio Gabrielli, não é diferente do que apresentado pela Presidenta Graça. Claro que há ajuste. Aliás, espero que por muito tempo a senhora continue dirigindo a PETROBRAS. Na sua gestão haverá ajustes no Plano Estratégico, sempre é assim. Mas está aqui: a maior parte dos investimentos continuam focados no EIB — está aqui escrito —, mesmo no refino. Não há mudança. Há um processo de continuidade com os ajustes necessários, com conjunturas diversas que se apresentam.

Portanto, é um discurso da Oposição de desejo de que a PETROBRAS entre em crise para fazer disputa política. Não é nenhum segredo. Eu me dirijo aqui aos Presidentes da Comissão. Imaginem se no Governo Lula ou no Governo da Presidenta Dilma fosse indicado um Diretor-Geral para a ANP que fosse genro do Presidente Lula ou da Presidenta Dilma. Seria um escândalo, viraria um escândalo. No entanto, isso ocorreu no Governo passado, e não virou escândalo.

Então, há aqui uma disputa. Como o Deputado Fernando Ferro falou aqui, está em curso, estão pedindo uma CPI para investigar a PETROBRAS. Investigar o quê? Qual é o interesse? Aliás, todo ano pré-eleitoral surge essa reivindicação de instalar uma CPI da PETROBRAS para fazer disputa política eleitoral. Isso é o reconhecimento do tamanho da PETROBRAS, de quanto ela tem um poder tão



grande neste País, que é o foco. Querem criar um foco para desgastar a empresa e fazer disputa eleitoral, o que é uma irresponsabilidade, um crime que se comete contra o País.

Portanto, Sra. Presidente, também levantando aqui as preocupações que o Deputado Daniel Almeida levantou, eu esperava que a PETROBRAS fosse realmente mais ofensiva em relação ao último leilão; esperava que ela disputasse o Tucano Sul, na Bahia, que é uma fronteira, segundo os técnicos, de grande potencial de gás e petróleo, e investisse mais. Aliás, tanto no Rio Grande do Norte quanto na Bahia ocorreram duas grandes audiências públicas com a sociedade, discutindo a preocupação — e aí, sim, uma preocupação importante para garantir a PETROBRAS e o seu papel de desenvolvimento — em relação a um investimento da PETROBRAS no Nordeste brasileiro, principalmente nos campos terrestres.

Nós sabemos que existem campos que estão em declínio de produção. A PETROBRAS tem investido para manter a produção estável, no limite possível, mas nós precisamos investir mais para identificar novas fronteiras, para que nós possamos ter a presença mais efetiva da PETROBRAS, porque, na verdade, alguns setores querem é que a PETROBRAS vire uma empresa de especulação financeira. Então, vai buscar petróleo, e está lá garantido que há muito petróleo.

Mas eu quero só lembrar que, lá, em terra, foi o grande laboratório que permitiu as experiências, a construção de novas tecnologias para chegar ao pré-sal. E nós não podemos abandonar aquela experiência. É uma experiência importante. As empresas privadas, como foi dito aqui, não terão nenhum compromisso com o conteúdo nacional, não terão nenhum compromisso com as preocupações de qualidade no processo produtivo de petróleo, porque elas têm um único objetivo: lucro. Esse é o único objetivo. A PETROBRAS precisa ter lucro, mas esse não é o único objetivo.

Portanto, eu gostaria também de levantar aqui essas preocupações e de pedir à senhora que, se pudesse — eu sei que há muitas perguntas, pode ser até respondida posteriormente, não há problema —, colocasse no mapa como está sendo distribuído o setor de investimento da PETROBRAS nas Regiões do País: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste.

Muito obrigado, Sr. Presidente.



**(Não identificado)** - Sr. Presidente, só uma questão de ordem. Eu acho que temos que, para otimizar a audiência, ceder um pouquinho e diminuir o tempo para as perguntas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Vou fazer um apelo para que o Deputado use, regimentalmente, os 3 minutos.

**O SR. DEPUTADO NELSON MARQUEZELLI** - Sra. Maria das Graças, em nome do PTB, estou hoje aqui parabenizando o seu trabalho, a sua atuação. A PETROBRAS cresceu muito e tem um crescimento incalculável ainda pela frente. Espero que a senhora tenha fôlego para acompanhar esse crescimento.

Mas, pensando no agronegócio, em milhões de usuários de etanol no País, eu queria só uma palavrinha da senhora sobre o etanol, que é importante. Muitos investem nessa área. Hoje o carro *flex* no Brasil é um sucesso extraordinário, e nós achamos que devemos isso à PETROBRAS, que é a grande parceira do setor. Então é importante uma palavrinha da senhora, hoje, nesta tarde, sobre o etanol.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Com a palavra o Deputado Dr. Carlos Alberto.

**O SR. DEPUTADO DR. CARLOS ALBERTO** - Boa tarde — já adentramos a parte da tarde.

Quero agradecer a iniciativa das quatro Comissões para realização desta audiência pública, na pessoa do meu Presidente, Deputado Ângelo Agnolin. É uma excelente oportunidade. Quero agradecer também a presença da Presidente da PETROBRAS, o que para nós é de grande valia, de grande importância.

Quero lembrar também aos Srs. Deputados que esta é uma casa de ressonância da população brasileira. É óbvio que cada um aqui tem as suas posições, as suas convicções, as suas certezas, mas é importante dizer que nós não podemos ter empresas dirigidas pelo Governo com grande sucesso, inclusive premiadas, como é o BNDES, como é a PETROBRAS, frente a um pepino desses em que está no nosso País, frente a uma indústria que está minguando no nosso País. Aqui nesta Casa, nós temos a Frente Parlamentar em Defesa da Indústria Química. Sabem por que há a Frente Parlamentar? Porque nós precisamos lutar. Nós Parlamentares precisamos discutir, porque precisamos ir buscar para a indústria uma melhor acomodação no nosso País.



Nós temos o BNDES, que é uma empresa do Governo, é um banco do Governo, que de “S” está totalmente abandonado. Pelo contrário, financia inclusive empresas ligadas à PETROBRAS. Devemos, sim, fazer uma CPI da PETROBRAS, para descobrir não só o que a PETROBRAS faz, mas o que faz o entorno da PETROBRAS.

Eu gostaria de dizer que, representando aqui a população brasileira, há uma pergunta que eu queria fazer à nossa Presidente, técnica e competente que é. A senhora se sente bem, ouvindo na televisão, em rede nacional, uma bela propaganda da PETROBRAS dizendo que vai investir 230 bilhões de dólares em 4 anos? Isso é expectativa, não é a realidade.

A senhora falou muito aqui que a PETROBRAS oscila conforme o mercado. Por que a PETROBRAS tem que falar para o povo brasileiro que vai investir todo esse montante de dinheiro? Isso é correto ou é político? Isso é novamente propaganda do Governo para levar a população ao engano, a achar que está tudo lindo, divino, maravilhoso? Ou a senhora, como técnica, pode me afirmar, aqui, nesta Comissão, que realmente a PETROBRAS vai investir isso tudo que foi dito na televisão, em rede nacional para todos os brasileiros?

Esta é a minha pergunta, Presidente: se a senhora afirma aqui que vai investir de fato; se a senhora tem o dinheiro para investir e o povo brasileiro não foi enganado; o povo brasileiro pode, sim, comprar ações da PETROBRAS; pode, sim, fazer o que quiser da PETROBRAS, porque são 236 bilhões de dólares que vão se investir em 4 anos.

Eu gostaria de ter essa resposta da senhora, porque eu também quero comprar ações da PETROBRAS nessas condições, por favor. E vou ficar aqui para ouvir essa resposta.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Com a palavra o Deputado Duarte Nogueira.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Cumprimento o Sr. Presidente e os demais Presidentes das Comissões que se reúnem conjuntamente em audiência com a Presidente da PETROBRAS, a Dra. Maria das Graças Foster, a quem



cumprimento e agradeço a presença aqui na Câmara para prestar os esclarecimentos; cumprimento também as Sras. e Srs. Parlamentares.

Presidente Graça Foster, eu sou torcedor de que de fato a senhora consiga consertar os enormes erros e prejuízos da gestão que lhe antecedeu. A PETROBRAS não deve ser tratada com o viés ideológico atrasado com que foi tratada alguns anos atrás. É claro que uma empresa como essa, de capital aberto, uma empresa pública, fundada na década de 50 para alavancar a industrialização do Brasil, deveria estar sendo mais bem gerida, para o bem dos brasileiros e dos acionistas, como o próprio Deputado Roberto, que aqui pediu os esclarecimentos como acionista minoritário da empresa.

Mas ela também não deve visar ao prejuízo. A PETROBRAS visou, ao longo desses últimos anos, no Governo do PT, ao prejuízo. Por quê? Porque o Presidente Lula foi à televisão em 2006, com a mão suja de petróleo, e afirmou que havia uma autossuficiência, que a senhora acaba de dizer que não há, que nunca existiu. Houve uma omissão por parte do Governo em relação a esse declínio de produção, e essa autossuficiência, que inexistiu, acabou sendo tão somente *marketing* do Governo para poder fazer propaganda política eleitoral.

Repito: o objetivo da PETROBRAS não é só o lucro, mas jamais pode ser o prejuízo. E por que tem sido prejuízo a meta da PETROBRAS? Porque, em 2011, num artigo que nós fizemos na *Folha de S.Paulo*, nós afirmávamos — naquela data, há dois anos —: “Neste ano, a média diária de importação deve chegar a 30 mil barris/dia, contra 7.000 em 2010. O próprio presidente da estatal, Sérgio Gabrielli, afirmou que a autossuficiência em gasolina só virá em 2019”. Fora isso, eu dizia que algumas refinarias não saíram do papel: a Abreu de Lima, o COMPERJ e as outras demais anunciadas pelo PAC. A Presidente hoje aqui afirmou o pouco mais de 50% do físico-financeiro por parte do COMPERJ.

Além disso, a PETROBRAS, ontem, deixou de ser a primeira marca mais valiosa da América Latina para ser a quarta marca mais valiosa da América Latina. Perdeu três posições, em prejuízo da visão da empresa enquanto marca. Ela também deixou de ser a empresa mais valiosa do País, perdeu a posição para a AMBEV. No ano passado, Presidente Graça Foster, apesar dos enormes esforços de V.Sa., a empresa lucrou 36% a menos, o pior resultado desde 2004, e teve a



primeira queda de produção depois de 8 anos. Nos últimos anos, a PETROBRAS perdeu 40% do seu valor.

Parece incrível ou surreal imaginar que uma petroleira tenha sido desvalorizada, mesmo com toda a expectativa criada em torno do pré-sal. Há até um a propaganda aqui na porta fazendo alusão ao pré-sal. Como o Governo do PT explica a proeza desse declínio absoluto, tão vertiginoso e tão rápido da PETROBRAS?

O seu antecessor insistiu em não dar manutenção nas plataformas petrolíferas para poder manter o ritmo de crescimento, ou manter o ritmo de produção, uma decisão errada, uma decisão ignorante do ponto de vista da governança corporativa.

A PETROBRAS passou a despertar a desconfiança dos investidores, porque ela está sujeita aos interesses de governo, e não aos interesses de Estado. E o que faz o Governo para tentar melhorar a imagem da empresa e mascarar essa ineficiência gerencial que a senhora tenta consertar? Investe em propaganda no jornal, na televisão.

Portanto, eu vou encerrar, Presidente, fazendo aqui algumas perguntas.

Por que a PETROBRAS caiu de terceira petrolífera do mundo, em 2010, para o sétimo lugar, agora, em 2103?

E mais, Presidenta Graças Foster: o investidor Warren Buffett, e aqui vale aos investidores da PETROBRAS, diz que, como meta de busca de resultados — as empresas de capital aberto têm que ir ao mercado buscar recursos para poder refazer reinvestimentos, para poder remunerar os seus acionistas —, para fazer esses investimentos — eu não tenho aplicação acionista, eu não sou investidor acionário, eu sou apenas um curioso nesse aspecto —, a gente tem que aplicar recursos em empresas sólidas, com boa governança corporativa e com uma boa gestão.

Eu indago a V.Sa. se a PETROBRAS, antes de a senhora assumir, tinha bons fundamentos econômicos, se ela tinha uma boa governança corporativa e se ela tinha uma boa gestão.

Última pergunta. Nos três primeiros meses de 2013, nós já importamos mais petróleo e derivados — nafta, GNL, óleo diesel, gasolina e outros subprodutos — e,



consequentemente, já gastamos mais divisas do que no mesmo período de 2012. Mais de 31 bilhões de dólares foram gastos somente em 2012 com essas importações, o que significa praticamente o mesmo valor destinado em 2013 para investimentos de capital em exploração, produção, abastecimento, gás e energia, que foi de 63,3 bilhões de dólares.

Considerando que a PETROBRAS se tornou um instrumento de política inflacionária, estimativas confiáveis do mercado indicam que, mesmo após o último reajuste dos combustíveis, a diferença entre o valor pago pelos derivados no mercado internacional e o que é recebido no mercado interno aponta para uma diferença que se situa na casa de 24,5% para o diesel e 23,1% para a gasolina, fazendo com que a paridade nos preços, tão sonhada pela empresa que V.Sa. preside, seja um sonho distante.

Diante disso, eu indago a V.Sa. quanto tempo mais a PETROBRAS vai ter saúde financeira para sustentar esse nocivo desequilíbrio imposto pelo Governo Federal? E mais, quanto tempo isso vai demorar para levar inclusive o setor sucroenergético também para a mesma finalidade de prejuízo como vem acontecendo nesses últimos anos?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Dando continuidade às inscrições, nós temos agora...

Lembro dos três minutos, se possível, para podermos dar oportunidade a todos os inscritos. Nós gostaríamos de contar com essa colaboração, é extremamente importante...

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Eu acho que a Mesa deveria monitorar e fazer o seu papel aqui na audiência. O colega fez intervenções valiosas, mas ultrapassou seis minutos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ângelo Agnolin) - Sem dúvida. Nós vamos deixar o cronômetro aqui para podermos administrar isso com mais qualidade.

Dando sequência, passo a palavra ao Deputado Luiz Fernando Machado. Por favor, por três minutos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ FERNANDO MACHADO** - Muito obrigado, Sr. Presidente Ângelo Agnolin. Quero cumprimentar o Roberto Santiago e o Eduardo da



Fonte, que promovem aqui esta excelente audiência pública, juntamente com a Sra. Maria das Graças Foster.

Quero cumprimentá-la, Presidenta, por toda a sua exposição. Estou aqui desde as 10h15min, percebendo a qualidade e competência com que V.Sa. vem se dirigindo a todos nós aqui presentes.

Em que pese as divergências e as colocações de cunho político-partidário, Situação e Oposição, há aqui uma constatação a ser feita da sua qualidade e da sua competência. Trinta e cinco anos de serviços prestados a essa companhia e, neste momento, no auge de sua carreira, chegando à Presidência, fica aqui constatado que V.Sa. tem todo nosso respeito, carinho e admiração. V.Sa. é uma excelente técnica. Hoje pela manhã, V.Sa. deixou muito claro isso.

Eu quero tratar aqui de alguns pontos que ainda não foram citados nesta audiência pública, e creio que sejam caros para V.Sa., especialmente do programa que foi concebido de Vazamento Zero.

Sra. Presidenta, eu conheço muito bem o litoral norte de São Paulo e as 14 praias que ali foram atingidas com aquele vazamento, há algumas semanas, no Tebar. Foram 14 ou 15 praias atingidas.

Eu queria, se possível fosse, que V.Sa. nos encaminhasse, do ano de 2012 até o presente momento, todo o perfil de vazamento da PETROBRAS, especialmente os marinhos.

Há uma diferenciação entre vazamento terrestre e vazamento marinho. O terrestre pode, por muitas vezes, ser acarretado em razão de acidentes automobilísticos, com carretas.

Eu queria o perfil desses vazamentos, especialmente o marinho, porque acredito que houve uma interferência grande ali no litoral norte de São Paulo, uma interferência que realmente atingiu famílias, atingiu um grande contingente de pessoas.

Então, gostaria muito de tratar da sua concepção sobre o Vazamento Zero, especialmente em São Paulo, desse caso que aconteceu nessas 14 praias.

Já para ser objetivo nos meus questionamentos, queria avaliar um pouco a questão do custo do combustível. Queria entender a que preço a PETROBRAS entrega para o seu distribuidor. Qual o custo desse combustível? Imagino que seja,



em razão de uma entrevista que vi no Canal Livre da *Band*, de R\$1,35. Quero confirmar se, de fato, é esse valor.

Quero aqui também fazer uma avaliação do aumento do *diesel* e do aumento da gasolina nos últimos 12 meses. Os números que tenho mostram que o *diesel* aumentou cerca de 22% nos últimos 12 meses — foram quatro aumentos — e que a gasolina aumentou duas vezes nos últimos 12 meses, perfazendo um valor de 15% no total. Nós temos expectativa de novos aumentos de combustível? Se temos essa expectativa, quando virão esses aumentos?

Num último questionamento, Sra. Presidenta, quero somente reiterar, até para que se possa ter melhor compreensão, a questão da linha de produção e consumo. Se nós olharmos para o horizonte de 2020, a compreensão que eu tenho é a de que nós estaremos produzindo 4.750.000 barris/dia, sendo 50% dessa produção vinda do pré-sal. Pergunto se isso de fato se concretizará na linha de planejamento da PETROBRAS e se a nossa capacidade de refino em 2020 será suficiente para a nossa tão sonhada autonomia e tão sonhada não necessidade de importação da gasolina.

São essas três considerações que quero fazer, mais uma vez reiterando aqui minha admiração e a parabenizando pela competência de V.Sa. à frente dessa companhia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Deputado Edson Santos. (*Pausa.*) Ausente.

Passo a palavra ao Deputado Luiz Sérgio. (*Pausa.*) Ausente.

Passo a palavra ao Deputado Weliton Prado.

**O SR. DEPUTADO WELITON PRADO** - Eu vou ser breve. É aquele velho ditado: ninguém joga pedra em árvore que não dá frutos. A PETROBRAS incomoda, incomoda, incomoda muito. É o grande orgulho do povo brasileiro. É um grande orgulho ter a nossa Presidenta Maria das Graças Foster reconhecida no mundo inteiro. Para nós é uma enorme satisfação.

Se querem comparar, se querem números, contra números não há argumentos. Vamos aos números, então!

No final do Governo Fernando Henrique Cardoso, em 2002, o valor da empresa saltou de 15 bilhões para 126 bilhões. Saltou de 15 para 126 bilhões! O



lucro foi de 8,1 bilhões para mais de 21 bilhões. Os investimentos saltaram de 18 bilhões para mais de 84 bilhões, um vultoso crescimento de 446%, quase 500%. O volume de venda de derivados no Brasil subiu de 1.600 barris de produção de petróleo em 2002 para 2.285 barris/dia em 2012. O número de empregados da empresa subiu de 46.000 para 84.000. Praticamente dobrou o número de empregados. Contra esses números não há, realmente, como argumentar. Eles mostram o crescimento da PETROBRAS, que está presente em mais de 25 países.

Eu só queria reiterar, Presidente, o que praticamente a maioria falou, o nosso orgulho da PETROBRAS e do orgulho de tê-la como Presidenta dessa companhia, pela sua capacidade, firmeza, educação e paciência para responder com muita calma, com muito respeito e não cair em nenhuma provocação. Sabemos que isso é natural, porque realmente incomoda. É aquele ditado: ninguém chuta cachorro morto. Nunca vi um doido jogar pedra em avião. A PETROBRAS vai continuar ajudando o País, porque não está preocupada somente com números, não. Não é só com a questão financeira, não. Não é somente com a autossuficiência no petróleo, mas está preocupada com os projetos sociais do Brasil, está preocupada com o desenvolvimento nacional.

Eu tenho certeza absoluta de que a PETROBRAS vai continuar dando muito orgulho para o povo brasileiro. E tem todo o apoio desta Casa.

Assim que terminar esta reunião, vamos lançar junto com o conjunto dos Deputados a Frente Parlamentar em Defesa da PETROBRAS.

Muito obrigado. Parabéns!

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Concedo a palavra ao Deputado Edson Pimenta. *(Pausa.)*

Concedo a palavra ao Deputado José Rocha. *(Pausa.)*

Concedo a palavra ao Deputado Paulo Magalhães.

**O SR. DEPUTADO PAULO MAGALHÃES** - Saúdo o Presidente Eduardo da Fonte, o Deputado Ângelo Agnolin, o Deputado Roberto Santiago, a Presidenta Maria das Graças Foster e as Sras. e os Srs. Deputados.

V.Sa. superou todas as expectativas, respondeu com conhecimento de causa, com tranquilidade, firmeza, a todas as perguntas que lhe foram feitas, a ponto de eu dizer que V.Sa. deixou a Oposição silente. Nenhuma das colocações que V.Sa. fez



foi contestada pelas oposições, o que mostra que a PETROBRAS está em boas mãos.

Quando se fala em crise, como é que podemos admitir crise numa empresa que recuperou, em dois meses, 30%? Esse é um trabalho consciente de uma técnica que é dura, mas que conhece como ninguém os caminhos do lucro financeiro e do lucro social que a PETROBRAS gera para o Brasil.

Por isso, Presidente Eduardo, fico extremamente feliz quando vejo V.Exa. dizer que a PETROBRAS, em Pernambuco, vai gerar 300 mil empregos. É a gratidão do povo pernambucano à Lula e agora à Dilma. E tenho certeza de que o povo pernambucano vai responder a isso nas urnas, com a gratidão de quem foi tão aquinhado.

Sra. Presidenta, eu me sinto extremamente gratificado de, como brasileiro, ver V.Sa. dirigindo a maior empresa brasileira. Tenho certeza de que vamos superar todos esses índices, com a sua competência e com a vontade de crescer do povo brasileiro.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Deputado Marcio Junqueira.

**O SR. DEPUTADO MARCIO JUNQUEIRA** - Sr. Presidente, na pessoa de V.Exa., cumprimento todos da Mesa e, em especial, a Sra. Maria das Graças, Presidenta da PETROBRAS.

Quero deixar bem claro que não me considero oposição aqui. Mas me deu vontade agora, Roberto, de ir para casa e ficar tranquilo, porque está tudo resolvido. A PETROBRAS resolve tudo!

Só tenho que registrar que vi aqui a alegria da Bahia, vi a alegria do Piauí, vi a alegria de Pernambuco, do Rio Grande, mas está faltando a alegria de Roraima. Mas, quem sabe um dia a gente chega lá. *(Risos.)* Ontem mesmo cortaram a luz de Roraima. Mas está tudo bem.

Nessa linha — também não vou fazer qualquer tipo de questionamento de cunho pessoal, Fernando Ferro —, mas o TCU diz aqui, Sra. Presidenta, que, nos contratos de terraplanagem na refinaria do Maranhão, já identificou 96 milhões de superfaturamento. Quem está dizendo isso é o TCU, viu? Vocês não fiquem



chateados, não. Fiquem, com o TCU. E o TCU disse também que, no Rio de Janeiro, já encontrou um superfaturamento de 70 milhões na terraplanagem, e de 163 milhões nos contratos de tubovias. Também as obras da Refinaria Premium, no Maranhão, estão paradas, e, nesse meio tempo, a PETROBRAS iniciou as obras no Ceará. Ou seja, não termina uma e já começa outra. Foi o TCU que o disse, não fui eu.

A Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, está custando, segundo o TCU, pelo menos três vezes mais do que as refinarias em construção de outros países! Isso foi o TCU que disse. A previsão inicial da PETROBRAS, em 2005, era de gastar 2 bilhões e 300 milhões. Hoje, o orçamento revisado subiu, segundo o TCU, para 20,1 bilhões.

Há mais algumas coisas aqui, mas V.Sa. já deve ter o relatório prévio do TCU, o que o TCU aponta. Aliás, V.Sa. está numa relação amigável com o TCU, que está dando toda assistência à PETROBRAS.

Eu queria fazer essas perguntas, primeiro, porque a senhora deu uma declaração e falou da Abreu e Lima aqui. Disse, na apresentação do Plano de Negócios da PETROBRAS para o período de 2002/2016, segundo a Assessoria nos forneceu, que: “A Abreu e Lima é uma história a ser aprendida e não repetida”. Depois, em agosto, o jornal *O Estado de S.Paulo* — apesar de os jornais estarem todos desacreditados — publicou o que a senhora disse. Se a V.Sa. não disse, a senhora tem que processar o jornal. Aqui a senhora repete que a Abreu e Lima é um exemplo a ser estudado para que jamais volte a acontecer na companhia.

As perguntas serão feitas rapidamente. Qual a razão para tamanho descontrole do custo da implantação das refinarias no Complexo do Rio de Janeiro? Por que os projetos da PETROBRAS são duas ou três vezes mais caros do que os similares internacionais? A PETROBRAS visa lucro!

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. DEPUTADO MARCIO JUNQUEIRA** - Não sei. O TCU é que sabe. Ele sabe mais do que eu. Como a maioria do povo brasileiro, eu sou ignorante nesses números. Eu ouvi aqui falar de bilhões, mas eu vejo o meu povo padecendo, pobre.

Terceira: a PETROBRAS tem condições financeiras para tocar ao mesmo tempo o pré-sal, a refinaria do Ceará, a refinaria do Maranhão, a refinaria de



Pernambuco e o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro? Bem, esse dinheiro, 232 bilhões, deve dar.

Os projetos foram mal dimensionados, Sra. Presidenta? O que foi que houve? Em cima do que a senhora disse, qual foi a lição que a PETROBRAS retirou da construção da Refinaria Abreu e Lima?

Por último, aproveitando o lançamento da Frente Parlamentar em Defesa da PETROBRAS, é importante que, paralelamente, a Mesa determine, até porque já existem as assinaturas, a instalação da CPI da PETROBRAS — se não há nada a esconder, qual é o problema? —, até para não causar mais nenhum tipo de constrangimento para a Presidenta. Com a CPI, esclarecemos tudo, e aquele que só falou vai ter que vir aqui pedir desculpas: “*Eu estava errado, e vocês estavam certos*”.

Muito obrigado, Sra. Presidenta, pela paciência.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Com a palavra o Deputado Maurício Quintella Lessa. (*Pausa.*)

Com a palavra o Deputado Luiz Argôlo. (*Pausa.*)

Com a palavra o Deputado Ronaldo Benedet. (*Pausa.*)

Com a palavra a Deputada Fátima Bezerra.

**A SRA. DEPUTADA FÁTIMA BEZERRA** - Sr. Presidente, primeiro, quero saudar a Presidenta Maria das Graças e os demais membros da sua equipe; saudar o Moraes, Coordenador-Geral da FUP; o Chico Zé, Diretor de Comunicação da FUP; o Dedé, Presidente do SINDIPETRO do Rio Grande do Norte, e, em nome deles, saudar os demais representantes da categoria dos petroleiros na presente audiência pública.

Segundo, Presidenta, quero fazer coro àqueles que já destacaram aqui a alegria e o orgulho de vê-la, uma mulher — falo na condição de Deputada também —, à frente dos destinos de uma empresa que é uma das maiores no ramo da indústria de petróleo no mundo, e a alegria e o orgulho de vê-la funcionária de carreira alçada a essa condição, com preparo, com transparência, com firmeza, com garra, com a competência que lhe é peculiar.



Na verdade, nós somos muito confiantes nos rumos que a PETROBRAS vem tomando em nosso País. E digo isso porque, felizmente, o povo brasileiro resolveu dar outro destino à PETROBRAS a partir de 2002.

Ouvi aqui algumas considerações — respeito o ponto de vista —, mas quero aqui deixar muito claro, muito claro mesmo, que o rumo, a prosa da PETROBRAS é outra a partir de 2002.

Até hoje, Sr. Presidente, alguns setores vinculados ao setor anterior não querem nem ouvir falar na Lei nº 9.478, de 1997, a famosa lei que abriu a PETROBRAS para o capital estrangeiro. Muitas empresas aqui vieram, e, infelizmente, não acharam nada e foram embora. Foi o nosso Governo, liderado pelo Partido dos Trabalhadores, a partir de 2002, com o Presidente Lula e, hoje, sob a liderança da Presidenta Dilma, que achou o pré-sal.

Não é ficção, não; o pré-sal é uma realidade. Já está aí produzindo mais de 300 mil barris/dia, pré-sal esse, Presidenta Maria das Graças, eu sonho, assim como a Presidenta Dilma, que vá para a educação, financiar o novo Plano Nacional de Educação.

Esta é a PETROBRAS em que, antes do Governo do Presidente Lula, implantaram todo um programa de enxugamento, com vistas à sua privatização. Aqui já foi mencionado, Deputado Fernando Ferro, naquela época tínhamos 28 mil trabalhadores. Hoje já estamos com mais de 50 mil trabalhadores, o que mostra o fortalecimento da empresa.

Felizmente, volto a dizer, esse projeto em curso na época, que tinha como objetivo a privatização, foi abortado pelo povo brasileiro, quando essa agenda foi derrotada em 2002.

Presidenta, também, rapidamente, quero me associar a algumas preocupações já mencionadas por colegas Parlamentares, principalmente os da Região Nordeste.

A senhora conhece muito bem o meu Estado, o Rio Grande do Norte. Aliás, já lhe deu grande contribuição, como mandar formuladoras e idealizadoras, inclusive do CTGAS.



A PETROBRAS, seguramente, é fator muito importante para o desenvolvimento econômico e social do nosso pequeno e valente Rio Grande do Norte.

Por isso mesmo, Sra. Presidenta, nos preocupa, sim, o quadro hoje colocado da exploração dos campos maduros, os campos terrestres. V.Sa. mencionou aqui o plano de investimentos de 2013 até 2017, no valor de 1,400 bilhão, mas, em 2017, segundo os dados, esses investimentos cairiam para 400 milhões.

Recentemente, estivemos no seu gabinete, toda a bancada do Rio Grande do Norte. Fomos muito bem atendidos. As providências que V.Sa., na ocasião, anunciava estão em curso, fazendo com que os empregos retornem ao Rio Grande do Norte.

Deixo aqui a nossa preocupação com essa perspectiva, com esse questionamento de que estaria em curso, digamos assim, uma diminuição dos investimentos nos chamados campos terrestres.

Gostaria de ouvir mais a senhora falar sobre essa questão, que é muito importante para o Rio Grande do Norte, a Bahia e para os demais Estados do Nordeste.

Por fim, Presidenta, eu sei que não depende da senhora — claro, dependerá do Congresso Nacional, dependerá desta Casa — a decisão sobre a destinação dos *royalties* do petróleo.

Nós estamos aqui numa batalha, primeiro, para distribuir, fazer com que essa riqueza seja do povo brasileiro, chegue a todos os Municípios e Estados. Depois dessa etapa, nós vamos, sim, atendendo ao chamamento da Presidenta Dilma, travar uma grande batalha aqui dentro em prol da cidadania: a defesa dos *royalties* para a educação, para financiar o Plano Nacional de Educação, os 10% do PIB para a educação, para dar a este País a educação que ele merece. Com mais investimento na educação, o País estará preparado, cada vez mais, para que o nosso povo possa assumir os melhores empregos que estão sendo gerados e serão gerados mais ainda.

Eu sei que essa é uma decisão da Casa, mas seria muito bom a senhora, na condição de Presidenta da PETROBRAS — permita-me dizer —, assim como a



Presidenta Dilma, se manifestar favorável à tese de os *royalties* irem para a educação.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra à Deputada Iriny Lopes. (*Pausa.*) Ausente.

Passo a palavra ao Deputado Antonio Balhmann.

**O SR. DEPUTADO ANTONIO BALHMANN** - Quero somente cumprimentar o meu querido Deputado Ângelo Agnolin, que preside a Comissão em que eu sou titular; o nosso companheiro Eduardo da Fonte e à Presidenta Maria das Graças Foster.

Eu queria levantar um tema, que é muito suscitado em nosso Estado e em nossa região, que diz respeito especialmente às duas plantas — a Premium I e a Premium II — de refino para aquela região equatorial do Brasil, que ficam no Complexo do Pecem e no Maranhão.

Depois de tantas marchas e “demarchas” sempre ficamos na dúvida cruel sobre essa questão, algo que nos aflige muito. O Governador Cid praticamente realizou todos os sonhos que estavam plantados no coração dos cearenses desde a década de 50. A siderúrgica está em obra, com apoio determinado e sempre muito louvado e agradecido do povo cearense ao Presidente Lula e à Presidenta Dilma. Se não fossem eles, certamente essas conquistas não teriam ido para o nosso Estado. Trata-se de uma planta siderúrgica, 2 altos-fornos, 6 milhões de toneladas, projeto com custo de 6 bilhões de dólares. É o primeiro complexo industrial dentro de uma Zona de Processamento de Exportação no Brasil, toda infraestruturada, é planta dentro de ZPE. A própria ZPE é um sonho de muitos anos que o Governador Cid realiza. Agora, já está operando na construção da usina.

Outros projetos que permearam a vida política e foram bandeiras políticas do Estado do Ceará durante tantos anos, também, hoje se realizam. Depois vêm o Centro de Eventos, o METROFOR e tudo o mais. O Ceará, hoje, realmente é um canteiro de obras, algo de que não podemos de forma alguma reclamar.

Sobre a questão da Premium, queria ouvir de V.Sa. qual é realmente o caminho que está sendo dado — sem querer ter a pretensão de fazer uma sugestão — e sobre essa articulação com grandes empresas de refino do mundo. Não sei se é conveniente citar o nome. Mas eu diria que uma grande empresa de refino



chinesa... Só para dizer, porque nós, de alguma forma, ajudamos a articular todos esses projetos. Fui Secretário de Desenvolvimento Econômico dos Governos Tasso, Ciro e Cid, antes de vir para esta Casa.

Também queria perguntar a V.Sa. se são viáveis, como as plantas de refino hoje são concentradas, são plantas industriais — me falta o termo agora —, são plantas condensadas, são plantas que não têm mais aquela tecnologia de uma planta de refino espalhada, requer muita área, mas são plantas de refino que poderiam ser feitas modulares. Aliás, o termo seria esse: são plantas de refino modulares. Uma proposta, que se começasse com 100 mil barris, na expectativa para iniciar ainda em 2014; depois adicionariam mais duas plantas condensadas de 100 mil barris, para completar os 300 mil barris, que era o projeto original da planta de refino Premium I, no Complexo Industrial do Pecem.

Esta é uma das questões que suscitaria nesta oportunidade.

Outra questão. Em função do último leilão que houve para áreas na última semana, gostaria que V.Sa. dissesse quais são as sensibilidades que a PETROBRAS tem para com essas áreas: exatamente a área da foz do Amazonas, a área de Barreirinhas e a de Potiguar, que pega um pouco do Piauí, do Ceará e do Rio Grande do Norte. Gostaria que V.Exa. dissesse também qual o sentimento que a PETROBRAS tem em relação à perspectiva dessas áreas, porque se elas são áreas para prospecção em águas profundas, já que o petróleo que o Ceará tem hoje é em água de 50 metros, e afinal de contas quais as características gerais dessas áreas leiloadas. Sei que quem leiloou foi o Governo. A PETROBRAS é um cliente dessa oportunidade. Mas com grande experiência na área de petróleo, certamente a PETROBRAS tem um sentimento, inclusive como adquirente dessas áreas.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Deputado Fernando Jordão. *(Pausa.)*

Passo a palavra ao Deputado Simplício Araújo.

**O SR. DEPUTADO SIMPLÍCIO ARAÚJO** - Sr. Presidente, Sra. Presidente Graça Foster, colegas, também quero saudar aqueles que nos acompanham pela Internet e pela *TV Câmara* nesta importante audiência.



Sr. Presidente, Sra. Presidente Graça Foster, eu não gostaria de acreditar que a PETROBRAS foi utilizada para um estelionato eleitoral contra o povo do Maranhão. Na véspera da eleição anterior, nós vimos o Presidente Lula com a então candidata Dilma e todo o *staff* da PETROBRAS garantindo ao povo do Maranhão um investimento da ordem de 40 bilhões de reais. Trata-se do Estado mais pobre da Federação, que tem os piores índices de saúde, de educação, o maior número de desempregados, a pior rede de esgotos e a dominação maquiavélica de uma oligarquia que escraviza seu povo, que é a oligarquia Sarney.

Às vésperas da eleição para o Governo do Estado, nós tivemos a promessa de um grande investimento, Sra. Presidente Graça Foster, investimento que eu particularmente torço para que seja realizado no Maranhão, porque o Estado precisa. Nós vemos aqui os colegas comemorando 300 mil empregos no Estado de Pernambuco. No Maranhão, a promessa é de 80 a 100 mil empregos. E nós precisamos muito desses empregos.

Em dezembro do ano passado, Sr. Presidente, nós tivemos a desmobilização do canteiro da Refinaria Premium em Bacabeira, a 56 quilômetros da Capital São Luís. Com essa desmobilização, nós tivemos um rastro de caos: empresas dando calote em comerciantes da cidade de Bacabeira, dando calote em funcionários — empresários e empresas, como a Associação Comercial do Estado do Maranhão, a Associação de Jovens Empresários do Estado do Maranhão, que acreditaram na PETROBRAS, acreditaram no PT e fizeram grandes investimentos na área.

A especulação imobiliária levou para lá, para aquela região, hotéis, cursos e muitos empresários que acreditaram que poderiam participar desse grande projeto de desenvolvimento para o Estado do Maranhão. Mas, de dezembro para cá, o que a gente vê é o abandono da obra. O canteiro está lá abandonado, as empresas estão saindo.

Eu gostaria de perguntar, Sra. Presidente, se a PETROBRAS fez politicagem no Maranhão, beneficiando empresas de aliados em pagamentos superfaturados, segundo o TCU, que aponta quase 100 milhões de faturamento. A obra vai continuar? Qual é o cronograma de entrega da obra?

A Governadora já levou ao Estado o Fernando Henrique para prometer obras que mudariam o Maranhão. Com Fernando Henrique, o saldo foi localizado, pois



Roseana precisava de poucos votos para garantir uma folga na sua reeleição. E até hoje mais de 2 mil trabalhadores de Bacabeira e Rosário ainda estão endividados. Com Lula e a PETROBRAS, Roseana causa um estrago maior: especulação imobiliária, empresas que surgiram no entorno, calotes a trabalhadores e empresários, como eu já coloquei aqui. E o pior de todos os calotes: o estelionato eleitoral que Roseana usou para postergar, com ajuda de Lula, o mandonismo da oligarquia Sarney no Estado mais pobre da Federação.

Eu não gostaria de estar aqui, Sr. Presidente, como uma pessoa que torce contra essa obra. Muito pelo contrário, a minha revolta é por pertencer a um Estado pobre, dominado por um dos grupos mais ricos deste Brasil, grupo que não pode usar a PETROBRAS para dar um golpe na população do Maranhão, às vésperas da eleição. Nós precisamos da refinaria. Nós queremos a refinaria, e eu não quero acreditar que o Governo Lula foi irresponsável a ponto de usar essa obra apenas para garantir a reeleição da Governadora Roseana ali, no Estado do Maranhão.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra à Deputada Luci Choinacki. *(Pausa.)* Ausente.

Passo a palavra ao Deputado Afonso Hamm.

**O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM** - Sr. Presidente Eduardo da Fonte, queria cumprimentá-lo pela Presidência da Comissão de Minas e Energia, por sua competência e dedicação a esta Comissão, cumprimento os demais membros desta Comissão e das demais Comissões que estão aqui integradas, e o Deputado Ângelo Agnolin, que esteve recentemente no Estado do Rio Grande do Sul.

Queria assegurar aqui a palavra, a minha fala, já que acompanhamos a fala de todos, e dizer, dirigindo-me à nossa Presidenta Maria das Graças Silva Foster, que a PETROBRAS é uma empresa de absoluta importância estratégica para o nosso País. Ela é uma empresa que, além da prospecção, da exploração do petróleo e dessa busca, dessa conquista pela autossuficiência, coloca-nos num patamar diferenciado no atual momento em que vive o Brasil.

Nós entendemos que hoje uma empresa de capital aberto naturalmente tem prejuízos, na medida em que ela tem intervenções exageradas, em algumas circunstâncias, por parte das ações e gestões do Governo. Nós precisamos



transformá-la e avançar no sentido de um equilíbrio. Ela é necessária e é uma empresa que todos nós queremos no nosso Estado.

Todos nós saudamos quando fizemos a prospecção, quando fizemos a exploração do petróleo, e também o segmento petroquímico. Está aqui o Siraque, que é o Presidente da Frente.

Recentemente, estivemos na Braskem, lá no Rio Grande do Sul, e vimos a potencialidade da agregação de valor quando fazemos a transformação a partir das matérias-primas. E isso é absolutamente estratégico e importante para o País. Há uma seriedade muito grande dos empreendedores, dos investidores, dos acionistas. E nós precisamos, inclusive, ampliar o capital dessa empresa, haja vista a dimensão dos projetos que se avizinham.

Portanto, temos que tratar, tenho certeza, com muita responsabilidade a nossa empresa PETROBRAS, porque ela tem um apelo e uma identidade brasileira, ela tem esse caráter. Nós entendemos que os Governos e os governantes têm que estabelecer uma relação entre si. Eu acho que, por isso, é preciso técnica na condução, porque, se houve alguma alteração, é porque ela se fazia necessária. Assim, saudamos os avanços e até algum erro que porventura tenha acontecido.

E eu queria encaminhar, até para não me passar do tempo, porque aqui, na Casa, no atual momento, eu represento e presido a Frente Parlamentar em Defesa do Carvão Mineral, e, com a atenção da nossa Presidenta, eu gostaria de solicitar da PETROBRAS, que faz prospecções, que faz análises do ponto de vista de segmentos importantes para empreender...

Recentemente, estivemos lá, na Espanha, vendo inclusive a gaseificação do carvão mineral. Nós retomamos o aproveitamento. Temos reservas superiores ao pré-sal, o que surpreende a muitos. O carvão mineral é utilizado em todo o mundo. Há tecnologias hoje inclusive associadas à exploração do petróleo e do gás. E nós podemos e devemos gaseificar o carvão.

No sul do País, nós não temos reservas para gás, e isso é estratégico para o desenvolvimento dessa região. Por isso, nós estamos lhe reivindicando que forme um grupo de estudos e de trabalho para pesquisa e prospecção, sim, com empreendimentos ou parcerias estratégicas na área de gaseificação, e também para a utilização dessa riqueza que é o carvão mineral.



Do ponto de vista da área de fertilizantes, hoje o País é dependente. E os países que concorrem conosco, os países do BRICs, utilizam exatamente dessa riqueza, que é uma importante riqueza mineral. Havia muitos tabus no passado, mas nós trabalhamos com responsabilidade e com o viés da sustentabilidade. Inclusive, inauguramos, com o apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia do nosso País, o Centro Tecnológico de Carvão Limpo, em Criciúma, há poucos dias.

Na condição de Presidente dessa Frente, eu não gostaria de me estender, mas temos o apoio integral do Presidente Eduardo da Fonte nesta Comissão. Inclusive, nos próximos dias, faremos um debate aqui, na Comissão, para prospectarmos o cenário e, fundamentalmente, os investimentos nessa área.

Gostaríamos e precisamos que a PETROBRAS, embora fazendo seus ajustes, a exemplo do que fez em outros empreendimentos, faça com carinho esses estudos, a formação desse grupo e, fundamentalmente, prospecte investimentos nessa área estratégica para o Brasil, em especial para o sul do País, onde estão 90% das riquezas que conhecemos até o momento.

Quero dizer exatamente que todos os países do BRICs estão se utilizando da cadeia da nafta para fazer os derivados. E nós podemos utilizar também essa riqueza. Portanto, não vemos outra empresa que tenha o perfil para fazer exatamente estudos de aprofundamento, em conjunto com universidades e centros científicos do País.

Era essa a reivindicação que eu gostaria de fazer à competente Presidenta da PETROBRAS, que tem feito um grande esforço. Nós queremos ajudá-la a reconstituir o patamar de reconhecimento e, principalmente, de capital, haja vista as circunstâncias. Soubemos que houve uma perda dos números efetivos da nossa PETROBRAS, mas a dimensão do que nós precisamos...

Só queria frisar que, no Rio Grande do Sul, nosso polo naval, onde estão sendo estabelecidas as plataformas, elas estão se constituindo de forma significativa para uma região deprimida econômica e socialmente. Trata-se de um projeto importante, que transcende governos. É importante que governantes estabeleçam políticas e que nós tenhamos a grandeza de dar curso aos grandes projetos que trazem o bem-estar das pessoas. E a PETROBRAS tem esse *staff*, tem essa finalidade, que é trazer o bem-estar aos brasileiros.



Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Passo a palavra ao Deputado Vanderlei Siraque, penúltimo orador.

**O SR. DEPUTADO VANDERLEI SIRAQUE** - Eu quero agradecer aqui a presença de nossa querida Presidenta da PETROBRAS, e também aos representantes dos trabalhadores, na figura do Moraes, e aos Deputados. Acho que a Oposição está no seu papel.

Deputado Duarte Nogueira, ficava difícil a gente fazer oposição lá porque não se aprovava nem requerimento para convite. Não se aprovavam convites. Quando nós éramos Deputados Estaduais não se aprovavam convites em São Paulo para que os Secretários, não é Vicente Candido?... É um direito, e, mais do que isso, é uma obrigação da Câmara dos Deputados, do Congresso Nacional.

Embora aquele senhor lá do Judiciário tenha dito que aqui os partidos são de mentirinha, eu vejo que há partidos de Oposição aqui que são verdadeiros partidos aguerridos, como é o nosso, o Partido dos Trabalhadores, o PDT, o PMDB, o PSDB. Aqui eu vejo que há partidos de verdade, embora aquele senhor lá do Judiciário, que não representa a maioria do Judiciário, tenha dito que aqui são partidos de mentirinha. Eu vejo aqui uma posição aguerrida. Podem acreditar, por exemplo, quando Monteiro Lobato falava que tinha petróleo no Brasil, muita gente não acreditava. Quando houve um movimento de instalação da PETROBRAS, o movimento “O petróleo é nosso”, muita gente dizia que não daria certo.

O pré-sal já existia antes do Lula, antes do PT. O problema é que alguns antes falavam assim: “Vamos vender tudo antes de fazer a exploração, porque alguns amigos da iniciativa privada depois vão ganhar mais dinheiro e vão dizer que a PETROBRAS era ineficiente, enquanto estatal, e que os privados são eficientes”. Mas o Governo Lula e o Governo Dilma não só tornaram a PETROBRAS eficiente como também a indústria petroquímica do Brasil, com a junção da PQU, da COPESUL, da COPENE na Braskem, com a associação da PETROBRAS.

O que nós queremos pedir aqui, Sra. Presidente da PETROBRAS, é que se invista não só em petróleo, mas também na petroquímica. Nós queremos que o nosso petróleo do pré-sal — inclusive, ontem foi feito um seminário importantíssimo nesta Casa — não seja para exportação. No futuro, quando nós vamos ter grande



autonomia, autossuficiência energética, nós queremos ser transformados em valor petroquímico, químico, plástico, em valor agregado, senão o petróleo que vai para fora voltará em forma de plástico para o Brasil. Hoje a nossa balança comercial já é deficitária em torno de 30 bilhões de dólares. Então isso é importante.

Eu não vejo a PETROBRAS, Deputado Duarte Nogueira — citando V.Exa. novamente —, como uma questão do PT ou do PSDB. A PETROBRAS é uma questão de Estado, não é de um governo. O governo demora quatro anos. Nós estamos falando de 2020. Mesmo a Dilma sendo reeleita — eu penso que será reeleita —, ela não será mais Presidente da República no ano de 2020. Nós estamos falando de 2020, 2030, 2040. Aí nós temos de pensar em conjunto nesta Casa. É importante.

Também na Comissão de Fiscalização e Controle, nós fizemos todas as investigações necessárias. A atuação do Tribunal de Contas tem que existir, acho que é importante. Um país democrático precisa ter controle social e controle institucional, precisa ter os dois controles.

Então está de parabéns a Presidente Maria das Graças pela apresentação. Nós devíamos pelo menos ter dado um lanchinho para a nossa Presidente da PETROBRAS. Ela já está bastante esbelta; desse jeito, vai sair daqui... Pelo menos um suquinho na próxima vinda aqui.

Muito obrigado. Eu vou pedir desculpas, eu vou ao plenário, mas já volto. Está havendo votação nominal, Srs. Deputados. Eu vou votar e já volto para ouvi-la.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Para concluir, tem a palavra a Deputada Luci Choinacki, a última inscrita.

**A SRA. DEPUTADA LUCI CHOINACKI** - Obrigada, Sr. Presidente.

Primeiro, gostaria de cumprimentar a Sra. Maria das Graças. Fico muito feliz por sua apresentação, seu conhecimento. E como mulher, eu fico muito feliz pelo fato de a Presidente Dilma tê-la colocado numa função tão importante e estratégica e pelo fato de o Brasil ter confiado. O Brasil confiou primeiro num operário, num retirante da seca do Nordeste, que botou o Brasil no mapa do desenvolvimento, da soberania, da democracia. Agora, uma presidente mulher também coloca mulheres importantes para dirigir, por exemplo, uma estatal tão importante como a PETROBRAS.



Eu queria dar-lhe os meus parabéns e dizer que o Brasil fica sempre melhor com pessoas importantes, capazes de governar e dirigir estatais tão importantes. E sempre vai haver problemas, porque nós estamos aprendendo. Aliás, começamos a lembrar; ouvi tantas falas da Oposição.

Eu concordo com o que disse o Deputado: aqui não há partidos de mentirinha, não. Mentirinha talvez seja de quem fala. Os partidos de oposição fazem oposição, mas se esquecem do que foram antes. Tanto que, se a PETROBRAS estivesse nas mãos da Oposição, não seria mais PETROBRAS; já estavam mudando o nome para PETROBAX. Gastaram mais de 50 milhões fazendo uma campanha para modificar, pois até do nome eles tinham vergonha. Então é bom lembrar que as coisas não eram uma maravilha e agora é que estão ficando diferentes, com um probleminha aqui e acolá. Eles existem para serem resolvidos. A PETROBRAS cumpre uma função econômica de soberania nacional e tem várias funções. Se nós olharmos tudo que a PETROBRAS faz nas áreas social, ambiental, esportiva, veremos que ela é imensa. A PETROBRAS é uma empresa que defendíamos antes de sermos governo; e no nosso Governo, com Lula e com Dilma, continuamos defendendo, porque sabemos da importância que ela tem para o Brasil, para o povo brasileiro, para a nossa soberania.

Como nós estamos encerrando este momento, peço, Sr. Presidente, só um minutinho de generosidade. Eu vou dizer que saio daqui muito feliz, porque a Presidente Maria das Graças tem a humildade de reconhecer que tem de acertar aqui e acolá. É assim mesmo! Até porque o mercado não pode adivinhar o que vai acontecer no dia seguinte. A PETROBRAS é uma empresa que também faz negócios.

Então damos parabéns ao corpo técnico da empresa, que não tinha muitas funções; depois que o Governo Lula assumiu que se começou a fazer as descobertas no Brasil. Não que não havia conhecimento, só que esse conhecimento estava atrofiado lá dentro, para que não fizessem as maravilhas que estão acontecendo. O pré-sal existia há muito tempo, mas não era para ser descoberto. Só depois, com Lula, e agora, com Dilma. Quer dizer, nós estamos de parabéns. O povo brasileiro está de parabéns, bem como o País e a Presidente Dilma, por tê-la colocado numa função tão importante.



A PETROBRAS é parceira em vários projetos, inclusive de agroecologia, de produção orgânica ambiental. Presidente, a senhora não tem ideia de como a PETROBRAS está fazendo bem para o povo brasileiro!

Meus parabéns! Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Tem a palavra o Deputado Vicente Candido, o último orador.

**O SR. DEPUTADO VICENTE CANDIDO** - Obrigado, Presidente. Eu até fiquei em dúvida sobre se eu faria uso da palavra por ter chegado atrasado e não ter participado da exposição da Presidenta Maria das Graças Foster, mas, por dois motivos, eu resolvi inscrever-me.

Primeiro, para sempre desejar-lhe sucesso e registrar minha admiração pelo trabalho da Presidente da PETROBRAS. Não é a primeira vez que faço isso. Eu não devia fazê-lo porque somos companheiros de partido, da base do Governo, de projeto partidário. É até redundante, às vezes desnecessário, fazer elogios ao seu trabalho. Mas como é uma grande executiva do Brasil, uma mulher brasileira dirigindo uma das maiores empresas do mundo, nunca é demais ressaltar o importante papel exercido pela Presidente Maria das Graças, não só hoje aqui, nesta exposição. Procuramos acompanhar seu dia a dia na empresa, na mídia, nas exposições, a firmeza com que desempenha essa função importante.

Outro motivo, Presidente Eduardo da Fonte: depois de ter ouvido aqui alguns discursos agressivos de alguns Deputados de oposição, eu resolvi inscrever-me também. Acho que o único motivo que leva a isso... O Deputado Duarte Nogueira está aqui; daqui a pouco ele vai querer ter direito à palavra. V.Exa. nem tanto, até porque não é seu perfil, mas o seu colega de bancada, de Guarulhos, o Deputado Carlão, acho que usou um tom exagerado aqui, desnecessário.

E acho que vários Deputados aqui já responderam e o fizeram com números, com argumentos, que não é o caso aqui, nem há tempo para fazê-lo. Mas se formos comparar os oito anos do Presidente Fernando Henrique com os oito anos do Presidente Lula e mais dois agora da Presidente Dilma, eu acho até constrangedor para a Oposição.

O Deputado Duarte Nogueira sabe muito bem que, só em relação à cidade de São José dos Campos, que é do nosso Estado, a PETROBRAS foi simplesmente



responsável por mudar a história e a cara daquela cidade. A PETROBRAS, nesse período — e já terminou o investimento lá —, investiu naquela cidade 7 bilhões de reais, em projetos que no Governo Fernando Henrique não existiam.

Aliás, o Governo Fernando Henrique, preparando a PETROBRAS para ser privatizada — só isso pode justificar —, entregou-nos a PETROBRAS com 34 mil funcionários diretos, 64 mil indiretos, terceirizados, o que foi uma das causas dos grandes acidentes nas plataformas naquele período. Isso sem mencionar os valores, de que o Deputado Weliton Prado já falou aqui, bem como outros Deputados. Eu não queria entrar nessa comparação. O povo já sabe. Já falamos disso. O Congresso Nacional sabe disso. Isso está bastante claro.

E hoje o Governo, através da Presidente, vem aqui — não é a primeira vez, já estive aqui no final do ano passado —, com transparência e sinceridade, dizendo: *“Olha, nós temos desafios a vencer. Nós estamos aqui fazendo o chamado freio de arrumação, preparando a PETROBRAS para os próximos desafios, que estão presentes hoje; ela será outra empresa daqui a cinco, seis anos, em 2020”*. É isso que ela está colocando. Eu chamaria isso também de crise de crescimento, como é popularmente conhecida.

O quanto nós estamos importando e consumindo de gasolina decorre do modelo econômico implantado pelo Presidente Lula. Por causa dele as pessoas puderam adquirir carro, puderam gastar, puderam passear.

Por isso há alguns estrangulamentos, que estão na pauta e no radar da PETROBRAS. A empresa está procurando superar essas questões e mostrando: *“Olha, está bom, hoje o quadro é esse, mas daqui a dois anos será esse outro, daqui a seis anos será assim”*. Então, isso é motivo de orgulho.

A Oposição, talvez já num discurso pré-eleitoral, pelo desespero eleitoral, fica tentando inventar números, tentando criar uma crise que não existe. Aliás, não é só a PETROBRAS que está fazendo ajustes nas suas condutas. Todas as grandes empresas do mundo, todas as grandes empresas do Brasil estão procurando fazer ajustes, porque a economia do mundo tem problemas, e nós estamos procurando adaptar-nos a isso.

E quero responder aqui rapidamente também ao companheiro de Roraima, que está preocupado com o TCU. Outros Deputados aqui também levantaram essa



questão. O Poder Executivo e a Presidente Maria das Graças Foster não vão poder fazer comentários sobre o papel do TCU, mas o Parlamento pode, o Parlamento deve!

Eu já fiz CPI contra Tribunal de Contas lá em São Paulo. Eu tenho muitos reparos contra o papel dos Tribunais de Contas. Sim?

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. DEPUTADO VICENTE CANDIDO** - Exatamente, Deputado Siraque. Eu tenho muitos reparos contra o papel dos Tribunais de Contas desempenhado durante nosso Governo e durante vários Governos Brasil afora. Então, nem sempre o Tribunal de Contas, nessas análises, tem razão.

E o Poder Legislativo, por meio da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle desta Casa, é negligente nesse ponto muitas vezes, porque devia chamar essas questões para si, apreciar os laudos e as auditorias do Tribunal de Contas, e às vezes não faz esse papel.

Então, para mim, o Tribunal de Contas é sempre um órgão de auxílio ao Poder Legislativo. E às vezes o tratamos como um Tribunal, com toga. Talvez um legado negativo que Rui Barbosa tenha deixado para nós tenha sido este: colocar toga em pessoas que são simplesmente auxiliares do Legislativo, fiscais das contas, num órgão de ajuda ao Poder Legislativo. Acho que ele exagerou nessas questões quando chamou o órgão de Tribunal e quando colocou toga em pessoas que poderiam compor simplesmente uma secretaria de controle das contas, prestando contas para o Poder Legislativo. Então, eu tenho muitas dúvidas nessas questões. E muitas vezes são politizadas as posições do Tribunal de Contas.

Para terminar, Sra. Presidente, só queria deixar uma pergunta para a senhora, se puder responder dentro do tempo que lhe cabe. É sobre a RNEST. Queria saber como está a parceria com a PDVSA, se vai prosperar, se há problema, se isso está superado.

Muito obrigado.

**O SR. DEPUTADO SIMPLÍCIO ARAÚJO** - Sr. Presidente, eu fui citado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Não, não, não.

**O SR. DEPUTADO SIMPLÍCIO ARAÚJO** - Eu gostaria apenas de dizer que, se eu quisesse ouvir propaganda da PETROBRAS, eu ficaria em casa. O meu



papel, como Deputado, é representar o povo do meu Estado, que tem o anseio que eu trouxe a esta audiência pública. Então, eu fiz apenas o meu papel de representante do povo do Maranhão. Foi apenas isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Com certeza entendemos o seu posicionamento.

Passo a palavra para a Presidente Graça.

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Bom, responderei de forma objetiva aos senhores e senhoras.

Neste segundo bloco, o Sr. Deputado Osmar Júnior mencionou questões sobre loteamento, Pasadena e disse que o TCU agora, em relação a nossa refinaria no Golfo do México, está cuidando, avaliando, examinando. Se certo ou errado, nós vamos explicar mais adiante, assim que vier o parecer do estimado TCU.

E me fez uma pergunta clara e objetiva em relação à indústria nacional: se a PETROBRAS pretende trabalhar para que haja mudança na política de controle do local. De forma alguma. O controlador da companhia é o Governo Federal. É parte de uma política industrial o desenvolvimento da indústria de bens e serviços. E a PETROBRAS, como uma empresa que trabalha certamente na busca de lucros, sabe quão mais competitiva ela ficará a partir do momento em que tivermos aqui empresas capazes de competir e que nos possam fornecer.

Quem trabalha com um número tão grande de unidades de produção, com sondas de perfuração em águas profundas — nós temos 40 sondas, 128 plataformas, tantos mil poços perfurados, e só estou falando aqui de atividade *offshore* — sabe o que é esperar uma empresa, um equipamento que vai chegar de Singapura, que vai chegar da Noruega. É muito importante quando esse fornecedor está ali em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, na Bahia. Isso ajuda demais! Isso é competitividade! Sabemos que há um caminho a percorrer de aprendizado e de ajuda que a PETROBRAS pode dar à administração dessas empresas, especialmente as de médio e pequeno porte.

Então, não há previsão de mudança. Hoje a política comercial da PETROBRAS está ligada diretamente a mim. Eu respondo diretamente ao Governo Federal sobre cumprimento de conteúdo local.



Bom, o nosso estimado Deputado Fernando Ferro colocou algumas questões importantes e entende que nós deveríamos ter sido mais agressivos na 11ª Rodada. O fato é que existem outras duas rodadas a acontecer neste ano. Nós temos que administrar a nossa capacidade de operar bem. Então, a cada rodada, são blocos novos, parcerias novas, novas equipes, novas pessoas, novas lideranças. Vem também partilha. Seremos operadores, além dos 85% de operação que nós fazemos. Então é importante administrar. E assim nós fizemos.

O mercado reconheceu-nos como bem-sucedidos no leilão, mas nós achamos que, na 11ª Rodada, entramos no tamanho certo. A PETROBRAS... Não é possível fazermos tudo sozinhos de forma eficiente. Não é possível. Foi dito aqui que eu passo a sensação de que está tudo maravilhoso, tudo resolvido. Se passei essa impressão, eu preciso consertar isso. É um desafio permanente, constante, 24 horas por dia fazer acontecer tudo aquilo que está previsto no Plano de Negócios e Gestão.

O Deputado Daniel Almeida, da Bahia, coloca que nós temos... É importante a oportunidade que me foi dada em relação à trajetória dos 10 anos. Todos os projetos — todos os projetos! — do Plano de Negócios e Gestão 2012-2016... Eu era Diretora de Gás e Energia e me tornei Presidente da PETROBRAS a partir do dia 13 de fevereiro. O nosso Plano de Negócios e Gestão foi aprovado mais cedo este ano, em abril. Todos os projetos da gestão do Presidente Gabrielli; da Graça, Diretora de Gás e Energia; do Diretor Estrella estão na carteira. Nenhum projeto mudou de prioridade — nenhum projeto! Não entrou nenhum novo projeto. O Plano de Negócios e Gestão é exatamente o Plano de Negócios e Gestão que nós aprovamos logo que descobrimos o pré-sal.

Nós o descobrimos em 2006, fizemos um grande evento interno para definição do planejamento estratégico, com a visão de 2020, e de lá para cá esse plano de negócio vem ganhando maturidade, materialidade.

Os novos projetos que vão entrar mais à frente, em 2017, 2018, 2019, 2020, não têm a materialidade, a precisão que têm os projetos que entraram no ano passado e que vão entrar este ano — quando digo entrar, refiro-me a entrar em operação — e no ano que vem. O que eu faço nesta gestão é uma continuidade da



gestão anterior. As pessoas são diferentes, elas se comunicam de forma diferenciada, mas os projetos, Deputado, são todos exatamente iguais.

E o Presidente Gabrielli tem uma habilidade fenomenal que eu admiro: ele sabe ouvir. Eu muitas vezes sou extremamente impaciente. Ele me ouviu diversas vezes reclamar disto, daquilo; apoiar aquilo, aquilo outro. Então, de tudo o que aconteceu eu sou uma peça de continuidade — exatamente isso, não mudou absolutamente nada. As pessoas são diferentes, elas se comunicam de forma diferente e podem passar a impressão de que as coisas mudaram. Mas se os senhores olharem os projetos, verão que nem o nome mudou. E eu nem autorizo que mude, senão se muda a história do projeto. Ele tem que ter nome exatamente igual e objetivos também claramente rastreáveis dentro de uma estrutura pesada e grande, como é o Sistema PETROBRAS, não a empresa, mas o Sistema PETROBRAS.

A avaliação que o mercado fez da 11ª Rodada coincide, de forma bastante grande, com a avaliação que a PETROBRAS faz. Mas eu fiz uma pergunta aos nossos técnicos e ao Diretor de Exploração e Produção, José Miranda Formigli: o que saiu diferente daquilo que queríamos na 11ª Rodada? Tucano Sul. Queríamos mais. Levamos uma parte; a outra parte não. Mas é um *bid*, é um jogo. Nós pagamos os maiores bônus na Foz do Amazonas. Então, ganha-se e perde-se; ganha-se e perde-se. São os *bids*, os leilões. Levar tudo é muito difícil. Então, o que saiu diferente do que queríamos? Tucano Sul; Tucano Sul saiu diferente. Existe uma nota técnica tão clara quanto.

Em relação ao Deputado Luiz Alberto, há uma história recente, muito recente, sobre a questão dos fornecedores. Um grande fornecedor da PETROBRAS para o pré-sal me perguntou o seguinte: *“E vem cá, quando entra o pré-sal?”* Eu falei: *“Não, eu não estou ouvindo o que o senhor está me perguntando.”* Ele disse: *“Porque a gente vende, mas como vai ser?”* Eu falei: *“Como vai ser? O senhor acha que a gente faz o que com esses equipamentos monstros que a gente compra do senhor?”*

Então, eu acho que as coisas estão acontecendo. A refinaria RNEST — você vai lá e vai ver — está lá, tem rua, tem luz, tem casa de força, tem prédio. A sala de controle já está funcionando. Nós já temos operadores dentro da RNEST trabalhando, testando o sistema de cabo. Quer dizer, é uma realidade.



O pré-sal é a mesma coisa. O pré-sal é isso. Então não há como não acontecer. O pré-sal para nós, dentro da PETROBRAS, passa como uma rotina, porque para a sociedade brasileira nós trabalhamos. E aí eu vou chegar à pergunta que o Deputado me fez — eu não sei, está escrito aqui, vou chegar lá, mas eu só queria pegar esse *link*. Eu acredito no que eu estou dizendo naquela campanha. Eu trabalhei pessoalmente naquela campanha. Não é um contrato que se faz exatamente para uma das agências que trabalham conosco. Eu sentei para elaborar aquele texto, eu li aquele texto. Aquele texto tem as minhas digitais, com a minha equipe, porque é preciso informar que o pré-sal é real. O pré-sal é uma realidade. Nós produzimos no pré-sal. E o pré-sal não começou agora. O pré-sal é de 2006. Nós fizemos 311 mil barris de petróleo por dia em 7 anos.

Eu preciso comunicar a sociedade. E, quando eu escrevo que são 236,5 bilhões de dólares na tela da televisão, eu sou obrigada a fazer isso, porque eu dirijo uma empresa de capital aberto. Eu tenho que comunicar ao mercado o investimento que faço e tenho o dever de rever esse investimento todos os anos. E aí está o Plano de Negócios e Gestão 2012/2016, 2013/2017. E, ao julgar a economia, não só a economia do Brasil, mas também a economia de todos os países que nos cercam — porque nada é fácil, tudo vem com muita luta, muito trabalho —, muitos eventos devem acontecer.

Eu confirmo, sim, que são 236,5 bilhões de dólares — não em quatro anos — nos cinco anos, de acordo com a comunicação à sociedade daquele comercial. As pessoas me inspiraram a fazer aquele trabalho. Se o meu fornecedor tem dificuldade em acreditar que o pré-sal é uma realidade, imaginem a minha vizinha, imaginem um pipoqueiro, imaginem a minha irmã, imaginem... As pessoas precisam saber que é verdade, e a PETROBRAS sabe fazer.

Então, eu trabalhei com a equipe que definiu o texto daquele comercial... E aquele número que a gente coloca... Há refinaria no Nordeste? Sim. Está lá. E eles comunicam isso. Vá ao Rio Grande do Sul. Há estaleiro no Rio Grande do Sul? Sim. Vá lá ver. Existe mais uma, mais uma. Vá a Urucu, à Bacia do Solimões. Olha tudo o que está na Bacia do Solimões. É real. É a mais pura realidade. Eu preciso comunicar ao meu acionista, àquele que coloca dinheiro na PETROBRAS.



Então, é isso. Preocupações no último leilão? Tucano Sul — obrigada pelo registro. Eu achei importante essa oportunidade de dizer o que nos chateou. Foi Tucano Sul, mas é um *bid*. E a questão do investimento. Não tenha dúvida de que o investimento vem a partir da atividade exploratória. O investimento para a Bahia, no ano passado, foi exatamente o mesmo investimento para este ano. As atividades exploratórias, os leilões são importantes. A PETROBRAS participa do leilão. Quem dá o ritmo dos leilões é o Ministério de Minas e Energia.

Então, esse ritmo, para nós que somos de uma empresa operadora, é muito importante, porque esse ritmo repõe as áreas. Então, de fato, as atividades em terra, algumas atividades no mar, especialmente no Nordeste... Nós comemoramos o leilão da 11ª Rodada certamente porque temos novas áreas. O Deputado colocou: são campos de 40 anos, 50 anos. Aprendemos tudo o que sabemos na Bahia, começamos em... Há várias histórias interessantes. Poderei abordá-las numa outra vez em que tiver oportunidade de vir aqui, mas de fato tudo o que levamos da Bahia foi um grande aprendizado.

Então, a PETROBRAS precisa, sim, discutir “campos maduros”. Hoje, muitas atividades que fazemos dão resultados positivos para nós; elas podem ser aceleradas se forem tocadas por outras empresas.

Comecei a trabalhar este assunto “campos maduros”, inclusive demandada pela própria Bahia recentemente. Então, é algo que nós, com os Deputados da Bahia, precisamos sentar para conversar, para ver riscos, oportunidades. O que vale mais a pena: uma velocidade maior ou uma segurança maior?

Tudo isso eu reconheço e dou completa razão à Deputada Fátima, que tratou problema semelhante no Rio Grande do Norte, além do Deputado Luiz Alberto.

É incrível, mas, quando o seu fornecedor não sabe o que você está fazendo, você tem que mudar a forma de se comunicar.

Com relação à questão do etanol, sou defensora absoluta do etanol, dos biocombustíveis. Tive uma grande oportunidade, quando Secretária de Petróleo e Gás Natural e Combustíveis Renováveis, de trabalhar muito a questão do biodiesel com vários Parlamentares. Esperava até ver aqui, hoje, o Deputado Betinho Rosado, éramos superparceiros, trabalhamos juntos, com vários outros Deputados.



O etanol é importantíssimo. O retorno forte do etanol. Como cidadã, eu acho que o Brasil tem a cara do etanol, e o etanol a cara do Brasil. Há muita identidade entre os dois. Nós temos uma boa competitividade. É fundamental que o setor invista forte em tecnologia, como nós, na PETROBRAS Biocombustíveis, fazemos no nosso Centro de Pesquisas da PETROBRAS, para que haja essa competitividade, para que não soframos tanto em função da variação do preço da gasolina. É preciso investir muito em tecnologia.

O Deputado Carlos Alberto abordou aqui diversos assuntos.

Com todo o respeito, Deputado — V.Exa. falou do comercial na televisão —, vou dizer uma coisa: eu, mesmo sentada trabalhando aquele texto que aparece hoje na televisão, fico muito emocionada quando vejo a PETROBRAS na televisão. Eu tenho um orgulho daquele comercial tão grande, porque ele é verdadeiro, está acontecendo o que está escrito ali. E aquele plano, aquele valor de 236,5 eu preciso comunicar ao mercado. Se eu comunico à acionista majoritário, aos bancos, por que não vou comunicar aquele valor a um vizinho meu, que não sabe sequer o que é 1 milhão de dólares? Então, eu preciso também instruir e capacitar todas essas pessoas. Fico muito emocionada quando vejo tudo aquilo.

O prezado Deputado Duarte Nogueira — eficiência que não existe — fez vários comentários. Ouvi todos com muita atenção. Vou pegar tudo o que falamos aqui, toda essa transcrição, vou estudar todos os depoimentos que V.Exas. deram aqui.

O que precisamos é trabalhar muito — e sempre — para recuperarmos a perda do valor da marca. Já chegamos a ter posição de maior destaque, hoje somos o quarto na América Latina. V.Exa. não tenha dúvida disso.

Hoje, de manhã, peguei o *clipping* às 5h para pegar o voo às 6h — e já fiz 500 ligações. Quero explicação sobre o que aconteceu, para o fato de as nossas ações estarem com um valor menor do que elas realmente valem. Os investidores, os analistas, têm uma participação efetiva na pontuação desse reconhecimento que se faz às marcas. Nós temos, sim, que trabalhar para subir o valor dessas ações de forma muito intensa. E é o que temos feito. Tenho certeza de que na medida em que subimos o valor das nossas ações, daqui a um ano, dois anos vamos certamente reconquistar essas posições que tivemos.



Ao mesmo tempo, há uma semana falei que a Standard & Poor's, agência de *rating* que faz análise da capacidade de uma empresa se financiar e de cumprir com os seus objetivos, classificou-nos como uma empresa forte em gestão. Ela reconheceu, dentre as 3.806 empresas do mundo, 8% das empresas com esse perfil. No Brasil, fomos uma das sete empresas reconhecidas. Trabalhamos para reconquistar tudo isso. Aquilo que adquirimos de mais valor queremos manter; aquilo que perdemos, que está ligado diretamente ao valor de nossas ações, nós queremos recuperar, sim.

A política de preços da PETROBRAS é uma política de preços de longo prazo. Nós passamos o ano de 2010, depois da crise, quando o barril de petróleo saiu de 145 dólares para 45 dólares, nós passamos 1 ano vendendo combustível aqui dentro muito mais caro do que estava lá fora. Ganhamos muito. Há alguma perda, porque não existe paridade cem por cento de preço. Então, essa é a política, é uma política de preços que é muito discutida, que no longo prazo tem trazido resultados positivos para a PETROBRAS.

O vazamento é zero, Deputado Luiz Fernando Machado. Muitas vezes, até dentro da PETROBRAS, o pessoal fala: *"Graça, mas não existe vazamento zero"*. *"Não existe, mas a Diretoria da PETROBRAS quer..."* E me fizeram uma pergunta exatamente naquela sexta-feira em que nós tivemos o vazamento nas praias do Rio de Janeiro. Foram 14 praias, o Deputado foi fiel no relato. Nós tivemos 3,5 metros cúbicos de vazamento nas praias. E o vazamento chegou às praias, porque ali, naquele terminal, não há como não chegar, é muito difícil. Nós colocamos todas as contingências. Sérgio Machado, Presidente da TRANSPETRO, fez um trabalho excelente. Chegou o óleo às praias. Isso para nós é uma vergonha muito grande. Ficamos muito envergonhados disso, mas fizemos um trabalho muito grande para minimizar esse efeito. E aí me perguntam: *"Isso é muito? Isso é pouco?"* Qualquer coisa diferente de zero é muito. Então, não se pode aceitar nada diferente de zero.

Nós fazemos às segundas e às quintas-feiras reuniões de diretoria na PETROBRAS. Vazou, o diretor da área — o Sérgio Machado esteve lá — tem que explicar, tem que mostrar como está mitigando o problema, como é que não vai acontecer de novo. E perseguimos o zero. É a única coisa que nós podemos



trabalhar de forma preventiva atrás desse número zero, não só com relação às questões ambientais, mas também com relação à vida dos nossos trabalhadores.

Hoje, como uma grande oportunidade, na minha avaliação — além de Presidente da PETROBRAS, eu sou Conselheira da PETROBRAS —, nós temos a participação do Zé Maria, que é Conselheiro, representa o trabalhador, é um grande lutador pelas questões ambientais e pelas questões relacionadas à saúde e à vida do trabalhador. Então, eu tenho certeza de que ele vai promover um belo trabalho da nossa organização também nesse segmento. Ele já passou a fazer parte do Comitê de Meio Ambiente, do qual eu sou Presidente. Então, eu tenho certeza de que o Zé Maria vai somar, e ele é um representante do trabalhador que está conosco também.

Quanto ao custo de combustíveis, o senhor está bem próximo dos valores do *diesel*: 23,6% no *diesel* e alguma coisa perto de 15% na gasolina. E é isso. O combustível sai da nossa porta a R\$1,35, no caso da refinaria — e aí estou falando da gasolina —, e chega à bomba a R\$2,87. E aí, no meio do caminho, há a distribuição, que precisa fazer sua margem; há o revendedor, que tem margem; e há impostos ao longo desse caminho.

A gasolina do Brasil, a gasolina da PETROBRAS, na porta da refinaria, não é a gasolina mais cara do mundo e não está entre as gasolinas mais caras do mundo também.

O nosso Deputado Weliton Prado fez uma bela apresentação, muito rápida, sobre os números. É isso mesmo.

Segundo o Deputado Paulo Magalhães, do PSD, desafios são oportunidades. É isso, sofremos da crise das oportunidades. Uma coisa é ser uma empresa sem o pré-sal: é mais previsível, o imponderável é menor. Quando uma empresa tem o pré-sal ela não passa a imagem de que está tudo resolvido, de que está tudo fácil; é tudo muito difícil. Fazer acontecer é muito difícil, mas nós temos um bem excepcional na PETROBRAS: primeiro, o conhecimento; segundo, as descobertas. No meio, é só uma questão de tempo e respeito às empresas de bens e serviços no Brasil. Nós precisamos trabalhar com elas e reconhecemos que isso, além de fazer bem para o Brasil, também traz ganhos para a PETROBRAS.



Eu disse que não está tudo resolvido. O TCU, para nós, tem uma importância muito grande, inclusive na gestão. Existem várias questões que foram colocadas aqui. Eu não tenho certeza se é preciso, mas é muito próximo disso, pelo menos do meu conhecimento. Nós temos um trabalho forte para responder ao TCU, porque a nossa gestão fica melhor quando nós fazemos assim. Então, no fundo, acaba nos ajudando na gestão. As divergências precisam ser resolvidas, porque acontecem na raiz: a metodologia, a forma de precificar. Tudo isso motiva tantas questões no TCU — e é o que nós estamos discutindo há alguns meses, para que mudarmos o início da história, que provoca tanta divergência.

Deputada Fátima, realmente, um dos meus filhotes queridos é o CTGAS-ER, V.Exa. sabe muito bem disso. Campos maduros, campos terrestres, uma discussão que a gente precisa fazer. Evidentemente, a gente passa por discutir com a bancada dos Estados: se eu não posso fazer tão rápido, será que não seria hora de alguém fazer? Então, essa é uma discussão importante. O futuro são as licitações, especialmente nos blocos de terra.

Como eu disse, eu não posso me posicionar sobre *royalties*. Nós pagamos *royalties*. A PETROBRAS paga. Eu tenho opinião pessoal, muito grande... Enquanto eu estiver nessa cadeira, nessa posição, estiver dentro da PETROBRAS, eu tenho que mantê-la em sigilo absoluto. Nós falamos aqui de Premium I e II...

*(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)*

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Com respeito ao Deputado Simplício Araújo, o que eu posso dizer ao Deputado é que a terraplenagem foi desmobilizada porque a obra de terraplenagem acabou. Então, se você termina a terraplenagem, tem que desmobilizar a terraplenagem. Então, aquele trabalho foi todo concluído. Outras atividades estão feitas, no que se refere à linha de transmissão, no que se refere à torre. Nós precisamos trazer energia para a refinaria. Foi dito aqui...

Eu acho que, se a gente tirar a minha emoção e a emoção do Deputado das falas, a gente tem na PETROBRAS um processo de gestão que trata literalmente de lições aprendidas. Esse é um processo de gestão. Ele está dentro do SINPEP. Funcionários da PETROBRAS que estão aqui sabem do que eu estou falando. Até o Deputado Paulão, que está ali sentado... Você conhece, não é, o SINPEP. Você já



deixou a PETROBRAS há alguns anos, mas está lá o SINPEP. Você não começa outro projeto sem fazer uma grande discussão sobre o anterior. Então, a nossa refinaria RNEST, que tem 75% do projeto de execução hoje, foi, sim, ou melhor, é um grande caso de estudo da PETROBRAS.

E as refinarias Premium I e Premium II, a exemplo do que sugeriu o Deputado Antonio Balhmann, que está ali a minha esquerda, em relação a Premium II, e também vale para Premium I, que é o que nós estamos fazendo. Nós estamos trabalhando em módulos, Deputado. Então, V.Exa. está completamente correto. E o que nós estamos fazendo é reduzindo o CAPEX dessas refinarias. Nós vamos produzir os mesmos milhares de barris, isso não muda — os 300 mil barris de derivados que vão ser produzidos —, mas nós estamos simplificando esses projetos ao máximo.

E, como colocou o Deputado Fernando Ferro, que não está aqui, nós passamos 30 anos sem construir uma refinaria. Então, havia, sim, de se fazer um grande projeto em cima do Projeto RNEST. E é uma lição aprendida, sim, que muito tem nos ensinado. Agora, dizer que a refinaria não existe... A refinaria existe e, muito em breve, V.Exas. vão ter notícias de que essa refinaria partiu.

Maranhão, Premium I. Eu não tenho dúvida de que nós vamos chegar a excelentes métricas internacionais já em julho deste ano sobre Premium I e Premium II. Essas duas refinarias estão dentro do prazo do Plano de Negócios e Gestão 2012/2016 e 2013/2017. Em relação às outras informações que V.Exa. colocou, eu não posso comentá-las. Eu não tenho nem as informações para comentar. Falo da parte técnica da PETROBRAS.

É muito bom que o Maranhão precise da refinaria, que o Ceará precise da refinaria. Essas outras duas refinarias saíram do papel há muito tempo: COMPERJ e RNEST. Elas vão entrar em operação muito em breve. Enquanto o Maranhão precisa muito, a PETROBRAS precisa tanto quanto. Nós não podemos continuar com as importações de derivados, porque ficamos muito expostos à volatilidade dos preços internacionais, a custos de logística, que são extremamente caros. Então, eu digo a V.Exa., Deputado, que nós precisamos muito da refinaria do Maranhão. Eu acho que isso é muito bom.



Gaseificação: a PETROBRAS estuda a gaseificação. Onde está o nosso Deputado que colocou? Quem colocou gaseificação? Pois é, gaseificação do carvão. Eu não tenho certeza se a gente estuda a gaseificação do carvão no Centro de Pesquisas da PETROBRAS, mas nós trabalhamos muito o aproveitamento dos gases quando a gente processa biomassa. Então, eu peço ao Mário, ao meu pessoal que está aqui do lado, que a gente não se esqueça de ver isso, para responder ao Deputado. Sabe por que, Deputado? Porque energia é energia. A gente não pode ter preconceito quanto à energia. Energia é soberania. Hoje está muito bem para o petróleo, para o gás natural. Eu vejo 50 anos à frente, mas em paralelo a gente tem que continuar trabalhando a energia eólica, a solar, o processamento da biomassa, porque isso é que dá soberania a um País.

*(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)*

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Pois é, isso aí está escrito, a gente tem toda essa pujança energética e deveremos saber administrar isso aí. Tudo bem.

Olha, aqui nesta Mesa, a PETROBRAS recebeu vários elogios. Eu fico muito feliz com isso. Nós somos 85 mil funcionários da companhia. Nós temos mais de 30 mil fornecedores que trabalham conosco. Tudo o que fazemos não fazemos sozinho. Aqui há uma amostra da minha equipe, que está aqui me ajudando. É só um pedacinho. Nós somos um pedacinho muito pequeno do universo muito grande que é a PETROBRAS, que são os seus fornecedores, que é a sua indústria de bens e serviços.

*(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)*

**A SRA. MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER** - Nós temos mais de 30 mil fornecedores, considerando a BR e todos os grupos. São muitos e muitos e muitos fornecedores, porque vai desde a comida que a gente manda para as nossas unidades operacionais até o fornecedor de uma turbina, ou seja, é muita gente — e fornecedor daquele fornecedor, com quem interagimos. Então, realmente é assim.

Eu faço um último comentário, que não tem jeito. Todas as empresas que vierem para o Brasil, essas que ganharam as licitações, as brasileiras e as estrangeiras, têm que fazer o conteúdo local no Brasil, porque está escrito no contrato de concessão. O que acontece é que, quando a PETROBRAS dá meio uma



saidinha de lado para alguma coisa, o Governo vem e dá uma puxada na orelha. E a gente tem todo o diálogo com o Governo, pra mostrar aquilo que é factível, aquilo que é razoável. E há uma grande conversa em torno disso. Eu tenho certeza de que o que acaba sendo mais importante é tudo aquilo que faz muito bem ao Brasil e muito bem à PETROBRAS. Eu não conheço quem possa querer fazer mal à PETROBRAS; eu não conheço.

Então, eu agradeço a V.Exas., a PETROBRAS agradece a V.Exas. E eu vou continuar escutando e lendo as oratórias de V.Exas.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

**O SR. DEPUTADO MARCIO JUNQUEIRA** - Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Deputado Marcio, já estamos todos exaustos. Vamos encerrar a reunião.

**O SR. DEPUTADO MARCIO JUNQUEIRA** - Mas eu só quero registrar que eu não me sinto atendido com as respostas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Eu lhe faço um apelo. Eu lhe faço um apelo.

**(Não identificado)** - Eu também não me sinto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Eu faço esse apelo.

Deputado Ângelo, vamos encerrar a reunião.

**O SR. DEPUTADO ÂNGELO AGNOLIN** - Sr. Presidente, eu gostaria, em nome da Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio — CDEIC —, mais uma vez de agradecer à Presidente Graça Foster a exposição no dia de hoje, parabenizando-a pela serenidade, pela tranquilidade, pela convicção, pela forma democrática de participar deste profundo debate, dessa ampla discussão.

Mas queria, minha Presidente, antes de encerrar, fazer uma última colocação. Eu vou me permitir fazer uma última colocação. Considerando a questão da educação, aqui colocada pela Deputada Fátima e por nós, queria deixar uma proposta concreta para a senhora ajudar a construir o caminho para que os recursos cheguem à educação o mais rápido possível.

A proposta é a seguinte. Um dos campos ainda não explorados poderia ser destinado para a educação, em parceria com a PETROBRAS. Que pudéssemos



destinar uma fatia de um dos campos, por exemplo, o Campo de Libra, para educação, assim que pudéssemos ter dali comercialização de produto. É apenas uma proposta concreta, para que a gente consiga vencer essa fase entre as contratações e a comercialização.

E, no mais, externo a nossa gratidão por sua presença, pela convicção e pelas respostas dadas a todo este Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Eduardo da Fonte) - Sra. Presidenta Graça Foster, antes de encerrar, gostaria de agradecer, em nome da Comissão de Minas e Energia, a sua participação e a parabenizá-la pela humildade ao nos responder durante mais de seis horas de audiência pública. Tenha certeza de que V.Sa. esclareceu todos os pontos, além de ter abrilhantado os trabalhos desta Comissão.

Antes de encerrar os trabalhos, mais uma vez, em nome do povo pernambucano, faço-lhe um apelo: que a gente possa implementar o novo polo têxtil no Estado de Pernambuco, concluindo a etapa final da Petroquímica Suape, que, tenho certeza, irá fazer com que não só Pernambuco, mas todo o Nordeste, continue num ritmo de crescimento importante. Desse modo, poderemos minimizar os impactos sociais que essas grandes obras geraram no Estado de Pernambuco. Fica aqui o meu apelo para que V.Sa. possa implementar logo em seguida o polo têxtil de Pernambuco, para que a gente possa gerar 300 mil empregos naquele Estado e em todo o Nordeste.

Meu muito obrigado, e que Deus abençoe a todos.

Nada mais havendo a tratar, vou encerrar a presente reunião, antes, porém, convocando os senhores membros para reunião ordinária deliberativa, a ser realizada na próxima terça-feira, dia 28 de maio, às 14h30.

Está encerrada a sessão.